Ie ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

ANO 2 · N. 5 15 FEVEREIRO 1932

REVISTA NOVA

DIREÇÃO DE PAULO PRADO, MARIO DE ANDRADE E ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO

GERENCIA DE NELSON PALMA TRAVASSOS

EDUARDO PRADO — MOMENTO
SERGIO MILLIET — MANOEL DE MORAES
ALBERTO RANGEL — POEMAS
RIBEIRO COUTO — CRUÊRA (II)
ERMELINDO A. DE LEÃO — SAMUEL
MARTINS DE ALMEIDA — O VILEJO DE PIRATININ
ALFREDO ELLIS (JUNIOR) — CAFE', CAFE' E MAIS CAFE'
JOSE' DE MESQUITA — POPULAÇÕES PAULISTAS (IV)
CORA'

Cronica

PEDRO DANTAS — PERSPETIVAS

Etnografia

AMADEU AMARAL JUNIOR — SUPERSTIÇÕES DO POVO PAULISTA (III)

Notas

de

A. C. COUTO DE BARROS, JOSE' DE ALMEIDA CAMARGO, CARLOS PINTO ALVES, TACITO DE ALMEIDA, AMADEU AMARAL JUNIOR, ORESTES GUIMARÃES, MARIO DE ANDRADE E ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO

Brasiliana — Resenha

RUA XAVIER DE TOLEDO N. 72
SÃO PAULO

REVISTA NOVA

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

(fevereiro, abril, junho, agosto, outubro e dezembro)

DIRETORES: PAULO PRADO, MARIO DE ANDRADE E ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO

GERENTE: NELSON PALMA TRAVASSOS

Redação e administração:

RUA XAVIER DE TOLEDO, 72

TELEFONE: 4-7547

SÃO PAULO

ASSINATURA ANUAL . . . . . 28$000
(remessa registrada)

NUMERO AVULSO . . . . . 5$000

REVISTA NOVA

NÃO SE RESPONSABILIZA PELAS IDEAS DE SEUS COLABORADORES QUE GOZAM DA MAIS AMPLA LIBERDADE DE OPINIÃO E CRÍTICA

ESTÃO AUTORIZADOS A ANGARIAR ASSINATURAS:

LIVRARIA
JOSÉ OLIMPIO
RUA DA QUITANDA
SÃO PAULO

PLINIO DOYLE
RUA DO OUVIDOR N. 59, 2.º
RIO DE JANEIRO

JOÃO MENDONÇA
RUA D'AURORA N. 237
RECIFE
PERNAMBUCO

ANNO 2 15 FEVEREIRO 1932 N. 5

REVISTA NOVA

Direção de Paulo Prado, Mario de Andrade e
António de Alcântara Machado

Gerencia de Nelson Palma Travassos

VOLUME 2.°

RUA XAVIER DE TOLEDO, 72
SÃO PAULO

Momento

Na tarde daquela terça-feira, 22 de janeiro de 1532, a nau Nossa Senhora das Candeias, onde se achava o capitão-mór Martim Afonso de Sousa, e o galeão São Vicente deixaram o fundeadouro da Ilha do Sol e passando deante da do Mudo demandaram a praia de Tumiarú. A terra lhe "pareceu tão bem" que Martim Afonso "determinou de a povoar", erguendo ali uma vila. E mais tarde, guiado por João Ramalho, subiu o capitão-mór aos campos de Piratininga onde fundou outra, "9 leguas dentro pelo sertão".

A "Carta de poder", mandada passar por Dom João III em novembro de 1530, dava ao capitão da armada autoridade bastante para prover quanto ás "coisas de Justiça" nas terras que "achar e descobrir", indicando para tabeliães e demais oficiais pessoas "aptas e pertencentes". Assim Martim Afonso, de acôrdo com as instruções recebidas, alicerçou na lei a colonização da India Brasilica, virgem e brava, já cubiçada pelo francês. Repartida a gente que trouxera pelas duas vilas, informa Pero Lopes, "fez nelas oficiais e pôs tudo em boa obra de justiça, de que a gente toda tomou muita consolação, com verem povoar vilas e ter leis e sacrificios, e celebrar matrimonios, e viverem em comunicação das artes, e ser cada um senhor do seu, e vestir as injúrias particulares, e ter todos os outros bens da vida segura e conversavel".

Onde tudo era sertão bruto, o colonizador deixava os homens, desarmados deante da natureza inimiga, já garantidos uns contra os outros pela fôrça da lei e remédio da justiça.

Naquele isolamento, sob a influência do meio selvagem que relaxava os costumes e tornava os reinois "peores que os mesmos indios", a lei e a religião asseguravam a função civilizadora do desbravamento. Muito embora simulacro de justiça (como não podia deixar de ser) e simulacro de religião (como viria parecer aos jesuitas), eram esses os unicos laços que prendiam os primeiros povoadores á autoridade da Metropole, não permitindo deturpassem de todo a missão civilizadora que lhes confiara o Rei.

Quatro seculos passados, comemorando ou apenas relembrando sob o regime inconstitucional a fundação da celula primitiva, o Brasil há de sentir a ironia cruel do contraste. Em 1532, o primeiro ato da Metropole, iniciando o povoamento, foi colocar "tudo em boa obra de justiça" na terra conquistada. Em 1932, vindo confessadamente desde mais de um ano para restabelecer o regime legal que dizia violado, o govêrno conserva suspensas as garantias constitucionais.

Que esperam os quarenta milhões de hoje para reivindicar aqueles mesmos "bens da vida segura e conversavel" que tanta consolação deram aos trezentos fundadores vicentinos?

Manoel de Moraes

No pequeno arquivo deixado por Eduardo Prado há uma nota de que já estavam escritos dois capitulos, e apenas esboçados dois outros, de seu livro sôbre o padre Manoel de Moraes. Parece, entretanto, que a obra se achava concluida, quando faleceu ele em São Paulo, em 1901. Confirma essa presunção o fato de existir uma prova impressa da página de titulo, que é a seguinte:

Eduardo Prado
Da Academia Brasileira

Manoel de Moraes
(Episodio Colonial)

Além do capítulo IV, que parece terminado, há nesse arquivo o esbôço de um outro, uma introdução e uma lista bibliografica bastante minuciosa. A coleção dos documentos extraidos de varios arquivos europeus é extensa, sobresaindo nela uma cópia do curriculum vitæ *da Companhia de Jesus referente a Moraes e fornecida a Eduardo Prado pelo padre Carlos Sommervogel, bibliografo da*

Companhia. A REVISTA NOVA publicará, num dos seus proximos numeros, esse precioso documento, até agora inedito.

Nada se sabe do destino que teve o livro de Eduardo Prado E' possivel que por muito tempo ficasse esquecido na tipografia de algum editor, em Paris. E' mais um misterio que envolve o estranho personagem que foi o padre Manoel de Moraes, "fugidio e vago", como diz o escritor paulista. (x)

(x) De um artigo de Capistrano de Abreu sôbre Eduardo Prado, escrito a 5 de setembro de 1901 para o **Jornal do Comércio** do Rio e reproduzido na **História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão** do padre Claude d'Abbeville (repr. fac-simile, ed. de Paulo Prado, Paris, 1922): "Outro assunto de preferencia prendeu-lhe e por último fixou-lhe a atenção: o Padre Manoel de Moraes, tambem jesuita, natural de São Paulo, missionario entre os indios da capitania de Pernambuco, chefe de guerrilhas na invasão holandesa, passado ao inimigo quando êste tomou a Paraíba, converso ao calvinismo, emigrado para a Holanda onde casou e serviu de teologo á Companhia das Indias Ocidentais, naturalista, tornado ao Brasil ao tempo da revolução pernambucana, preso, mandado á Inquisição e por ela processado. Para êste livro fez extensas investigações: desencavou em Simancas a correspondencia de Matias de Albuquerque, obteve em Roma o **curriculum vitæ** de seu heroi emquanto pertenceu á Companhia de Jesus, copiou em Lisboa o processo perante o Santo Ofício, conseguiu diversos escritos ineditos, como uma resposta de Moraes ao **Papel forte** de Vieira, e uma classificação de plantas brasilicas, a primeira certamente feita por brasileiros, existente em Leipzig. Não encontrou a sua História do Brasil, mas deixou claro que se tratava de uma história natural e não civil; podemos, pois, descançar que não devia ser muito diversa de Gabriel Soares, dos **Dialogos das Grandezas**, ou do livro de Piso e Marcgrav. Tambem escapou-lhe o Paradoxo politico em defesa de D. João IV, de que, apesar de impresso, não se conhece hoje um só exemplar, porque Manoel de Moraes recolheu a edição, segundo parece; mas pela resposta de Caraumel pôde fazer idea exata do conteúdo e apresentá-lo. Segundo expôs ultimamente em larga conversação, o livro começa por uma descrição de São Paulo nos fins do seculo 16, onde e quando nasceu o padre; transporta-o para o Rio, lugar de seus primeiros estudos; estuda, a proposito da Baía, onde continuou, o sistema de educação e a organização jesuitica da colonia, tal qual se adaptaram ás contingencias do meio, e a tomada da cidade pelos holandeses; passa ás missões do Norte e ás guerrilhas pernambucanas; termina, emfim, no tribunal da Inquisição. Veja V., dizia com legítima satisfação, uma personagem de nossa história sôbre a qual todas as notícias apuravam-se em meia duzia de linhas, fica agora uma das mais conhecidas. O processo contém sôbre

CAPÍTULO IV

Não podia a autoridade pública da colonia como da metropole ficar inerme deante do grande escandalo com que Manoel de Moraes, partindo para a Holanda, deu mostras de romper com a sua fé antiga e deixou-se desprender e separar sem protesto aparente da comunhão de seus compatriotas. O seu aprisionamento pareceu suspeito aos portugueses e entre êles prevaleceu a opinião de que os holandeses não levavam um prisioneiro, mas sim um desertor. Esta opinião não encontrou contraditores tanto mais quanto a última fase do jesuita transformado em chefe de guerrilhas não tinha sido de devota piedade, mas de livre expansão de todos os instintos menos santos na soltura da vida dos acampamentos, nas violencias das lutas de todo o dia e na quebra de todas as peias da obediencia.

Correu pela costa do Norte, penetrou pelo sertão a notícia de que o jesuita apostatára da Igreja Catolica. A Companhia pela primeira vez, depois de uma existencia secular no Brasil, sentia-se ferida na sua glória e na sua honra. O descredito daquele padre afetava a Igreja, e a traição daquele chefe militar de indios ameaçava separar os indigenas dos portugueses trazendo para os holandeses o inesperado refôrço da raça aborigene de que Moraes era o guia e o chefe em Pernambuco.

A sociedade colonial ainda informe, a Igreja e o Estado representado pelos seus funcionarios, todos tinham então, para

---

as capitanias do Norte as noticias mais novas e mais interessantes: depõe João Fernandes Vieira, depõe Martins Soares Moreno, a quem o padre atribúi todas as desgraças e perseguições, por ser seu inimigo; depõe o Camarão, declarando depois do combate das Tabocas que tem menos de cincoenta anos, o que bem mostra como andam ás tontas essas histórias todas que o dão batizado ao tempo das pretenções do Prior do Crato. A história do padre Manoel de Moraes, — história, porque não trata de simples minucias biograficas, mas coloca-o sempre no meio em que agiu, a história, assegurava, está concluida, dava um volume de 700 páginas no formato da biografia de Nabuco. Um dos fins da sua recente viagem ao Rio, era procurar editor que quisesse publicá-la..."

punir a ofensa feita á Religião, á Patria e ao Rei, um órgão legítimo da vingança pública: a Inquisição.

O bispo do Brasil na sua Sé da Baía, era o representante natural da Inquisição do Reino; em nome dela e como seu delegado e Visitador, eregia-se em ramo do Tribunal do Santo Ofício, podia mandar chamar qualquer á sua presença, interrogá-lo, tomar sôbre ele testemunhos, declarará-lo culpado e remetê-lo para Lisboa. Certamente quem tiver em vista que o tempo da duração do regimen colonial no Brasil abrangeu periodos de grande atividade da Inquisição portuguesa, deverá concluir, deante do número relativamente diminuto dos processos inquisitoriais na colonia, deante da brandura tambem relativa das suas decisões, que no Brasil foi pequena, e muito mais temida do que praticamente sentida, a ação material do Santo Ofício. O indio recémconvertido não trazia na sua alma, no seu sangue restos de uma antiga religião que fosse necessario estirpar, não havia nele raizes reconditas de velhas crenças capazes de rebrotarem depois de rôtas e talhadas pelo arado da catequese lavrando fundo a terra conquistada. O aborigene americano convertido e o seu imediato descendente não tinham as tradições indestrutiveis do Indostão, e não era de recear entre eles o reaparecimento do culto abolido, perigo que a Inquisição de Goa teve de impedir a ferro e a fogo. Demais, eram pobres e nisto diferentes dos cristãos novos de Portugal que, ricos, ofereciam juntamente com suas almas a salvar, os seus bens a confiscar. A Inquisição pouco teria que ganhar com os indios, os mestiços e os colonos do Brasil. O país era muito vasto, o homem livre na solidão e o braço inquisitorial, por muito longo que fosse, estendido através do Atlantico, apenas alcançaria as povoações da costa, não atingindo ás matas nem indo até aos campos desertos do sertão. E o colono, e principalmente o mestiço, era insofrido e pouco respeitoso: Receberei as Inquisições a flechada, dizia o mameluco paulista. No caso de Moraes, porém, a Inquisição não atuava de encontro

ao sentimento da colonia. Era ela o órgão verdadeiro nesse momento da opinião pública.

O bispo D. Pedro da Silva, não no seu palacio, que esse nome não se podia dar então á casa em que vivia o unico bispo do Brasil, mas como dizem as Inquisições do tempo: "nas casas onde vive o ilustradissimo bispo do Brasil", constituiu-se em Tribunal, tendo como notario o padre da sua Catedral, Francisco Gonçalves. Dispôs-se a tomar estreita informação do ato de Manoel de Moraes, que toda a colonia estigmatizava ou comentava.

A 18 de Agosto de 1635 aparecia perante o bispo o franciscano da Ordem Terceira, Frei Belchior dos Reis, e dizia debaixo de juramento e segrêdo: "que o Pe. Manoel de Moraes, prègador da Companhia, sacerdote que no Rio Grande andou por cabo de Indios, agora depois que os hereges tomaram a Paraiba, se meteu com eles e é publico, anda em trajo de leigo, com espada contra os catolicos como os mesmos holandeses fazem e dá mostras de herege e confessa ser vassalo do Principe de Orange o que sabe por ser notorio e muito escandaloso, do que poderão dizer Francisco Serrano, Sargento Mór que foi do Terço de Portugal em Pernambuco e prisioneiro dos holandeses e agora está em Portugal, e Dom Pedro Sueiro Soito Mayor que foi prisioneiro e está na Lagoa do Norte..." (1)

No dia 28 comparecia o cura do Penedo, Padre Manoel dos Passos, e afirmava "ser público e notorio que o Pe. Manoel de Moraes, sacerdote, prégador Religioso da Companhia e que sabia a lingua dos Indios e a cujo cargo estava, tomara hábito secular, se metera com os holandeses; que animava o gentio contra nós; que negava a adoração da Cruz e das Imagens e dizia que ainda Nosso Senhor o não desamparara e que, se o não desamparasse de todo, não havia de ficar Cristão no Brasil porque se atrevia a ajuntar o gentio todo assi. O que ouviu em especial o Capitão Antonio Fernandes Botelho, que

---

(1) **Torre do Tombo: Cadernos dos Promotores, caderno n. 19, fls. 398.**

estava agora na Alagoa. Acrescentou que o dito Manoel de Moraes há ido á Holanda a pedir mercês ao Principe de Orange e o ofício de governador geral das aldeias de Pernambuco...” (2)

No dia 30 de Agosto comparecia perante o bispo o Padre Frutuoso de Miranda que declarou ter estado em Pernambuco desde a quaresma de 1635, isto é, depois da partida de Moraes para a Holanda em Março ou Abril. Tinha tambem êste Padre alguma cousa que dizer. Disse “que era voz e fama que o Padre Manoel de Moraes, da Companhia, sacerdote que andava por capitão de Indios, se passara voluntariamente para o inimigo e muitos diziam que andava aos assaltos contra nós.”

O Capitão José de Soito Mayor disse que “em Pernambuco era público que Moraes assistia na guerra contra nós.” (3)

O bispo remeteu para Lisboa esses depoimentos, e no mês de Dezembro do ano seguinte de 1636, no dia 3, ainda recebia outro depoimento. Era do Padre Manoel de Carvalho (4), natural de Pernambuco. Nele dizia de Moraes: “que tinha a seu cargo os Indios com os quais pelejava por nós no Arraial, antes que se perdesse a campanha como capitão deles, o que ele testemunha lhe viu fazer — e depois de o Arraial perdido ouviu dizer geralmente e era público, voz e fama naquelas partes entre a gente principal, que o dito Moraes, perdido o Arraial, apostatara e deixara nossa santa fé e se fizera Calvino, deixara crescer a barba e mudara vestido e convocara os Indios e os fizera pôr de parte do inimigo contra nós e tomara armas contra nós. E que querendo o inimigo fazê-lo capitão e mandá-lo como adjunto a Moribeca, povoação da Campanha, ele dissera que adjunto não. Que o deixassem ir capitão e que veriam que a nenhum português dava a vida. O que não tivera efeito por o inimigo se não querer fiar dele. E’ público que no Re-

---

(2) Ibidem, fls. 399.

(3) Ibidem, fls. 400.

(4) **Cadernos dos Promotores**, caderno n. 19, fls. 402 v.

cife dissera o dito Moraes a um frade Capucho que lá levaram primeiro, que até agora andava errado em seguir nossa Santa Fé; que a sua seita heretica que seguia era a boa e que a seguisse ele tambem. E dizem que o dito Padre Moraes se foi para a Holanda e dizem que lá se casou."

Quando êste suplemento de informação chegou a Lisboa já lá estavam aqueles depoimentos tomados na Baía em Julho e em Agosto de 1635, e já denúncia direta contra Moraes havia sido dada no Santo Oficio. Um certo Manoel de Vasconcellos avisou á Mesa do Santo Ofício que Domingos Velho, natural dos Contos de Alcobaça e morador por mais de vinte anos nas partes do Brasil, tinha alguma cousa que denunciar á Inquisição. No dia 22 de Outubro de 1635 foi mandado chamar êste Domingos Velho e êste dando larga notícia do seu trato com Moraes durante a guerra de Pernambuco, repetiu o que no Brasil se dizia a seu respeito quanto á partida para a Holanda. Era natural esse dito de Domingos Velho, pois o padre convertido ao protestantismo invariavelmente vai ao encontro dêsse obrigado episodio do casamento. Era isso assim há três seculos, e hoje é a mesma cousa. E não parou aí a denúncia de Domingos Velho: segundo ele, Moraes, mandando uma esquadra de três navios holandeses, partira já para o Brasil. Era o éco do que correra meses antes em Pernambuco segundo já nos contou o Padre Francisco Ferreira, reitor de Pernambuco, na carta de 18 de Junho de 1635 ao Geral dos Jesuitas, quando noticiando o embarque de Moraes acrescentou: "... dizem que com alvitres aos Estados e que virá cedo com úa grossa armada a conquistar tudo." Acrescentou porém Domingos Velho que êste ultimo caso lhe fôra narrado por um certo Vicente, mestre de uma caravela. (5) Foi logo descoberto esse homem, que era Domingos Vicente, que dois dias depois veiu depôr na sala de despacho da Inquisição. Fôra capturado na Paraiba ao mesmo tempo que Moraes e com ele trazido a Amster-

---

(5) **Cadernos dos Promotores, caderno 14, fls. 212.**

dam pelos holandeses. De Amsterdam passara á Inglaterra onde se encontrara em Londres com alguns soldados portugueses vindos tambem da Holanda, dos aprisionados na Paraiba e que estavam de volta para Portugal. Era notorio entre eles, disse o mestre da caravela, que "o Pe. Moraes se deixara ficar em Amsterdam voluntariamente, e que lá se casara com uma filha de um dos principais da Bolsa e que se aprestava para ir com três navios, por cabo deles, em socôrro de Pernambuco". Esses soldados "foram dar conta disso ao embaixador de Espanha que ali reside na côrte de Inglaterra, e êste tinha por carta avisado a el-rei de Espanha". (6)

Foram estas denúncias arquivadas e durante três anos não ouviu mais a Inquisição falar de Manoel de Moraes. Não chegara a Pernambuco nem partira de Holanda a esquadra que devia ir comandando o antigo jesuita e esta falsidade pareceu de certo motivo para lançar dúvidas sôbre o caso. A 14 de Novembro de 1639 depunha Duarte Gutteres perante a Mesa e dizia que quatro ou cinco anos antes em Amsterdam se achou ele com "Manoel de Moraes, português. Não sabe donde é natural, e foi Pe. da Companhia no Brasil, o qual é casado, com filhos e se tinha feito calvinista e por tal era tido na dita cidade, e que o dito Manoel de Moraes havia sido sacerdote de missas e que poderá dar razão do sobredito o Pe. Inacio Estaforte (Stafford?) na casa de S. Roque desta cidade". Dava essa denúncia por descargo de sua conciencia e por assistir em Amsterdam em razão das suas mercadorias, haveria doze para treze anos. (7)

Não foi convocado o Padre Inacio Stafford e a Inquisição fez de certo novas indagações, porque três dias depois aparece á

---

(6) **Ibidem e repetido no Processo, fls. 21.**

(7) **Processo** n. 4847, fls. 8. O denunciante assinou: **Duarte Gutteres Estoque.** Seria o seu verdadeiro nome Stock ou Stockler? Era talvez cristão novo. Provavelmente é o mesmo Duarte Gutterez de quem D. Francisco de Sousa Coutinho, embaixador na Holanda, fala a D. João IV em carta de 1.º de Agosto de 1643 (Torre do Tombo, n. 1341 dos Livros Mss. pertencentes ao Santo Ofício) e que o embaixador diz ser grande amigo do secretário Feliciano Dourado.

Mesa Frei Tomaz Alagre, religioso carmelita do Brasil. Contou êste frade que a 28 de Junho de 1639 fôra desembarcado em Amsterdam por uns holandeses que o tinham trazido prêso do Brasil. Em Amsterdam fôra-lhe mostrado Moraes, que ele conhecia muito bem de Pernambuco, e que nos diz sér um homem alto, preto, magro e feio. Confirmou a notícia do casamento. A mulher de Moraes já não era porém a filha de um dos principais da Bolsa, mas sim uma viuva pobre. Acrescentou, porém, por lho haverem dito os calvinistas da Paraiba, que Moraes compusera um livro descritivo dos portos do Brasil e que nesse livro havia cousas contra a Fé Catolica. Disse mais que segundo lhe contara Duarte Gomes da Silveira, num jantar em casa do Governador da Paraiba, Carpenter, deante de mais de vinte pessoas, numa quinta-feira santa, emquanto Duarte Gomes e os outros portugueses comiam queijo e azeitonas, Moraes comera carne e respondeu ás censuras dêstes dizendo-lhes que "o deixassem, que queria viver com aqueles homens". (8)

Passam-se mais oito meses sôbre o caso de Moraes e só em Junho de 1640 começa propriamente o seu processo. Achava-se então em Lisboano Colegio de Santo Antão, o jesuita Padre Rafael Cardoso, que fôra procurador da Companhia na Baía, e foi chamado a depôr. Deu algumas informações sôbre os antecedentes de Moraes no Brasil, e quanto ao casamento na Holanda disse que ouvira essa notícia, mas que não sabia que fundamento tinham os que a davam. (9)

Aparece então como testemunha Frei Antonio Caldeira, religioso de Nossa Senhora da Graça e que assistira no Brasil. E' singular que esta testemunha venha se mostrar zelosa da fé e dos costumes. Frei Antonio Caldeira estivera ele proprio prêso na Baía, para onde fôra remetido em 1636 pelo conde Bagnoli, que o tivera prêso em seu acampamento pelas muitas de-

---

(8) **Cadernos dos Promotores,** caderno 19, fls. 270, e no **Processo n. 4847, fls. 10.**

(9) **Processo n. 4847, fls. 14 v.**

núncias que havia das suas convivencias com os holandeses e pelas gravissimas acusações que havia contra os seus costumes e contra a sua ganancia de dinheiro. Na devassa aberta contra ele pelo Bispo do Brasil, na Baía, devassa de que um traslado existia já no Arquivo da Inquisição de Lisboa (10) há terriveis e numerosos depoimentos. Saiu livre e sem processo dêsse apertado passo, pois o vemos cinco anos depois livre no seu convento de Lisboa e depondo contra Moraes. Repetiu as acusações contra êste pelos fatos do Brasil e confirmou a fama pública da apostasia do ex-jesuita na Holanda. (11)

Tinha despertado a Inquisição e chamado estas duas novas testemunhas porque um mês antes (Junho de 1646), no correr de um processo contra o cristão novo João Fernandes, êste dissera "que se lhe lembra conhecer na dita cidade de Amsterdam, haverá quatro anos pouco mais ou menos, um homem que mostra ser de trinta anos, de poucas carnes e moreno de côr, o qual diziam haver sido religioso da Companhia de Jesus e ter se passado aos holandeses no Estado do Brasil, fazendo algumas cousas em utilidade sua e prejuizo dos catolicos, pela qual razão lhe dava a Companhia dos holandeses, que sustenta a guerra no Brasil, uma certa ordinaria de que ele se sustentava. O qual homem viu ele confitente casado com uma flamenga de profissão calvinista e continuar nas igrejas dos mesmos calvinistas, e, por casado e calvinista estar, comumente respeitado das pessoas que o conhecem, e que não se lembra de o ouvir nomear." (12)

O promotor da Inquisição reteve os testemunhos de Duarte Gutteres, de Frei Tomaz Alagre, de Frei Antonio Caldeira e de João Fernandes e requereu á Mesa que Moraes fosse citado por editos, o que lhe foi deferido em 26 de Julho de 1640, sendo logo lavrado o edital. (13) Convocava êste um grande

---

(10) **Cadernos dos Promotores**, caderno 19, fls. 368 a 386.
(11) **Processo** n. 4847, fls. 15.
(12) **Processo** n. 4847, fls. 47 v.
(13) **Processo** n. 4847, fls. 60 v. a 64.

número de cristãos novos moradores em Lisboa e todos refugiados na Holanda e alguns moradores em Pernambuco, que eram tambem indicados como tambem ali homisiados. Eram eles: João Castanho, Manoel Dias Soeiro, Manoel Carvalho ou Carneiro (sic), Simão Corrêa e Domingos da Costa Brandão. Por último era citado "Manoel de Moraes, cristão velho, sacerdote, natural dos ditos estados do Brasil, religioso expulso de certa religião". A todos era marcado o praso de seis meses para se apresentarem devendo a carta d'editos ser lida e publicada "em alta e inteligivel voz em a Sé Catedral desta cidade de Lisboa e na Praça e Pelourinho velho da rua Nova no primeiro domingo ou dia santo de guarda, quando o povo estiver junto" e devendo "outra carta do mesmo teor ser fixada nas portas da Sé". Esta leitura solene foi feita no domingo 12 de Agosto de 1640.

Na convocação de Manoel de Moraes não se lhe dava a qualidade de jesuita, dizendo-se apenas que ele era "religioso expulso de certa religião". (14) A Companhia de Jesus era porém intratavel em tudo quanto dizia respeito á sua boa fama e ao renome de seu instituto e o Padre Simão Alvares, provincial da Companhia, entendeu dever protestar. Veiu com uma petição ao Santo Ofício (15), dizendo que "em seu nome e de toda sua religião veiu, que na citação, que se fez por editos, por ordem do Santo Ofício, na pessoa de um Manoel de Moraes, sacerdote secular, que das partes do Brasil se passou á Holanda, e lá vive casado ou amancebado, o que se achar na verdade se declarou, que o dito Manoel de Moraes é expulso de certa religião: e porque o dito Manoel de Moraes esteve algum tempo na Companhia e dela foi despedido por suas faltas, antes que

---

(14) Regimento de 1640, liv. III, tit. II, 6: "E sendo Religiosos, de algumas das Religiões e Ordens aprovadas, não levarão ao Auto da Fé o hábito de sua Religião, mas irão vestidos em hábito clerical; e as Religiosas que forem relaxadas, irão com hábito secular, e nas sentenças de suas relaxações que se lerem em público no Auto, se nomearão sómente por Religiosos ou Religiosas de certa Religião, sem se declarar em particular o nome dela".

(15) Processo n. 4847, fls. 55 v.

se passasse aos Holandeses, e muito antes que professasse outra lei, e nunca na Companhia fez votos solenes, senão os votos simplices, acabados os seus dois anos de Noviciado e pela expulsão que a Companhia dele fez ficou livre e desobrigado dos votos da Religião, no estado dos mais clerigos e sacerdotes seculares, e não se pode chamar religioso, nem dizer-se que o é, conforme as Constituições da Companhia, aprovadas pela Sé Apostolica, e ao comum dos Doutores que na materia escreveram". O provincial justificou o seu dito citando as Constituições da Companhia e a opinião de Sanchez. Ponderou mais "que muitas pessoas têm lido ou vão lendo o dito edital e o vão escrevendo por todo o Reino e partes estrangeiras o que pode resultar em grande descredito da Companhia e seus religiosos, como o é quando semelhantes cousas se divulgam e porquanto dêste Tribunal é atalhar semelhantes infamias, como a Companhia tem experimentado muitas vezes em outras ocasiões". Concluindo, o Padre Simão Alvares pedia á Inquisição que "não só na sentença, que se há de dar ao dito Manoel de Moraes, mas logo de presente, se entendem as ditas palavras, fazendo-se outro edital na forma que se costuma, aos mais sacerdotes seculares".

Êste pedido do Provincial foi a informar a três dos Inquisidores, Dom Alvaro de Athayde, Dom Diogo de Sousa e Pantaleão Rodrigues Pacheco. Êstes Inquisidores acharam descabida a reclamação do Provincial e dando as suas razões fizeram ver quão desacertado seria confessar e emendar publicamente como um êrro uma cousa que o não era. A Mesa da Inquisição porém acedeu ao pedido do Padre Simão Alvares e a 25 de Agosto mandou tirar o edital e determinou que na sentença não se trataria de haver Manoel de Moraes sido religioso. (16)

Começou a correr juridicamente o praso. Quando já dois terços dele estavam passados houve um acontecimento que paralizou de certo a Inquisição, tal foi a comoção dada a todo o

---

(16) **Processo n. 4847, fls. 57 v.**

Reino. Foi subvertida repentinamente a 1.º de Dezembro de 1640 a ordem política e o gôverno espanhol existente em Lisboa pela manhã, e representado pelos governadores em nome do rei de Espanha, já não existia á tarde daquele dia. A Inquisição porém era uma máquina por demais poderosa para se deter na sua marcha. Os Inquisidores foram de certo surpreendidos, houve algumas mudanças no seu pessoal, mas continuou o movimento, lento, imperturbavel, irresistivel da sua marcha ordinaria. A primeira revelia de Manoel de Moraes deveria ser acusada pelo Promotor a 12 de Fevereiro de 1641 (17), mas só a 8 de Julho decidiu-se o Promotor a fazer esta acusação. O Promotor que tanto se opusera a reconhecer que a Inquisição tinha errado designado no edital o Réu como religioso, persistiu na sua opinião primeira e na acusação da revelia diz: "Manoel de Moraes, Religioso da Companhia de Jesus". (18) Era porém esse documento secreto e por isso não teve o Padre Simão Alvares de fazer nova reclamação. Pedia nesse papel o Promotor que o Réu fosse dado por citado e os Inquisidores o mandaram apregoar pelo porteiro á porta da sala. Foi assinada ao Réu a espera de mais dez dias.

No fim de dez dias o porteiro em altas vozes, por ordem dos Inquisidores e a requerimento do Promotor, de novo chamava por três vezes, e em vão, Manoel de Moraes á porta do Tribunal, que então o mandou lançar da causa dando ao Promotor outros dez dias para contra ele requerer. (19) No dia 28 de Julho, acabado o terceiro praso de dez dias dado a Manoel de Moraes, novo e inutil prégão do Porteiro, e desta vez só cinco dias foram concedidos ao Réu para se apresentar, e a 5 de Agosto o Promotor pedia para entregar o seu libelo.

Novo prégão do porteiro e o praso de três dias foi dado para o Réu vir contradizer o libelo. Êste libelo, que ficou sem

---

(17) **Regimento de 1640, 11 tit. XIX, 5.**

(18) **Processo n. 4847, fls. 64 v.**

(17) **Regimento de 1640, liv. 11, tit. XIX, 5.**

contradita, depois de um último prégão, reproduzia as accusações já feitas, pedia que o Réu fosse declarado "por herége apostata da nossa santa fé catolica e que, como tal, incorreu em sentença de excomunhão maior e confiscação de todos os seus bens aplicados a quem de direito pertencerem, e que por herege apostata contumaz seja a sua estatua em seu nome entregue á justiça secular e sua memoria e fama danada, com custas." (20) Foi publicada a prova da Justiça autora, constante de um resumo dos ditos das testemunhas e o Réu esperado ainda por mais dez dias. Decorreram porém oito meses sem na Inquisição de novo se falar em Manoel de Moraes.

O Santo Oficio até aqui observara rigorosamente as formas da sua lei fundamental, que era o *Regimento* de 1640. Prescrevia esta lei (Liv. 11, Tit. XIX) que, passado o termo da citação dos ausentes "se sobrestará na causa por tempo de um ano e passado ele se continuarem em sua contumacia, se procederá nela, acusando as revelias".

Ora essas revelias foram ilegalmente acusadas antes do praso de um ano. E' êste o unico ponto em que no processo de Moraes procedeu contra a lei o Tribunal. Não era o caso de grande importancia, tratava-se de um Réu ausente e que, segundo todas as aparencias, nunca se apresentaria. A 10 de Março de 1642 fez-se Assento (21) declarando que havia prova bastante para o Réu ser convicto, devendo os autos ser conclusos, como a 28 de Março o foram, ao Conselho Geral para dar a sentença em execução dêste Assento, em virtude do quê foi lavrado o acórdão assinado pelos Inquisidores Pedro de Castilho, João Delgado Figueira.

Era Manoel de Moraes designado como Sacerdote teologo e condenado com varios fundamentos. Julgava-se provado o seu apartamento da fé catolica pelo fato de ter passado aos holandeses, por viver nas terras dêstes, em trajo de soldado, casado

---

(20) **Processo n. 4847, fls. 65.**

(21) **Processo n. 4847, fls. 70 v.**

com mulher herege, por se publicar o Réu crente e observante na seita calvinista, frequentar e aprovar as suas prédicas e por, estando são e bem disposto, comer carne nos dias proibidos. Julgou-se tambem provado "ter ele feito certo livro em prejuizo da conquista do Reino e utilidade dos ditos Hereges, que por esta causa lhe haviam consignado certa ordinaria." (22)

Dizia ainda a sentença: "Declaram ao Réu Manoel de Moraes, por convencido no crime de Heresia e apostasia, e que foi e ao presente é Herege, apostata de nossa santa fé catolica, incorreu em sentença de excomunhão maior e confiscação de todos os seus bens aplicados a quem de direito pertencerem e nas mais penas em direito contra os semelhantes estabelecidas e o excluem do gremio e união da Santa Madre Igreja: e em detestação de tão grave crime, relaxam sua estatua, que presente está á Justiça secular, a quem pedem com muita instancia que se o Réu em algum tempo comparecer, se hajam com ele benigna e piedosamente e não proceda á pena de morte nem efusão de sangue". (23)

A presença da estatua na falta do Réu, ao ser pronunciada a sentença, era cousa propria do simbolismo judiciario do tempo. Parece-nos hoje cousa estranha, mas se fazemos estatuas para honrar os homens, se os Romanos aos funerais e ao triunfo faziam comparecer os antepassados em estatua, se a Religião Catolica tem nas imagens uma forma expressiva do culto á divindade e aos santos, se êste fato é comum a tantas religiões e civilizações tão diversas, a personificação material do homem em uma estatua não nos deve surpreender no cerimonial da Inquisição. Nas velhas e misteriosas práticas da magia, era frequente o uso das imagens para alguem influir sôbre a pessoa humana que ela representava. Havia talvez na idea que levava a Inquisição a fazer estafermos, os grosseiros bonecos, representando ausentes e defuntos, na leitura que lhes

---

(22) **Processo n. 4847, fls. 74.**

(23) **Processo n. 4847, fls. 74 v.**

era feita de sentenças, no vestuario de condenados que lhes era imposto e finalmente na fogueira em que eram queimados, havia em tudo isto a remota influência das práticas da magia. Materializando visivelmente aos olhos do povo a condenação de certos individuos, de certas opiniões, de certos crimes, a Inquisição afirmava eficazmente a sua vontade e a sua doutrina. Julgava de certo que uma condenação moral só em palavras manifestada, não exprimia com energia bastante o horror do pecado e a detestação do êrro. Demais se todos admitem que as estatuas idealizadas exprimem honra, não é absurdo que sob a forma de macabras caricaturas signifiquem vilipêndio. A materia das estatuas é de certo tão indiferente á reverência como ao vituperio. A magia porém sempre empregou as imagens dos homens, como meio material de atingir o homem em sua pessoa verdadeira. Um dos sortilegios mais comuns consistia em crivar de alfinetes a imagem da pessoa que se queria enfeitiçar, ou em apunhalar a figura daquele a quem se queria matar. Acreditava-se que de certo modo a vida e a sensibilidade se exteriorisavam do homem para a imagem. (24)

A figura á qual os juizes davam o nome de Moraes estava pronta, tendo á cabeça a carocha, e revestida do sambenito, tudo pintado de vivas chamas entre as quais agitavam diabos negros. Chegou o domingo de 6 de Abril de 1642 e nesse dia figurou na longa procissão do Auto da Fé, que, saíndo da Inquisição, serpenteou pelo Rocio, daí até ao Terreiro do Paço, onde o cortejo formou deante do palacio em frente ao cadafalso onde havia altares armados, junto ao grande estrado donde assistiram ao suplício dos réus justiçados El-Rei Dom João IV, a Rainha Dona Luiza, o Principe D. Teodosio e as Infantas. (25)

---

(24) O Coronel Rochas que é hoje um dêstes sabios de incontestavel valor que exploram a região limitrofe da ciencia com o misterio que nos cerca, parece ter conseguido que uma histerica ou um hipnotisado fosse sensivel no seu corpo aos tratos dados a distância a uma fotografia do paciente.

(25) Mss. da B. N. L. n. 198, de fls. 161 a 166 v.

Designara a Inquisição para prègar nesse Auto o Padre Mestre Bento de Siqueira, da Companhia de Jesus. Não havia grande cordealidade entre a Inquisição e a Companhia e não são muitos os prègadores jesuitas que aparecem nos Autos da Fé. Nestes sermões muitas vezes o elogio da Inquisição tomava a maior parte do tempo. Está impresso o sermão do jesuita Bento de Siqueira (26) e êstes elogios são alí excusados. O prègador entrou logo em materia e tratou da ingratidão dos judeus que formavam a maioria dos que saíam naquele Auto. O tema do sermão foi a imprecação de Jeová que vem no cap. 1 do Profeta Osias, quando o Eterno diz: Não sois o meu povo e eu não serei vosso — *Vos non populus meus et ego non ero voster.* Do pulpito via o jesuita o estafermo representando o homem que fôra seu irmão na Companhia e esta vista devia ser dolorosa ao orador. Houve talvez da parte dos Inquisidores uma certa malignidade na idea de designar um jesuita para aquele sermão, uma vontade de humilhar indiretamente a Companhia. A sentença e a lista dos relaxados calava, é verdade, a circunstancia de Moraes ter sido jesuita, mas a voz pública, como nos diz Simão Alvarez, correra por todo o Reino e os inimigos da Companhia tinham certa satisfação vendo designado e punido como herege um homem que pertencera á mais prestigiosa e á mais pura das ordens religiosas que então existiam em Portugal, puresa e prestigio que não iam sem crear ciumes sobretudo naquele momento em que o favor de D. João IV acolhia os jesuitas e, mais do que todos, os jesuitas do Brasil na pessoa do mais ilustre deles, o jovem Padre Antonio Vieira.

Ao terminar o Auto não restava da estatua de Manoel de Moraes senão um pouco de cinza que um sôpro da brisa do Tejo vizinho dispersou. A notícia porém da apostasia correu

---

(26) Sermão do Pe. Bento de Siqueira no Auto da Fé de 6 de Abril de 1642. Imp. em Lisboa em 1642 nas Oficinas de Domingos Lopez Rosa.

o mundo português, e o fato de um antigo jesuita ter cometido todos aqueles crimes foi de certo aproveitado então por todos os adversarios da Companhia. Naquele proprio ano de 1642, moradores de S. Paulo, a terra onde nasceu Manoel de Moraes, muitos dos quais o conheceram na sua infancia e conheceram a sua familia, numa representação a El-Rei, de que na segunda metade do seculo XVIII Pedro Taques reproduziu uns trechos de duvidosa autenticidade, diziam, requerendo contra os Jesuitas e enumerando alguns pontos da acusação: "Seja o primeiro o que em nossos tempos fizeram nas miseraveis praças de Pernambuco que o inimigo e rebelde Holandês, de doze anos a esta parte tem ocupadas, pois chegou a tanto o seu desafôro que de todas as Aldeias que naquele contôrno havia não ficou Indio e Gentio que com o inimigo se não metesse e com eles o Padre Manoel de Moraes, seu doutrinante que os induziu e persuadiu a cometerem tal insulto e aleivosia fazendo o mór herege e apostata que tem hoje a Igreja de Deus, sendo isso causa e origem de se matarem multidão de homens, mulheres, moços, moças, meninos, comendo-os e forçando as Donzelas etc. etc. etc.". (27) Em S. Paulo havia notícia certa

---

(27) **Pedro Taques, Noticia Historica da Expulsão dos Jesuitas do Colegio de S. Paulo em 1640 (1770). Esta noticia foi impressa na Revista do** Instituto Historico, v. p. . Como infelizmente faz a Revista na publicação dos ineditos, não diz donde foi copiado. Foi sem dúvida do Codice 48 dos Livros Mss. do Arquivo da Torre do Tombo donde transcrevemos o trecho acima. Damos a êste documento a data de 1642, porque ele diz que a guerra de Pernambuco durava havia doze anos, o que, tendo ela começado em 1630, nos leva a 1642. E' de estranhar que a expulsão sendo em 1640 só dois anos depois se lembrassem os vereadores de São Paulo de se desculpar. Demais nos parecem pueris as acusações que Pedro Taques faz aos Jesuitas de terem subtraido êste papel. Os papeis vindo de Ultramar vinham em muitas vias e cópias por diferentes navios e canais em razão dos riscos grandes naquele tempo e se houvesse proposito de o subtrair subtrairiam os Jesuitas outras representações ainda mais veementes que se acham hoje no Arquivo do Conselho Ultramarino, na Biblioteca Nacional de Lisboa. Pedro Taques, como todos os genealogistas, inspira pouca confiança, e como escritor pombalino ainda menos. Haja vista todas as falsificações da **Dedução Cronologica** e de outras publicações feitas sob a inspiração e por ordem de Pombal. No Codice da Torre do Tombo, na passagem citada, lê-se á margem: "Dêste apostata que passou a ser público pregador da doutrina de Lutero trata o **L. Castrioto Lusitano — Restauração de Pernambuco. 1. 6. n. 17**".

do que se passava no Norte do Brasil e não se compreende como em tempo em que já eram famosos os feitos de Camarão e dos seus indios, se escrevesse que em Pernambuco não ficou indio que se não passasse aos holandeses.

Manoel de Moraes, que os Vereadores de S. Paulo estigmatizavam como jesuita, era pelo nascimento e pelo sangue, pelas suas afinidades indias, muito mais um paulista, "com partes de mameluco" como nos dizem testemunhas que o conheceram (28), do que um jesuita, do tipo de jesuita europeu, branco, exigente nos casos de conciencia e protetor da liberdade dos Indios, liberdade que era a grande causa das lutas dos Paulistas com a Companhia.

A notícia do Auto da Fé de 1642 não chegou só ao Brasil. Mais depressa chegou á Holanda onde estava o Paulista a que a Inquisição impusera a mais grave das penas de que podia dispôr contra um ausente: a de ser relaxado em estatua.

Vejamos onde e como Moraes recebeu essa notícia, qual tinha sido até então a sua existencia entre os holandeses e qual a influência que na sua vida teve aquela condenação platonica e que parecia nunca devera alcançá-lo no seu corpo.

EDUARDO PRADO

---

(28) **Processo n. 4847, fls. 9, 10, 12, 13 v., 19 v. e 26.**

Poemas

CONFISSÃO

Oh valsa latejante...

O poema que eu hei de escrever
será nú e simplesmente rude
O poema que eu hei de escrever será um palavrão

Dôr recalcada
inveja mesquinha
perversidades impotentes
todo o fracasso e a sub angústia

O espesinhamento usa bâton

Mas tudo há de jorrar com ele
numa amarga libertação

O cactus com seus espinhos
apertado entre as palmas das mãos
é menos doloroso

Oh valsa latejante...

TARDE

Tarde apopletica com rancores de tufão
Uma nuvem lerda inchada
larga esquimose esconde o sol
e a piscina sob o mormaço
pisca o olho glauco entre os cilios das palmeiras

O corpo nú no cimento escaldado
tem um leve tremor de frio que o vento acaricia

SUBCONCIENTE

Repica o sino bambalão
repica o sino bambalão

Oh triste, quem não treme
ao olhar o fundo do poço?

Eu vi as três Marias
lá no cruzeiro do sul
Viva o cruzeiro do sul
viva a Marselhesa
e viva o bemtevi

O escanfandrista morreu sufocado
porque o cofre do pecado
era muito muito pesado

Repica o sino bambalão

VIRGINDADE ATRAENTE

Escrever... para quê escrever?
Falar cantar... para quê?
Ora dirão diletantismo
Mas sem a faculdade
de formar-se uma nova virgindade
tudo isso é cabotinismo
As palavras estão tão usadas
carcomidas pela ferrugem dos malabarismos
que eu não posso dizer mais nada
e aquilo que os outros dizem tambem não revela nada...

SERGIO MILLIET

Cruêra (II)

(Alguns extratos da correspondencia particular)

Com os papeis imperiais

Diariamente me ocupo do registo dêsses papeis de D. Pedro, desaferrolhados das arcas em que os faziam dormir e mofar os condes d'Eu. Pode imaginar como as horas me fogem nesse debulho de ajudante de escrivão, arrolando as parcelas de tão portentoso inventário. Ao fim do dia tenho os olhos num pirão e a arcada do peito endolorida de vergar-se sôbre a papeleira.

Felizmente a residencia no castelo é muito agradavel. Da biblioteca a perspetiva se alonga das rosas do jardim lenotreano á vegetação ramuda, que se precipita á fimbria do mar distante. A sensaboria vem do céu, quasi continuadamente plumbeo e chorão e abraça-se com a do burgo sonolento e mofino. Compreende-se que a Montpensier não deixasse mais tão triste e feioso lugar. Pedia o carnaval de sua vida de desapontamentos as cinzas humidas dêste pluvioso remanso de quarta-feira de cinzas.

Londres continua

Da chuvosa Eu á nebulenta Londres um salto apenas, que aliás sempre me custa. Eis-me de novo, pois, longe dos fi-

---

V. n. de dezembro de 931.

lhinhos, nessa *Merry England,* vasto viveiro de preconceitos e tumulo de bons costumes, onde sobretudo os tratantes têm o ar de seriedade que tanto os recomenda e impõe ás reverências do mundo inteiro.

Encontrei o mesmo clima agreste, a mesma gente formalizada e presumida, encarcerada nesses *waterproofs* amorfanhados e sujos com que agora os *gentlemen* se dão o ar de alimpadores de chaminés ou condutores de trem.

Nas mulheres o ar de vício e de cio achei ainda mais pronunciado. No andar automatico a boneca de massapão agita *foulards* e *tulles* de gritante colorido, quando não os esconde no tecido machucado e coriaceo de um impermeavel masculino. Algumas se metem em botas de montar e casacos de marabú. Os olhares de todas trazem a consternação de serem dous milhões de mais que os homens. Faz pena vê-las rolar os bugalhos á viuvez que suas sedas clamantes não permitirão evitar.

Por onde param as *ladies* de ontem, leitoras de Carlota Bronte e de Jorge Eliot, ingenuas ou severas, suspirando com Wordsworth e Coleridge, mais rijas e insipidas que seu *corn beef* e *porridge,* seguras de uma virtude enganchada nos salmos dos pastores de sua seita angular? Devem errar pelo Tamisa, evaporadas nas névoas que sobe do rio, fantasmas de um genero extinto, imagens de uma gravura antiquada e que ninguem reconhecerá mais, desfeitas no alto de um *mail coach* vermelho, no rumo de algum lago da Escocia...

A paisagem invernal

Suas palavras "Do meu balcão sôbre Davos" começam por uma bela oração junqueireana á Luz do Estio cujas saudades o dominam e o ralam. O entusiasmo com que chora as ardencias do tropico é tambem filho da reação ao calabouço artico em que o aprisionaram. Mais tarde quando V. desembaraçar-se dessa arapuca envidraçada do Schaltzap, compreenderá me-

lhor o profundo encanto em que se confeita a terra nestas latitudes, enoivada no trono do solsticio invernal.

Atravessando certa vez em Novembro serranias escandinavas, pasmei pela primeira vez em minha vida ao espetaculo arrebatador dessas alturas empoladas e crespas de frio e desolação. O trem, no vagar de uma feia e fumosa charrúa leirando um algodoal, arrebatava-me pelo meio de pinhais vergados na algida vestidura do setentrião, a qual dava ás árvores nordicas atitudes inverosimeis de uma população esfarinhada e lunar, encocorutada das pelotas de seu linho talar.

O sol faiscava nas agulhas de gêlo, que prendiam as dobras dêsse imenso lençol mortuario, para que não o rompesse o surdo esfôrço dessa floresta que recusava nivelar-se na tumba gelada que a natureza lhe abria. Era belo, meu senhor! A promessa fecunda dos germens dormia num leito de arminho onde ali os depusera o turbilhão aereo das nevascas passadas, o extase da vida purissima na sua forma de coalho e alvinitencia polar.

Tediosa, triste, fria, assim V. qualifica a estação que se aproxima. Entretanto essa paisagem no seu tom de branco maior, nunca é a mesma. Renova-se nos véus que espessa ou adelgaça. E' gêlo, é neve, é *givre,* é geada. Nessas quatro cordas a música boreal dedilha seus scherzos arrebatadores. Do branco de farinha ao branco de alvaiade, que delicadezas de tonalidade e que formas inesperadas de tão rustica arquitetura! Mordeu-o bem fundamente a fulvescencia da luz carioca para não poder imaginar o sonho do velho mundo, aquecendo as reumas á lareira, emquanto lá fora se procede a uma caiação geral.

A vida em França

Quanto a informações novas que me pede sôbre a vida aqui, não melhoram por mais recentes. O preço da libra a oitenta francos tudo explica. O que pode ser passado ao saxão é vendido, o que fica encarece porque a procura sobrepuja a

oferta. A dificuldade de achar-se comodos particulares continua; os hoteis não passam de bolandeiras a expremer a bolsa dos viajantes. Como remédio a todos esses males de empacho, de avidez e irrealização, o francês acendeu um lampeão consagrante debaixo do Arco do Triunfo. Sem mais tirar nem pôr, o nosso Zé do Rancho, acendendo um cirio votivo para chamar chuva na roça...

Um candidato para a Academia

Muito me lembrei um dêstes dias do nosso torrão. A eleição de Jonnart, tendo por concurrente o Maurras, obrigou-me a pensar que a nossa escola de patifaria eleitoral, de descaso do bom senso, de atentado ao pudor da opinião impusera a esta pobre terra os seus processos de pulhismo e desfaçatez. Ao grande arauto e *debater* do monarquismo, ao publicista dos mil recursos de discussão, ao escritor que tem que dizer, ao poeta das linhas magestosas e puras refletidas na safira do Mediterraneo, preferiram um chico glicerio qualquer, notabilizado por um zero intelectual com que se lhe marca a testa de um Cabide de Empregos, rastejante e obliquo aproveitador da sorte numa democracia loterica..

A proposito de eleições academicas, na da praia da Lapa quem irá substuir o Rui? Conheço o nome de um que iria a calhar. E' o talento, é a independencia, é a curiosidade intelectual, é a pena de entalhe, de esfuziada e de graça, é o patriota de tradição, é o homem de bem e de sarcasmo higienico, é a figura que não emurchece na frescura e multiplicidade de seu pensamento e sensibilidade, num país em que a mocidade já nasce candidata a meio soldo e montepio, é o reator dos comodismos do seu meio, é o historiador que não repete nem palmeia as verdades, é o humanista cujo latim não se circunscreve ás folhas roseas do pequeno Larousse, é o jornalista de prôa alta e pontaria certeira de sua grossa e meúda artilharia, é o parlamentar desarrolhado de idéas e elocução... Mas,

que iria fazer tudo isso, que é Martim Francisco, á direita do inefavel A..., á ilharga do lombricoide teuto Muller? Nessa gaiola de bacuráus haverá espaço ao gavião de penacho, a sacudir a asa de arrebate no seu fastigio d'ave que vive contente de andar só pelo alto, desafiando a saparia do bréjo e os surucucus do roçado?

Prohomens.

"Não há dinheiro nem para o entêrro do Brasil" diz-me V., meu coruscante e desabalado Martim, afogando numa pilheria épica e macabra a magua profunda pelos males da Patria. Mas, que poder tem V. de cristalizar a sua desesperança numa facecia dessa ordem! Entretanto já a teriam proferido no Brasil do seculo XVII, por exemplo, quando o assucar, o tabaco e a courama se paralelizavam á borracha, ao café e ao cacau de nossos dias na pauta dos baixos preços.

Houve e há quem em tais circunstâncias apele gravemente para N. S. da Aparecida, para a Fôrça das Cousas e até para a Revolução, quando não a simples Moratoria. V. pede a Aristofanes o sabor de uma gallhofa. Em geral rogamos inocentemente ás prestidigitações do Acaso que tire do fundo do chapéu um prohomem. Ou êste não aparece por modesto receio aos perigos da investidura ou então é o desastre em que sossobra o país, aguentando um malvado ou um tolo.

Mas, não há desapontamento em materia de confiança política que nos livre do retôrno aos fetiches. Esperamos... esperamos... Somos a clientela dos idolos quebrados. Sela-nos a estampilha dos povos inconsistentes, a fé no bilhete da sorte grande que sai para os outros...

O nosso Camisa Preta da Saúde (que eu não sei se já é falecido) é que por mais que fizesse em materia de capitolio só conheceu o xadrez das delegacias do Rio. Somos por vezes bem rigorosos quanto ao cerceio da glória de certos individuos fadados á nossa popularidade.

Se algum dia lhe der na gana sair de casa para ocupar o Catete, livre-se pelo amor de Deus de cingir um réfle de sublevado. Releia para o caso o seu Valerio Maximo. Genecio Cipo, saindo armado da cidade, sentiu que lhe nasciam cornos. Os aruspices consultados declararam que seria Rei se voltasse a Roma. Ele então exilou-se, preferindo os chifres á Corôa... Teriam arrebentado essas excrescencias na testa do Amador Bueno? Porquanto de outros sei, que se coroaram realmente de suas pontas, entrando e saindo armados de suas aldeias sem pretenderem governar cousa alguma, nem mesmo as proprias mulheres...

Os mil corações de Proust

Morreu o difusissimo romancista, mixto de Stendhal e do Mal das Vinhas, Marcelo Proust. Destaco-lhe êste pensamento de últimas horas e que devia definir-lhe a alma de um santo e as supliciantes preocupações do microscopista do Eu: *Avoir nille coeurs et attacher chacun d'eux à une douleur choisie*

Contra o franco

O franco francamente não vai lá das pernas, mais por manobras de Francfort que por outra cousa. O francês sente que lhe apertam a corda ao pescoço e prepara-se a reagir. Ta teia, entretanto, porque em vez de um chefe tradicional e hereditario dão-lhe instituições de irresponsabilidade e anonimia..

A França há-de sossobrar pelo utero de esterilidade voluntaria, mas emquanto fôr possivel a inteligencia e o trabalho suprirem os ovarios, o país continuará nos seus prodigios. Esse ataque ao franco é ainda uma ofensiva ludendorfiana, cujos resultados não corresponderão ao gasto ostentoso dos meios extremos. Tal como na segunda Marne ou no Chemin des Dames...

A rosa de Beaudelaire

Há no monumento de Beaudelaire, perfilado no muro do cemiterio de Montparnasse, um cunho de satanismo que lhe assenta mal. A geração superficial que o amou antes por certos aspetos de extravagancia com que, á procura do novo, foi-lhe do agrado imaginar o poeta, pôs nesse tumulo uma prateleira onde o demonio, que lá está, fosse servido prestar-se á consternação de sua propria obra com uma lágrima de crocodilo no olho de mau olhado.

Nunca sôbre uns pobres ossos humanos se ajuntou tanta intenção de nihilismo, de sarcasmo e de terror macabro. O melodioso e sofredor Beaudelaire não está a comodo sob essas pedras mal intencionadas, que não lhe interpretam dignamente a inquietação da vida, as quedas bruscas de um serafim entontecido na luz que não alcançava... Beaudelaire é representado numa mumia, como se parado ficasse em meio á propria decomposição. Dir-se-ia o corpo de um náufrago, lançado no saco de bordo e esperando na mesa do necroterio o médico legista.

Quando visitei esse monumento, numa tarde fulva e tranquila de Julho, uma rosa toda aberta se inclinava na haste, tentando beijar a lapide sacrilega imposta á memoria do poeta imortal. Era todo o perdão da natureza aos artificios de negação, arquitetados naquele tumulo mais proprio a uma encenação das "Pilulas do Diabo" que á sepultura do grande endolorido das maguas do universo, do bardo das lutas d'alma, piloto dêsse barco de pirata, carregado para além da marca do seguro de todas as dôres e inquietações humanas e o qual sondou os tenebrosos escolhos da sensibilidade, sangrando-se neles...

Rosa, rosa de amor, piedade á impiedade da tumba de Beaudelaire, sorriso vermelho e puro á obra coroada por Satan, de cotovelos fincados á cabeceira dos sonhos esvaidos dêsse morto que cantou o Mal, chorando o bem que não lhe foi dado atingir! *Rosa purpurea e bela,* de que te mando nesta a petala resêca...

Agradecendo um guarda=chuva

Foi na mais graciosa e perfida das ironias que V., homem das saraivadas e coriscos do espirito, me trouxe de lembrança da Italia um guarda-chuva.

Recordar-me-á tal instrumento o seu percurso pelas ruinas do Latium, por lá o ter abrigado dos raios primaveris do sol de Abril ou dalguma garôa esfarinhada e friacha e o ajudado a esgravatar as ervas que apagassem alguma inscrição á beira da via Appia, quando não apontado algum capitel de coluna partida no Forum ou marcado o compasso á nobre ordenança de um hino de Carducci: "SALVE, ROMA DIVINA!"

Eça de Queiroz pôs o sabio Topsius medindo a frontaria do palacio do Grão Mestre, em Malta, com um solene guarda-chuva, massudo e verde. Tratava-se de um utensilio de arqueologo. V. terá se utilizado de objeto semelhante para medir as costas de algum sacripante que o irritasse, a galgar o Vesuvio numa erupção napolitana de *Per Bacchos*... O objeto duplamente utilitario do empachado alemão, servindo de montante ao latino combativo!... Que pena realmente que um semelhante a êste servisse para isso, pois é uma joia brummelesca, artefato de genero niponico, de cana da India e seda de Lião.

Disposto a um giro elegante na Avenida, meu gôsto seria levá-lo á moda das pretas brasileiras resuscitadas no album de Debret, fechado e atravessado em equilibrio no alto da cabeça para que assim bem o vissem, matando de inveja a uns e outros e dando lugar a comentarios dêste jaez: — "Mais bonito que o que déste ao Dr. Pimenta." — "Igualzinho áquele que deixaste no bonde."...

Que sossêgo poder salvar o costado do môlho de alguma batega inesperada, como se estivesse sob a cupola de S. Pedro; mas, por outro lado, doador amigo, paradoxal e cruel, que preocupação a de vir a perdê-lo....

A Martim Francisco

Minha admiração pelas formas de seu talento já passou em julgado, o que não quer dizer não me impressione sempre o que ele apresenta de vívido e projetante, de fagulhento e risonho.

Já o disse e redisse: V. é uma aberração no Brasil, não envelhece numa terra de velhice precoce, sendo extraordinariamente culto e jocoso, onde de costume quem sabe alguma cousa põe logo no espirito uma sobrecasaca preta, como se fosse acompanhar o entêrro de suas propria idéas.

Dizia o outro que uma das tristezas da terra era nos escapar o essencial das almas que nos rodeiam. Na sua nenhum misterio, apesar de pretender V. disfarçá-la nas flamulas e arrenegos dessa combatividade que tanto o diverte e incomoda a Comissão Central do Partido Republicano Paulista... Ainda uma aberração neste mundo de embuçados e melancolicos...

Lendo o "Rindo"

Aqui estou com o *Rindo*. Duzentas paginas onde Thackeray, Rabelais, Juvenal e Courier dão-se as mãos, farandolando em tôrno do patriotismo andradino. Li-as comovidamente. Aos violentos clarões do seu sarcasmo como esse passado faz saudade. Quanto V. ama a sua terra, para assim gargalhar-lhe nas lazeiras substanciais!

Seu *Rindo* entretanto me entristeceu, dando-me a pensar que o espirito alentado e radiante, que foi capaz de acender essa pira de ironia, não tenha na nossa pobre terra senão a auréola que merece o seu talento, o seu gôsto literario e merecimento oratorio, a sua cultura humanista e geral, o seu coração incomparavel.

E dizer-se que tebiriçá o governou e chico glicerio nos governou a todos. No Tribunal, no Parlamento, na Academia

ascende e se perpetúa a chateza inverosimil de tudo quanto é cidadão cujo horizonte intelectual não medirá maior raio que a distancia entre a Tabatinguera e o Bexiga. Martim é que não presta para nenhuma instituição, Martim ficará aparte, significando a miseria de um povo indiferente a si mesmo, pois nem conciencia tem do prestimo dos vultos pelos quais ele não é uma simples e desgraçada tribu tapuia.

(*Continúa*).

ALBERTO RANGEL

S a m u e l

(Notas do promotor de São José do Barreiro em 1924)

Para Antenor Nascentes

São José do Barreiro está encravado naquele triangulozinho de terra que avança pelo Estado do Rio a dentro, na Serra da Bocaina. Depois é Bananal, última cidade paulista, herdeira de tradições de tumulto e de riqueza cafeeira.

Para ir a São José do Barreiro eu tinha que tomar um trem minusculo em Resende. Surpresa: a estrada de ferro Resende-Bocaina estava paralisada, por efeito de mudança de proprietario e de obras. O engenheiro, um francês, arranjou-me um troli de empurrar a braço e a vara. Quatro caboclos, empregados da estrada, seguiriam comigo. Encarapitado em cima da mala de roupa e livros, lá fui eu sob um sol ardente, a ver a desfilada dos pastos e dos canaviais, nas margens da linha. Os camaradas revezavam-se no trabalho de empurrar o vagonete. Nos declives, na descida, iamos todos de pé, no gôzo da velocidade gratuita. Nas vendinhas, raras, do trajeto, paravamos, matavamos a sêde com gasosas sensaboronas, ou caldo de cana. O anoitecer deu conosco em São José do Barreiro. Ainda com os olhos cheios da visão clara de Cunha (1), branca

---

(1) Eu viera de Cunha, onde durante um mês fôra delegado de policia. Que saudades de Cunha! — N. do A.

como um presepe no cocuruto das montanhas, achei-me desiludido numa cidadezinha com o ar abandonado, casarío chato e deserto, oito ruas em xadrez, com muros longuissimos, de adôbe, em função de copas de arvoredo. Tudo numa grande grota, comprimido entre morros, com a massa implacavel da Bocaina ao fundo, querendo rolar sôbre a cidade e esmagar os ultimos fugitivos. Tinha havido uma catastrofe? Não, havia umas casas de negócio abertas, havia cavalos amarrados na unica arvore do largo da matriz, havia crianças brincando, havia uma música de reza dentro da igreja, havia lampeões morticos (portanto, alguem cuidava de iluminar a cidade), havia o hotel: a casa quadrada da esquina do largo. A estrada de ferro era apenas uma possibilidade. Eu continuava fora do recurso facil de embarcar. Oh, antes Cunha, naquele fundão longinquo, a oito leguas de Guaratinguetá, na virada para o mar, na Serra de Paratí!

Em São José do Barreiro eu ia no entanto encontrar Samuel.

Samuel tinha cêrca de cem anos. Morava numa sitioca, a um quilometro da cidade, com a mulher, Nhá Luzia, quasi tão velha como ele. Cultivavam inhame, batata doce, cana, milho e feijão. Áparte o capitão Pontes, contador de histórias malandras de jogatina e aventura, que frequentemente sumia da cidade e enfurnava nos arredores fluminenses (roleta de Resende, bacará de Barra Mansa, vinte-e-um de Barra do Piraí), Samuel era o elemento mais vivo da localidade — quer dizer, o calor humano da conversa interessante, com um anedotario e uma ciencia de viver.

Samuel tinha sido escravo (nem era preciso dizê-lo). As quadras que escrevi pensando nele, mudando-lhe o nome para João Nagô, não exprimem bem a sua realidade:

Negro velho, a tua mão
Era trêmula, doente,
E teus pés, pesadamente,
Se arrastavam pelo chão.

Samuel não era doente. Eu menti (como diria Oswald de Andrade com candura). O corpo dele não se arrastava, antes marchava bamboleado e firme, sobre pés espalmados como patas, veteranos de picadas de cobra e topadas em pedra de estrada. O cacetinho que trazia sempre na mão não era para apoiar-se, era para, quando fosse preciso, carregar ás costas o saco de batata doce ou de inhame.

Escrevi mais:

João Nagô, ruina senil,
Tinhas mais, mais de cem anos,
E teus olhos, tão humanos,
Eram cheios do Brasil.

Tornei a mentir. Não estava averiguado que Samuel tivesse mais de cem anos. Andava perto, ou réz-vez.

E ainda:

Ia longe o tempo mau:
Capitães, matos, cafuas,
E umas negras carnes nuas
A sangrar no bacalhau!

Etc. Etc. Era verdade, desta vez. Samuel fôra escravo de bom comportamento, mas apanhara bastante. No tempo em que ele era moço, e por aquelas redondezas, não era preciso cometer muita ruindade para sangrar no bacalhau.

Não tenho agora aqui as notas que tomei de Samuel sôbre a fundação da cidade de São José do Barreiro. A conversa dele, sempre muito pululante de nomes de pessoas de quasi cem anos atrás, era dificil de seguir, para o efeito de fundamentar a história local. Os nomes antigos ás vezes se repetiam, mas se referiam não já ao pai, mas ao filho, de modo que eu tive de controlar a narração com as perguntas que fiz a outras pessoas, a respeito dos mesmos fatos. Em São José do Barreiro, entretanto, ninguem sabe de nada. Nunca ninguem se lembrou de escrever a história do municipio. A unica pessoa que poderia fazê-lo, julgo, seria o então vice-presidente da Camara, um velho e rico bacharel em direito que nunca advogara, filho do lugar, que estava muito doente e logo depois vinha a morrer; tratava-se de uma pessoa sempre agoniada de sofrimentos fisicos, a quem as visitas fatigavam, e foi com pena que tive de abster-me de falar com ele sôbre o assunto. Um outro ancião — alguns anos mais velho do que Samuel, segundo se dizia — perdera a memoria. Fôra o chefe político da localidade no tempo do Imperio, homem destemido e energico, que mandara passar a correia em muita gente, e provavelmente fogo. Esse, a mais tradicional figura da Bocaina, passava os dias á porta de casa, tomando sol, quasi cego, quasi surdo, despedindo-se devagarinho da vida, que para ele fôra longa e rica de acontecimentos. Que vontade eu tinha de saber de coisas, quando passava por ali á tarde e saudava-o com comoção! Ele respondia sempre, perguntava depois quem eu era, ligava algumas idéas, atrapalhava outras.

Samuel foi portanto quem me iniciou na cronica de São José do Barreiro, que está por escrever. Ainda hei de achar as notas que lhe ouvi da bôca, e si um dia puder, (2) irei me-

---

(2) **Não permita Deus que eu morra**
Sem que eu volte para lá. (Gonçalves Dias)

xer nos arquivos paroquiais, a ver si é possivel fazer, ainda que sumariamente, a história daquele municipio. E' triste, no Brasil, êste fato: ninguem se importa com a história propriamente local. São poucas as "memorias sôbre o municipio de x...", que tanto ajudam a formar a cronica da nacionalidade. Sómente as grandes cidades, ou aquelas em que se passaram acontecimentos de larga importancia, merecem esse interesse e esse cuidado. Rio de Janeiro, São Paulo, São Salvador, etc. Em São José do Barreiro, cidadezinha paulista que tinha pelo menos já cem anos, e sôbre a qual nunca se escrevera um palmo de prosa, tive a sensação aflita de que o povo sofria da molestia ingrata do esquecimento, do desamor ao torrão e ao passado. Porque, meus amigos, a mais simples cronica de capitães-de-mato, senhores de escravos, castigos inflingidos, vinganças de chefes politicos rivais, crimes, festanças, casamentos que deixaram recordação deslumbrante depois de muitas decadas, tudo isso, em toda parte, deve merecer a nota paciente de um cronista, pois é da reunião de tais fragmentos que nascerá o grande retrato da vida iterativa da nação, o film documental do Brasil completo, 100 %.

Samuel despertou a minha atenção para outros aspetos dos estudos brasileiros. A linguagem dos negros, por exemplo. Quero dizer, a linguagem dos negros velhos. Ele não era nascido na Africa, mas ali mesmo. No entanto, ao falar, dava ás vezes a impressão do preto trazido da Costa, outrora.

— Ele *sirriu!*

— Não me ri, Samuel.

Tomei apontamento de diversas curiosidades da lingua de Samuel, ora de morfologia, ora de sintaxe, ora de seman-

tica. Na sua maneira de exprimir o pensamento havia sempre uma fôrça poetica imprevista, fosse nas simples corrupçõe̲s prosódicas, fosse nos barbarismos. Assim, nesta pergunta que fazia, quando queria saber o nome de uma pessoa, e eu nego a pés juntos que haja aí um pleonasmo, ou outro vício qualquer:

— Como se chama a sua graça?

Falando de um sitiante que morava em São José do Barreiro, mas viera de outra região do Estado de São Paulo:

— Home do *Oesto.*

(Oesto, com *o* final.)

Quando se referia a uma mulher, dizia sempre *ele,* ao envez do pronome feminino:

— Nhá Luzia não veiu. *Ele* esqueceu.

Falava sempre *portége* em lugar de *protege,* corrupção muito corrente.

O que me inquisilava (deliciosamente) era o emprêgo do verbo da terceira pessoa do indicativo:

— *Eu tocou* dez anos de enxada pr'ele.

Essa frase, rigorosamente autentica (como tudo o que se refere aqui a Samuel) contém ainda uma expressão encantadora: tocar dez anos de enxada.

Titiaia era Itatiaia.

Café acompanhado *com duas mãos* — queria dizer, café com mistura...

— Explique, Samuel!

— Uma mão com café e outra com batata doce...

Maravilha: as duas mãos estão ocupadas, uma com a caneca, outra com a mistura. Café com duas mãos é de uma riqueza de expressão admiravel.

Do inhame ele dizia que era uma *comida suficiente*.

— Que quer dizer isso, Samuel?

— Faz bem á saude.

O adjetivo abre, de subito, horizontes imensos: comida de sustancia, comida que não só mata a fome como dá vigor ao corpo.

Segundo Samuel, sua longa vida tinha por explicação essa *comida suficiente*. Tanta convicção encobria talvez uma verdade profunda e util. Diga-se de passagem, que o inhame, feculento de facil cultivo e de custo insignificante, pode substituir com vantagem a batata que ainda se manda vir do extrangeiro, sobretudo em epocas de más colheitas. (3)

Outra coisa:

— Dê lembranças para Nhá Luzia, Samuel!

— Fazerá presente.

Falando sempre de si na terceira pessoa. Acho isso de uma modestia adoravel. E' como si ele dissesse: o seu criado,

---

(3) **No Estado de São Paulo, em São Bento do Sapucaí, diz-se "pôr o inhame para velar" do ato de pô-lo a tomar sol, afim de perder o ardume. Em Minas tambem. Ainda agora recorro, consulente citadino, á memoria de Ana Pereira, autoridade em coisas rurais. E' velar que se diz na roça. Porém Samuel dizia zelar, e de outras feitas, em gente do povo, ouvi tambem dizer zelar (inclusive em Minas, em Pouso Alto). Gostaria de tirar a limpo essa voz brasileira, que sempre me deu um secreto prazer. O inhame está velando ou zelando, é-me aliás indiferente que o verbo seja um ou outro: qualquer deles parece que personaliza o rizoma saboroso, dá-lhe uma vida conciente, anima-o de atitudes extaticas.**

Sinonimia: Velar ou zelar = curar. — N. do A.

o seu amigo, o seu escravo, emfim o seu Samuel *fazerá presente*.

O futuro regular de *fazer, fazerá,* é tambem proprio das crianças brasileiras. A' distância de quasi cem anos, as tendencias de uma conjugação arbitraria, mas logica, se encontravam. Fazerei, fazerás, fazerá... (Diga-me si notou isso na sua Gramatiquinha da Fala Brasileira, Mario de Andrade).

Um vez que Samuel me contava a historia de um fazendeiro que fôra prejudicado fortemente, por má fé alheia, falou que o homem tomara um *soco no estâmo* (estomago). Assim, notei: tomar um soco no estomago — ser roubado, ilaqueado.

— Diga uns versos, Samuel!

Ele recitava:

Subi uma serra de fogo
Com uma alpracata de algodão
Engulindo braza de fogo
Mode consolá o coração.

Meu coração está fechado,
Chave está em Lisboa,
Êste coração só se abre
Quando vejo as coisa boa.

O primeiro verso da primeira quadra deve estar errado. Não pode ser "serra de fogo", (a palavra vem repetida no terceiro verso), mas outra expressão qualquer (de pedra? de es-

pinho?) para pôr em relêvo o sacrificio de subí-la com alpargatas de algodão (não suficientes para proteger os pés). O consolo dêsse tormento — martirizada fila de escravos a subir, ao sol inclemente, a longa serra, decerto a da Bocaina mesmo — era "engulir braza de fogo". *Braza de fogo,* redundancia pitoresca, é uma metafora: quer dizer aguardente de cana. Não obstante me parecer muito provavel que a memoria de Samuel falhasse no primeiro verso, registrei "serra de fogo" tal qual ele dizia, em obediencia ao principio da verdade rigorosa do documento.

A segunda quadra sugere-me o Brasil-colonia. Sim, a chave do coração do escravo estava em Lisboa, donde vinha a lei, donde vinha a justiça real, donde vinham bens para a alma e para a bôca (queijo do reino...). Depois, no tempo do Imperio, a tradição continuou a evocar Lisboa como o paraiso distante (4), depósito de consolações inatingiveis, mas possiveis. Consolação de escravo, aliás, é boa pitança:

Êste coração só se abre
Quando vejo as coisa boa.

No terreiro, o alarme das galinhas denuncia que hoje de tarde o jantar vai ser banqueteado. Eh, negro, vamos depres-

---

(4) Recorde-se o proverbio corrente no Brasil: Quem nunca viu Lisboa não viu coisa boa. Proverbio posto em circulação, sem duvida, pelos reinois, exilados aqui ou em outras terras da sua formosa conquista, quando lhes apertava a saudade. Em Portugal a expressão é tambem de uso, e Antonio Nobre, no poema **O Desejado**, que vem nas **Despedidas**, escreveu:

O' Lisboa de marmore, Lisboa!
Quem nunca te viu não viu coisa boa...

O negro velho, ignorante da geografia, da história e do mundo, repetia de outiva aquele nome de Lisboa, para ele cheio de sugestões agradaveis. A quadra em questão, pois, não me parece da autoria de Samuel, mas de tradição popular, talvez com ligeiras variantes introduzidas pela memoria claudicante ou pelas sucessivas deturpações de uma geração a outra. — N. do A.

sa! E, ao cair da noite, das janelas da varanda virão cheiros apeteciveis... Em roda da mesa, os pratos fumegarão... Vamos lá, o sinhô não é mau: mandou distribuir frango de môlho pardo e arroz perfumado pela escravaria. (E' dia de festa, chegou a notícia da côrte: o sinhô vai ganhar a comenda da ordem da Rosa.)

Entre as coisas boas desta vida está a *braza de fogo*. Isso quando Samuel falava em verso. Quando falava em prosa, dizia simplesmente:

— Cachacha.

A transformação do ç da terceira silaba em *x* dá um ar de brincadeira á palavra. Dá-lhe, principalmente, ternura. Si fosse coisa que se pudesse pedir a moça, eu só pediria assim, como Samuel:

— Caxaxa...

Para o anedotario brasileiro:

Contou-me Samuel que havia antigamente em São João do Barreiro um fazendeiro muito cruel, que mandava surrar escravo sem dó nenhum.

— Você foi escravo dele, Samuel?

— Foi, sim sinhô.

Esse fazendeiro era detestado, porém menos dos negros do que de Deus e do Diabo. De uma feita que fôra passar a noite, como de hábito, com certa mulata (que diziam que era filha dele tambem), teve um ataque e morreu. No dia seguinte fizeram o enterro. Os escravos, em fila, formaram para carregar o corpo. O cortêjo saiu da fazenda, a caminho da igreja de São João do Barreiro, e a noite caiu de repente. Na

viagem, o corpo foi ficando cada vez mais pesado. Tão pesado que, já perto da cidade, os escravos foram olhar o que é que tinha: era um tronco de bananeira.

Não era só castigo do Diabo, era pouco caso: mudar o corpo do sinhô malvado num velho tronco de bananeira, lambusado de resina e de podridão... Crédo.

— Você viu Samuel?

Samuel, coçando a carapinha toda branca de cinza:

— Viu, sim sinhô.

Porém a cara dele, séria, como a de um orangotango aplicado, não exprime a intenção cinica de mentir: é o medo de não duvidar do que lhe contaram, e ele, por confusão de lembranças, pensa que assistiu com os proprios olhos.

Espero que a fundação de São José do Barreiro tenha por base memoria mais fiel.

Entrando de chofre, o chefe político e meu amigo capitão Pontes vê Samuel perto de mim, com o corpo sentado sem jeito na cadeira de palhinha, o saco de batata doce pousado no chão, o chapeu nas mãos grossas, o cacetinho entre as pernas:

— Que bobagem é que o Samuel está contando para você, doutôr? — pergunta-me dando um tapa nas costas do velho escravo fôrro.

— Histórias, capitão, histórias do Brasil.

— Esse negro não é burro, não. Viu o Barreiro nascer. Mande ele dizer como é que construiram a igreja.

Samuel *sirri*.

E começa a contar a história que anda perdida entre os meus papeis, história cheia de nomes de fazendeiros, coronel isto, capitão aquilo, falecido isto, falecido aquilo.

A' saida, como sempre:

— Olhe, Samuel, não esqueça de dar lembranças para a Nhá Luzia.

O orangotango de um século, propiciador de comoções nacionais, pondo nas costas o saco vazio (vendeu no hotel a batata doce):

— Fazerá presente.

RIBEIRO COUTO

Marselha, Abril de 1931.

O Vilejo de Piratinin

A CASA DO CONSELHO — OS MOVEIS

A vila de São Paulo de Piratinin não dispunha de casa do Conselho, nos seus primeiros tempos: as reuniões da Camara eram celebradas em casas particulares dos juizes e vereadores, até 1576.

Sensivel, a falta: não dispunha de uma cadeia, nem de um local para guardar os poucos bens do Conselho. Em principios de 1575, ou pouco antes, a Camara contratou as obras de taipa da casa do Conselho com Alvaro Anes; e como êste não se mostrasse solícito na execução do serviço contratado, foi a 21 de Março notificado para concluí-lo até 15 de Abril.

A 3 de Julho, as paredes estavam acabadas e bem assim a armação: faltavam as ripas de gissara e cobertura de palha do predio. Posta a praça esta obra, ninguem se ofereceu para realizá-la, em virtude do quê a Camara resolveu contratar com Anes a cobertura por 2$600, que seriam pagos depois de vistoriada por dois peritos. Na mesma data, a Camara contratou com Salvador Pires e seu genro Gonçalo Pires, por não existir na vila oficiais carpinteiros, as obras de carpintaria, que consistiam em uma porta para a rua, outra porta na casa do meio para cadeia com grade, a séda para o juiz com a sua mesa de 3 1|2 por 2 palmos, com assentos de um e de outro lado, sôbre estrado; a mesa do escrivão de 2x3 palmos, com dois bancos de

6 palmos de comprimento, tudo por nove cruzados (3$600), fornecendo a Camara pregos e ferragens.

As obras em conjunto orçavam em 13$500; metade deveria ser paga pelo governador da Capitania de São Vicente, Jeronimo Leitão, tocando ao Conselho 6$750. Como o tesouro municipal não dispunha de tão avultada importancia, foi necessario fintar o povo, sendo eleitos fintadores Jorge Moreira e Henrique da Cunha.

A 28 de Outubro, Alvaro Anes requereu ao Conselho que recebesse as obras da cobertura do predio e ordenasse o pagamento. Na forma do contrato, foram nomeados peritos para examinar o serviço, opinando eles que faltavam algumas carreiras de sapé para considerar-se feita e acabada a cobertura. Anes não se apressurou a terminar a empreitada, sendo a 28 de Janeiro de 1576 intimado a concluí-la, sob pena de multa de 500 réis. Igualmente Salvador e Gonçalo Pires não revelaram grande empenho em prontificar as obras de carpintaria, por conta das quais haviam recebido 1$500. Foram notificados pela Camara para a imediata execução do contratado.

Finalmente, a 26 de Março de 1576, a Camara resolvia celebrar as vereanças, quinzenalmente, na casa do Conselho e a 14 de Abril ali realizou a sua primeira sessão. A 28 de Outubro foi deliberado rebocar e caiar o interior do predio, sendo o serviço confiado á direção de Anes e obrigados os mais ricos moradores a concorrer com dois escravos (peças, como se dizia na epoca) para esse melhoramento. A cobertura de sapé não oferecia boas condições de durabilidade: em 1578, a casa do Conselho reclamava nova; e, como sempre, os cofres municipais viviam em franciscana pobreza. Era necessario apelar para o povo: a Camara resolveu que cada morador, que possuia seis "peças", era obrigado a concorrer com dois feixes de sapé, sob pena de multa de dois tostões para as obras do Conselho. Então, a casa com as chuvas se transformava em regador, que não permitia a realização das vereanças; e estas mesmas, quando havia presos, eram realizadas fora.

Em 1579, as paredes de taipa estavam esburacadas e a cobertura de sapé exigia completa reforma. As finanças municipais sempre avariadas não permitiam grandes, nem pequenos concertos. No abandono em que se achava o casebre, pouco deveria resistir; e, assim mesmo, sómente em Dezembro de 1584 caiu a cobertura, estando a cumieira podre e cheia de caruncho. Desde tempos antes, a casa do Conselho sómente abrigava os que, sem bons conselhos, caiam nas grades da sua prisão. A 2 de Agosto de 1584, o povo resolveu mandar construir nova casa do Conselho assobradada, coberta de telhas, enfim um predio digno de abrigar a arca dos papeis. Esse projeto, grandioso para a epoca, fracassou; e pouco depois resolviam aproveitar a casa velha, reformando-a e cobrindo-a de telhas por 35 cruzados, ou sejam 14$000 fortissimos.

Os moveis e os bens do Conselho... o que valeriam eles? Além da mobília contratada com Salvador Pires, a Camara resolveu adquirir uma caixa com duas fechaduras para guardar os papeis, uma balança de arroba de pêso, medidas para afilar, e um padrão para vara e covado que el-rei mandava ter; e como não havia dinheiro para tais aquisições, foi o povo fintado para contribuir com os recursos precisos. A Camara possuia em poder de Jorge Moreira um meio alqueire e tinha três arreteis de chumbo e um pêso de ferro de quatro arreteis. Em 1575, adquiriu do escrivão Frutuoso Costa uma caixa por 900 réis e a unica fechadura que havia na vila por 500 réis. Essa caixa foi a primeira negociata escusa celebrada pela municipalidade: comprada, com a fechadura, por 1$400, era pouco depois vendida ao mesmo Frutuoso por 250 réis!... E quantos furtos não viriam depois tornar irrisorios o furto do Frutuoso furtador?

Quanto a pesos para as aferições, até 1580 e muitos sómente existiam o meio alqueire, pesos de meia arroba e um braço de ferro.

AS ALDEIAS

Ao redor do triste vilejo de São Paulo do Campo se erguiam as aldeias indigenas e a Camara proibia que os moradores fossem fazer resgate com os indios aldeiados, "pelos muitos agravos que lhes faziam". Era igualmente vedado aos brancos irem beber ou "bailar ao modo do gentio" nos aldeiamentos.

A vereança de 1 de Junho de 1583 faz referencia ás aldeias dos guaianazes: a do Riráo, a dos Pinheiros e "as mais que estão feitas e estão se fazendo". Nessa sessão a Camara votou uma postura proibindo que os moradores fizessem casas nas aldeias e seus arrabaldes a menos de duzentas braças pelos "muitos inconvenientes e agravos que fazem aos indios". Há diversas referencias á aldeia de Virapoeira (Santo Amaro), que era ligada á vila por um caminho que a Camara mandava reparar com frequencia. A aldeia de Virapoeira (árvore que existiu) é mencionada pelo alfarrabio de Itú, referido pelo Dr. Daunt, que conta ter-se Braz Gonçalves casado com uma filha do principal da taba. As outras aldeias dos guaianazes eram a de Inhapuambuca, que teve como principal o famoso Tibiriçá; a de Carapucuiba, cujo principal era sogro de Domingos Luiz Grou, o capitão dos indios; a de Jeribatuba, que teve como chefe o cacique Caiubí. Nos sucessos da guerra ao gentio Supiripeiu, figuram as aldeias de Caiapitanga ou Guiapitanga; a de Caiapuruí, no Ambuaçava, terras de Jeribatuba; a de Jébarapara e outras. Mais tarde surge nas atas com frequencia a de Maruerí.

Segundo os documentos da epoca, o gentio praticava a antropofagia: comia os inimigos aprisionados nas guerras e para apavorar ao bandeirante costumava dizer que os seus companheiros transviados trazia na barriga. Apesar das côres carregadas com que os paulistas descreviam os barbaros costumes do numeroso gentio, que cercava a vila, as atas denunciam que todas as lutas eram provocadas pelos brancos e seus descen-

dentes mamelucos, que iam ás aldeias cometer agravos e insultos aos indios.

A carta do jesuita Baltazar Fernandes, datada de 22 de Abril de 1588, narra que os padres de Piratininga visitavam as aldeias, que estavam a 2 leguas da vila, e ensinavam a doutrina e um diálogo na lingua tupi, junto á cruz ereta no centro da povoação. Percorriam as malocas, visitando e doutrinando os indios. Conta o padre Fernandes que nessas peregrinações apostolicas, os jesuitas andavam descalços, atravessando rios e matos trabalhosos, sofrendo fome.

VULTOS DO TEMPO

Jorge Moreira, o capitão da vila, sem dúvida o mais considerado do seu tempo, era um amigo fiel dos jesuitas; e além do posto que desempenhava, exercia o cargo de manposteiro dos cativos ou tesoureiro da Bula da Remissão dos Cativos, que o isentava do exercicio de outras funções públicas. De carater mais brando que o de Ramalho, com quem serviu na vila de Santo André, Jorge Moreira não projetou na história paulista a sombra que o alcaide-mór e guarda-mór do campo havia logrado. Os genealogistas contam que Jorge Moreira era natural do Rio Tinto e fôra casado com Isabel Velha; e, confundindo-o com Jorge Ferreira, acrescentam sem fundamento que exercera o cargo de capitão-mór governador de São Vicente. Foi simplesmente capitão das ordenanças de São Paulo, onde gozava das simpatias dos jesuitas e legítima influência.

Antonio Cubas, apesar de desterrado, exerceu em São Paulo, como antes em Santo André, os cargos da governança, sendo considerado homem honrado. Antonio Bicudo, o mais energico dos seus contemporaneos, exerceu os cargos de juiz ordinario, no qual se houve com grande zêlo, de ouvidor eclesiastico e de Ouvidor da capitania, sendo severo observador da

lei; Antonio de Proença, a quem Frei Gaspar menciona como Moço de Camara do Infante Dom Luiz, irmão de D. João III, figura nas atas como um degredado por toda a vida para o Brasil, como alegou para isentar-se dos cargos publicos, tendo porém aceitado em 1581 o cargo de meirinho do campo, vindo mais tarde a exercer o de ouvidor da Capitania em 1601 e 1602; Frutuoso da Costa, tambem desterrado, serviu o cargo de escrivão e tabelião, salientando-se na negociata da caixa para os papeis do Conselho, e em 1579 estava excomungado ou boicotado, pois a Camara resolveu que ninguem lhe comprasse boi ou vaca para matar na vila pela "rezam do desinquietamento que pode dar ao povo e perda"; João Maciel, escrivão do campo e depois tabelião; Henrique da Cunha, homem bom, fintador do povo; Antonio de Mariz que, depois de residir em São Paulo, com Luiz Martins, mudou-se para o Rio de Janeiro, eram os mais influentes entre os moradores de São Paulo na epoca. Diogo Vaz Riscado, Salvador Pires, Simão Jorge, Garcia Rodrigues, Cristóvão Diniz, Francisco Pires, Lopo Dias exerceram cargos municipais e cederam suas casas para as reuniões da Camara.

Residiam na vila alguns judeus, que pagavam finta, imposto especialmente criado para eles. Esses pariás nem podiam defender suas lavouras dos danos causados pelo gado dos cristãos. O regimen das "coimas" não aproveitava aos homens de "raça", que tinham de assistir, de braços cruzados, á destruição de suas roças pelos animais daninhos, dando graças a Jeová que lhes poupassem a pele. Daí resultava prejuizo para a propria vila; e a Camara foi forçada a tomar providencias no sentido de impedir que o gado causasse "nojo" ás suas plantações. Os judeus não podiam exercer certos oficios, como o de ferreiro, que tambem era interdito aos indios pelo perigo de fornecer armas brancas ao gentio.

Alguns escritores levantaram a hipotese de ter sido judeu o régulo João Ramalho: nada a autoriza. Entre os judeus fintados nunca figurou o seu nome; nem os jesuitas, seus figadais

inimigos, que tão cruamente o acusavam, jamais afirmaram que praticasse o judaismo. Atribuem essa origem porque Ramalho empregava na sua assinatura um traço semelhante a um Kaf, sinal de hebraismo, que aliás nenhuma procedencia tinha.

O COMÉRCIO E AS INDÚSTRIAS

A população paulista dedicava a sua atividade ás indústrias pastoril, pela criação do gado vacum e suino, e agricola, principalmente pela lavoura intensiva da mandioca. O tráfico da escravidão vermelha era o ramo mais relevante do comércio e o mais lucrativo. Os principais fazendeiros do campo eram o alcaide-mór Braz Cubas, João Anes, Catina Gonçalves, Francisco Pires, Gaspar Rodrigues, Antonio Preto, Baltazar Gonçalves e Lourenço Vaz, que tinham marcas registradas na Camara. Os demais moradores possuiam gado em comum e no campo de Guarape era tal a mistura que ninguem sabia a quem pertenciam os novilhos.

Em 1578, a Camara e os criadores Antonio Preto, Antonio Cubas, Marcos Fernandes, Garcia Rodrigues, João Chaves, Lourenço Vaz, Antonio Bicudo, Simão Jorge, Simão Gonçalves, Salvador Pires, Jorge Moreira, Simão Fernandes e Francisco de Brito fixaram o preço do gado vendido na vila a cinco réis o arretel de boi capado e 4 réis o de não capado, sob pena de multa a quem vendesse por maior quantia. Esse preço era tão ruinoso que ninguem queria abater rezes para o abastecimento da povoação: foi mister que a Camara o elevasse a 200 réis por arroba.

A farinha de mandioca, chamada então farinha de pau ou da guerra, era o produto agricola mais importante; o milho, vendido em mão de 40 espigas a 6 réis, constituia outro ramo de cultura; mas a mercadoria que circulava como dinheiro corrente era o assucar, produzido pelas vilas da marinha. São Paulo cultivava tambem o algodão e tecia essa fibra, sendo obrigato-

ria a largura de 3 ½ palmos no minimo para o pano exposto á venda, sendo fixado o preço de 200 réis a vara; e, quando o tecido era delgado, a 240 réis.

A Camara fixava as cotações de todos os artigos de mercancia e bem assim as obras de sapateiros, ferreiros, etc. O feitio de foices calçadas para o resgate era de 60 réis; as enxadas para negocios, 150 réis; para casas, 70 réis; os machados novos para resgate, 100 réis; os pregos variavam de preço, conforme o tamanho, de 3 a 1 real; as botas novas de veado custavam 430 réis o par; as de couro de porco ou de vaca, 400 réis; o sapato de uma sola, 100 réis; de duas solas, 150 réis; chinelas simples, 150 réis; de cortiça, 300 réis; chapins para mulheres, 50 réis, etc.

Os produtos da terra, carne, farinha de mandioca, etc., circulavam como moeda: as operações mercantis eram simples troca de mercadorias, devido á escassez da moeda.

DELITOS E DELINQUENTES

Apesar da rudez dos tempos e da composição da sociedade paulista, com grande número de degredados que a propria Camara pedia que fossem enviados para povoar o campo, os casos crimes não eram tão frequentes como se poderia supôr. E' bem de notar que os documentos não mencionam os atentados contra o gentio, como atos passiveis de penalidade: sómente se considerava crime o ato punivel que tinha como vítima um cristão livre, ou principalmente um homem branco. A vila tinha uma forca levantada em 1564; mas em 1572 caiu por terra, ficando a Camara de levantar outra logo que tivesse dinheiro, que sempre era escasso na mão do procurador.

A difamação era punida. Mas não faltavam caluniadores de mulheres casadas e solteiras e homens ousados de "pôr a boca em Sua Magestade, no alcaide do forte e nas justiças da vila", contra os quais a Camara votou uma postura que os

condenava a cem açoites, dez cruzados de multa pagos na cadeia e um ano de destêrro para a fortaleza da Bertioga (o que queria significar: ir para o papo do tamoio).

A cadeia da vila, na propria casa do Conselho, feita de taipa, não oferecia a menor segurança, nem tinha ferros e grilhões, nem tão pouco alcaide (carcereiro). Os criminosos andavam pela vila, iam para onde bem queriam, sem que as autoridades pudessem agir contra eles. Antonio Bicudo, quando assumiu o cargo de juiz, pôs o bico no caso e representou ao ouvidor da Capitania pedindo ferros e grilhões e carcereiro para São Paulo, afim de moralizar a justiça. Dizia que diversos criminosos, ladrões e assassinos, viviam no povoado, ameaçando a tranquilidade pública, e reclamava providências contra essa situação. Era um brado no deserto: se o ouvidor o ouvisse, nada poderia fazer...

Mais tarde, ocorreu um caso gravissimo: Pero Dias, o coxo, matou a punhaladas um frade; mas a cadeia não tinha prisões, nem carcereiro. A Camara representou ao governador Jeronimo Leitão, pedindo as prisões (correntes de ferro e grilhões) necessarias para castigo dos malfeitores, por tratar-se do que chamava, em sua interessante linguagem, um caso rijo. A impunidade continuou a reinar e cada morador, com a sua espingarda de pederneira ou o seu arcabuz, tratou de garantir-se contra os botes insidiosos dos crimes irreprimiveis.

O NOME OFICIAL DA VILA

Em alguns documentos figura o nome São Paulo *tout court,* e assim escreviam os escrivães João Fernandes, Pero Dias, Frutuoso da Costa, Diogo de Onhate, Belchior da Costa, ás vezes. Outros grafavam São Paulo do Campo (Pero Dias, Frutuoso, Antonio Bicudo, Lourenço Vaz, João Maciel, etc.); outros, São Paulo de Piratinin ou de Piratininga (Frutuoso, Vasco Pires da Mota, etc.). Em autos ou termos mais solenes

escrevia-se: Vila de São Paulo, Capitania de São Vicente, de que é capitão e governador por el-rei, Martim Afonso de Souza ou Pero Lopes de Sousa (o sobrinho); ou então: vila de São Paulo do Campo, Capitania de São Vicente da costa do Brasil, de que é capitão e governador, etc.

A ARMADA ESPANHOLA

O sucesso mais notavel que ocorreu no periodo que estudamos foi a chegada a Santos da grande armada espanhola do Estreito de Magalhães, em março de 1583. Comandava-a o almirante Diogo Flores Baldez, cujo nome se acha ligado á história do Brasil, na luta contra os holandeses. Logo que a esquadra ancorou em Santos, o almirante entendeu-se com as autoridades locais — o capitão-mór Jeronimo Leitão e o ouvidor Simão Machado — pedindo que providenciassem o abastecimento da frota. Essas autoridades prontamente se dirigiram á Camara de São Paulo, requisitando gado e farinha. A Camara mandou fazer um pregão no adro do Mosteiro dos Jesuitas, intimando a todos os moradores a fabricarem farinha de mandioca, durante todo o mês, para fornecer a armada, sob pena de cincoenta cruzados e dois anos de destêrro para o Estreito de Magalhães.

A esquadra demorou em Santos, reparando as naus e galeões avariados; dois mêses após a sua chegada, o "muy ilustre snor dioguo frores baldes" requisitava duzentas rezes para o abastecimento das fôrças que comandava. Antes dessa requisição, o procurador da Camara reclamava providências ao Conselho, porque todas as vacas e bois eram enviados para a armada real; e, na vila, ninguem queria abater rezes porque o preço não compensava e "o povo dela padesião grande atormêto e fome de carne de vaca". Requeria a alta do preço da carne e que os criadores, moradores em Santos e São Vicente, que tinham fazendas nos campos, não levassem gado

para o mar sem licença da Camara (Vereança de 15 de Junho de 1583).

Pouco depois, a Camara recebia uma provisão, do governador Jeronimo Leitão e do provedor da real fazenda Simão Machado, ordenando que fintasse os moradores para fornecer á armada espanhola duzentas rezes para a viagem ao Estreito de Magalhães, sob pena de multa e degrêdo. Ordenava que o gado, que fosse arrolado pela finta, devia ser entregue em Santos, onde seria pago com assucar ou em mercadorias que a armada real trazia. A Camara convocou os moradores para resolverem sôbre a requisição. Opinaram a uma voz que não poderiam remeter para Santos as 200 rezes, porque não havia no campo senão vacas e nenhum boi, por terem sido fornecidos á mesma esquadra no ano anterior; e que não podiam levar vacas prenhas, porque morreriam no caminho. Diziam que estavam prontos a entregar em São Paulo o gado de que pudessem dispôr, pelo preço que na vila valiam e que não lhes convinha a troca em mercadorias, porque lhes forneciam vinagre, vinho, ferro e lona podre pelos preços que bem entendiam, prejudicando os criadores. A requisição foi reduzida á metade (cem rezes) e a Camara intimou aos que prometeram fornecer o gado a levá-lo para Santos, em meiados do mês de Setembro, sob pena de multa de 50 cruzados e degrêdo para o forte de Estêvão da Costa. A armada espanhola deixou Santos em fins de Setembro ou principios de Outubro de 1584, com rumo ao Estreito de Magalhães, ficando em terra varios desertores.

Convem recordar que, em fins do ano anterior, a armada de Flores Baldez tinha deixado o porto de Santos e parte dela voltou em Janeiro, afugentando os piratas ingleses sob o mando de Eduardo Fenton.

(dos *Episodios do Passado Paulista*).

ERMELINO A. DE LEÃO

Café, café e mais café

Desde o dia em que se descobriu entre as propriedades da árvore do café a potencialidade eleitoral, os nossos homens de Estado passaram logo a encarar de frente aquele problema... político. Foi encontrada uma fórmula felicissima que resolvia a grave questão com excesso de solução. Isto é, a solução encontrada entupia completamente o problema. Dêste modo se fez calar a bôca á gritante questão cafeeira durante muito tempo pelo arrolhamento.

Prudente de Moraes neto, em um interessante artigo, ao esclarecer uma idéa que desenvolve, explica: "o homem que montou por cima do cavalo e caiu do outro lado, montou de mais". O que fizeram os nossos chefes de Estado senão montarem de mais no problema do café a ponto de cairem do outro lado? A melhor e mais acabada prova de que o caso da lavoura cafeeira tinha sido resolvido pelo entupimento é que estamos vendo agora os entulhos serem vomitados ao mar.

Tinha de ser. O café caiu arrastando na quéda a vida nacional. A realidade brasileira veiu rolando das nuvens para o chão firme, pondo o país a sangrar com todas as feridas abertas.

O café caiu. Até a nossa astrologia cabocla já tinha previsto o acontecimento. Muito tempo antes, os profetas indigenas de esquina de rua, os oraculos botucudos de mesa de café já tinham ouvido a voz dos deuses tupiniquins anunciando a quéda irremediavel. A todo momento estavamos esbarrando

com explicações dentro de casa, nas ruas e até na camara de deputados. Superprodução. Valorização artificial pela retenção excessiva. Falta de expansão distributiva. Retraimento universal do consumo estrangeiro determinado pela crise mundial. Era tambem um sinal dos tempos modernos. A abundancia tocando seus extremos encontrou a penuria.

O café caiu. O Brasil por sua vez caiu em si mesmo. A massa bruta dos acontecimentas materiais começou a acuar a nacionalidade em todos os cantos do país. O momento atual, o maior talvez que já tivemos, caminhou para nós depois de ter se demorado muito no passado. Tão longamente preparado, os dias que vivemos trouxeram com eles uma grande soma de realidade. Quanto tempo nosso país viveu á sombra de um acontecimento que ainda estava escondido nas dobras do futuro? Quanto tempo a nossa nacionalidade esperava o dia que deveria substituir a longa vespera de uma grande certeza?

O café caiu. Uma grande pressão em lugar de descer ás coisas, começou a subir das coisas. Os nossos indefectiveis sebastianistas principiaram a pôr em dúvida a nacionalidade brasileira da divindade. E os indigenas zézinhos do Egito começaram a se mostrar desiludidos do ciclo historico das cheias do nilo brasileiro... Estamos em face de um momento muito forte e muito nosso que entrou na vida do país ocupando impetuosamente toda largura e toda profundidade do leito que lhe preparamos. Nas entranhas intimas da nacionalidade se processam violentas interrogações. Não tem limites a nossa perplexidade em face das questões fundamentais que irrompem das profundezas da vida nacional escancarando as suas guelas enormes.

O café caiu. A derrocada baixista do nosso principal produto de exportação provocou um violento atrito entre os elementos remexidos da economia geral do país. Atrito furioso de coisas profundas que procuram um ajustamento. Até a Revolução de outubro de 1930, toda enfeitada de bandeirolas liberais, veiu rolando no meio das fôrças ocultas e tumultuosas do

café em quéda. O Estado brasileiro estava todo armado sôbre um sistema economico que se equilibrava sôbre um pé unico. Pé de café mal amparado pela muleta da intervenção desastrosa dos nossos governos...

O café caiu. Creio firmemente que a quéda se impunha necessariamente em benefício do proprio país. Só agora começamos a perceber que somos solicitados por todos os lados por novas e variadas fôrças produtivas em tendencia para uma nova e estavel economia. As relações absorventes da propriedade cafeeira já estavam entravando o desenvolvimento de outras produções. Se volvermos a nossa atenção para o nosso panorama político-administrativo que se desdobra ha mais de 40 anos, veremos os nossos chefes de Estado a cochilar displicentemente á sombra verde dos cafezais. O país estava sofrendo ha muito tempo da molestia do café que imprimia um colorido febril e produzia uma excitação nervosa na vida do país dando lugar a uma impressão geral de saúde economica. A nossa máquina política estava toda calçada nessa lavoura cafeeira que vem constituindo ha muitos anos uma grande potencia eleitoral. Daí a sofreguidão calculista dos nossos dirigentes em levar a efeito a proteção exagerada e artificial do café, dando lugar, necessariamente, á depreciação brusca, á quéda rapida, á derrocada inevitavel. As outras fontes de riqueza do país sempre ficaram por aí, ao deus dará... Dentro dos quadros administrativos, outras questões dorsais da nacionalidade podiam espernear á vontade. Quando algum problema organico duramente comprimido rumava do fundo da vida nacional gritando por uma solução, era imediatamente arrolhado com a buxa de um decreto inconsequente. Dêste modo vivemos muito tempo arrolhando nossos grandes problemas em lugar de procurar solucioná-los.

O café caiu. Já estava tardando a carta de alforria da produção brasileira. Tivemos o nosso segundo 13 de maio sem campanha abolicionista, sem senadores euzebios, sem princesas isabeis, sem decreto, sem banda de musica. A terra ficou livre

para produzir o que bem quisesse. Nós estavamos ha longo tempo submetidos ao regimen da escravidão cafeeira. De tal modo que em qualquer ponto do país onde o industrial montasse a sua fabrica de tecidos, um negociante abrisse a sua casa de armarinhos, o fazendeiro fizesse a sua plantação de cacáu ou de cana de assucar, o vaqueiro desenvolvesse a sua creação de gado, tinham todos de ficar permanentemente preocupados com as oscilações do mercado de café. E até hoje ainda é assim.

Nós já tinhamos apurado um precipitado historico adequado para ser aplicado em situações subsequentes. A nossa economia monarquica estava estruturada na capacidade produtiva do braço escravo. De um modo indireto ao mesmo tempo que o país escravizava o negro, o negro escravizava o país. Já abandonei a minha antiga impressão tão desfavoravel ao gesto sentimental da princesa redentora que sangrou violentamente o país com a alforria geral da negrada servil. Libertando o escravo a nossa imperante ocasional tambem libertou a nação do escravo. Realmente o Brasil teve um profundo desmaio economico, perdeu sentidos e foi um custo para voltar a si. A alforria repentina abalou profundamente a vida nacional. A creolada liberta caiu de cheio na bebedeira e na malandragem dando lugar á falta de braços para a lavoura. A agricultura passou por uma tremenda desorganização. E' o que todo mundo sabe.

Em todo caso, o elemento servil já estava fixando a nossa produção em quadros excessivamente estreitos. Em consequencia da abolição, seguiu-se uma intensa colonização livre que deu mais larga expansão á nossa vida economica. São Paulo pela circulação das correntes colonizadoras já começava a preponderar nos destinos nacionais. No Estado paulista desde 1884 a emigração começou a aumentar progressivamente: "1884 — 4.879 imigrantes; 1885 — 6.500; 1886 — 9.356; 1887 — 32.112; 1888 — 92.086 (Deoclecio Duarte — *Estudos de Economia Brasileira*). Uma justa aplicação de fisica política na nossa situação monarquica assim como na nossa situação repu-

blicana talvez encaminhasse o escravo para a libertação gradativa e entregasse o café á sua depreciação natural sem precipitação. Formando lado a lado em ambos os casos novas bases economicas e incentivando novas formas de produção e outras fontes de riqueza. Mas como sem uma sacudidela forte o brasileiro não sái do seu comodismo literario e eleitoral, foi melhor que as duas realidades historiças se apresentassem de supetão na sua brutalidade desabusada. Em 1889 o elemento servil, que aguentava no fundo das fazendas o pêso morto do trono, ao cair de chofre na liberdade, deixou a monarquia se desfazer com simples arreganho dos quarteis. Em 1930 o café que equilibrava toda economia do país se precipitando numa quéda desastrosa sái valentemente a campo fomentando a idea revolucionária quasi em abandono.

E aí está o Brasil revolvido de alto a baixo. Os acontecimentos materiais tomaram de assalto as melhores posições. As coisas passaram de um momento para outro a entupir os homens. Apesar de tudo, ainda é o fundo das chicaras que está refletindo o destino do país.

(Do livro, a sair: *O Brasil errado*)

MARTINS DE ALMEIDA

Populações paulistas (IV)

7. O Negro.

Houve no seculo passado a florescencia de uma doutrina nascida na França, com as ideas de um velho diplomata, da nobreza da Normandia, o conde de Gobineau. Conquistou ela grande prestigio, o que se deve não só á autoridade de seu creador como tambem ao ambiente em que se desenvolveu, ambiente despido de uma cultura verdadeiramente científica mas que tirava aparente lustre de noções hoje tidas por obsoletas.

Na Alemanha, sobretudo, essas ideas triunfaram, graças ás vitórias de 66 e de 70, aquela sôbre a Austria e esta sôbre a França. Depois, com a expansão do pan-germanismo, a doutrina do diplomata francês teve o apoio de grandes cerebrações científicas, que a corporificaram em mil pesquizas, não escapando a propria França, que, humilhada, pagou o seu tributo com os trabalhos de Vacher Lapouge, o celebre bacharel de Montpellier. Procurou-se demonstrar a superioridade socio-biologica do homem loiro do Norte, do "europaeus", do "homo teutonicus". A essa superioridade foram atribuidos os seus sucessos e virtudes. Assim, o surto da Inglaterra na gloriosa era vitoriana, em que esse país conquistou meio mundo, escravizou o comércio universal e monopolizou a indústria em todo o globo. Assim, a expansão germanica, fruto da tenacidade invencivel dos "alpinos" do Wurtemberg, do Baden, da Baviera, do Saxe, da Silesia, etc. Assim, a supremacia dos norte-americanos, conquistada

com o poder irresistivel do dolar. Essa trilogia de inegaveis sucessos confirmava a superioridade do homem loiro, de alta estatura e dolicocefalo.

Não percebiam, porém, os prègoeiros da doutrina de Gobineau que aquela gente afortunada triunfou, não por qualquer superioridade de sangue ou de intelecto, mas simplesmente por viver no seculo da máquina possuindo um sub-solo privilegiado. Confundiam a causa com o efeito. E, levados por essas ideas de egofilia, imperialismo e jactancia, consideravam o "mediterraneo", o asiatico e sobretudo o africano como gente inferior, incapaz de resistir á avançada fulminante dos anglo-saxões e germanicos dos seculos 19 e 20. Não fechavam os olhos ao passado, mas, baseados em não sei que premissas, sustentavam que ainda os povos não nordicos tiveram sempre por "guiões", nos periodos brilhantes de sua história, homens da celebrada "prea loura". Todos os sucessos da Helade; todos os periplos da Fenicia; todas as grandezas da "Cidade Eterna"; todas as fulgurancias do mundo serracenico; todo o brilho misterioso de Bisancio; todo o heroismo dos semi-barbaros medievais; toda a obra portentosa do humanismo e da Renascença; toda a história da reconquista peninsular, da navegação e dos descobrimentos; todo o trabalho insano da Reforma; todas as páginas memoraveis da história moderna e contemporanea, tiveram como guias e orientadores homens dêsse tipo privilegiado, que, localizado no Norte europeu, daí se foi desgarrando e penetrando por infiltração nos outros povos que logo dominava. Uma reedição em ponto grande e bem mais perigosa da lenda do povo eleito de Israel.

Os chefes da doutrina, que teve adeptos fanaticos como Woltmann, Ammon, Chamberlain e tantos outros, não tinham em atenção o meio fisico e outras circunstancias de monta, apontadas pela escola de Ratzel ou de Vidal de Lablache. Se porventura tivesse cabido aos anglo-saxões o continente sul-americano, de que a Inglaterra tem uma pequena amostra com a Guiana, e se aos lusos fosse dada a parte leste do Atlantico dos

Estados Unidos, com o combustivel da Pensilvania e o minerio dos Grandes Lagos, ou as terras brumosas do Mar do Norte, ou ainda as ribanceiras renanas do Sarre, teriamos que consignar, nas páginas tristes de um passado remoto, a extinção dos colonizadores nordicos no regaço imenso do vale equatorial amazonico, ou ao contato com a rudeza ignea do Nordeste abrazado, ou mesmo de encontro ás fraldas griz da Paranapiacaba tropical. Emquanto o louro se transformasse em "poor white", degenerado e amortecido, como se verifica nas Baamas, e morresse vencido pelo meio, o iberico, senhor do Cardiff, do Pocaontas ou do Sarre para minerar o ferro do seu maquinario, seria o primeiro povo desta éra industrial. Não está sendo assim com o niponico, povo portentoso que, apesar de não ser dolico-loiro, figura temido e respeitado ao lado das três maiores potencias do mundo?

Pois bem: foi devido a essa atmosfera enganosa de observação deficiente, que Buckle lançou o primeiro anátema sôbre nós e Lapouge afirmou que o Brasil viria ainda a ser povoado por gente tornada ao tipo negro ou indigena. Le Bon, mais tarde, na inciencia absoluta do que se passa no nosso hemisferio, encampou a predição de Lapouge, logo depois reeditada por Siegfried que, como Bryce e Madison Grant, não hesitou em dar essa prova de quanto é profunda sua ignorancia a respeito do Brasil.

Não resta dúvida que grande massa de gente negra veiu aqui conviver comnosco e povoar o país imenso. Isso desde o periodo da indústria assucareira, nascente na Baía e em Pernambuco, quando o Brasil-colonia ainda ensaiava os primeiros passos. Houve necessidade de fazer vir da Africa a mão de obra para esse ramo da indústria agricola, que no Norte atingia então ao auge da prosperidade, fazendo a civilização opulenta de Olinda, Recife e São Salvador e atraindo o flamengo sedento do oiro líquido que escorria dos alambiques. Mais tarde, a mineração das Gerais provocou a segunda avalanche de negros, para engrossar as fileiras minguadas de "carijós", que o bandei-

rismo de prêa, paralizado nas correrias, não mais trazia do sertão. Finalmente o café, desde a exploração do vale do Paraiba até o desbravamento do Oeste paulista, trouxe a terceira grande vaga de africanos, irradiada da Côrte, entreposto importador, onde os navios negreiros deixavam a sua carga humana.

Foi assim que recebemos a massa de africanos, diversamente espalhada pela nossa imensa superficie territorial. Mas Portugal já não havia tido igualmente a sua, talvez bem maior do que a nossa, guardadas as proporções? Não ha recordações do "homo afer taganus" de Mendes Corrêa? Que é feito dos sagitarios negros da Mauritania e do Al Sudan, que Musa e Tarik começaram em 711 a transplantar para a Peninsula? Onde estão os servos das casas ricas, trazidos da Africa negra pelas caravelas que singraram as águas do Não, do Bojador, das Tormentas?

Tiveram esses negros, que deveriam ter sido em número elevadissimo, bem outro destino que o daqueles escravos plantadores de algodão da Virginia, da Georgia e das Carolinas, ainda hoje aglomerados e nucleados pelo orgulho aristocratico dos brancos norte-americanos. E' que Portugal soube resolver o velho problema africano, absorvendo graças ao cruzamento a parte melhor, mais escolhida pela seleção sexual, e eliminando pela seleção natural os elementos inferiores.

Nos tempos coloniais, era o negro no Brasil muito mais numeroso do que o branco. Logo depois cessou o trafico africano, mas os que aqui tinham vindo antes foram se reproduzindo com grande fecundidade, de modo que não diminuiam. Nossas condições evoluiram. Recebemos as vagas imigratorias da Europa e os negros, com seus mestiços, principiaram então a minguar. Depois, com a luta social, cairam em decadencia. A diminuição da natalidade e enorme aumento da mortalidade, vêm fazendo com que desapareçam, diminuam em numeros absolutos.

Em São Paulo, o negro pouca liga fez com o caboclo. Suas mentalidades eram muito heterogeneas para que se confundissem na mescla completa. O negro era servil, resignado, humilde. Ao passo que o caboclo, como seu antepassado o indio, indomito, intratavel, sobranceiro, insubordinavel. Daí a pequenissima dose de mulatos ainda existentes no Estado. A maior parte deles ou é oriunda de um conubio direto do português, ou originária de outras regiões do país, pela atração que o renome de São Paulo exerce de Norte a Sul do Brasil.

Nas camadas mais altas, pode-se mesmo afirmar que o negro não abriu fenda por onde penetrasse. Apesar de liberal e plastico, o paulista sempre conservou em fermento, desde os tempos da escravidão, a semente de um velho preconceito contra o negro. Não o preconceito de odio ou rivalidade que nos Estados Unidos se objetiva em perseguições infrenes, vinganças crueis e reações barbaras, mas sim um preconceito em que entram uma ponta de piedade por essa estirpe e o desejo de não se misturar com a gente de quem se guarda a visão de inferioridade durante o cativeiro, e, depois de 88, na miseria social e fisiologica que a arrasta para o declive abutro de um exterminio rapido.

Não creio que para esse sentimento dos paulistas tenha contribuido o fato deles provirem dos grandes troncos sertanistas e por estes de um João do Prado, de um Pedro Leme, de um Pascoal Leite, de um Antonio de Proença, de Bartira ou de Mecia Ussú. A esse respeito, sempre se diferenciaram os paulistas dos norte-americanos, os eternos enfatuados dos seus "Pilgrim Fathers", ou dos seus puritanos do "Mayflowers", ou ainda dos seus "Virginians pioneers". Aqui os muitos seculos e a extremada modestia dos nossos avoengos votaram á ignorancia e ao esquecimento os feitos homericos do povoamento e das bandeiras. Do olvido tão unicamente escapara, muito andrajosa, a lenda de Amador Bueno. Só nos fins do oitocentismo, Azevedo Marques relembrou os fastos vicentinos, para depois se sucederem as buscas frutiferas de Afonso d'E. Taunay,

Washington Luiz, Antonio Pisa, Silva Leme. Mas, apesar do muito que se tem feito para enaltecer o paulista antigo, os seus descendentes teimam em não se orgulhar de progenie tão alta, desinteressados pelo passado.

Entretanto o negro, escravo de ontem, ainda inspira ao paulista uma certa aversão: com ele se recusa em comungar no mesmo sangue e partilhar o mesmo lar. Os remanescentes da última geração de senhores rurais, proprietarios de escravos, estão desaparecendo. Mas os que conheceram o escravo negro ainda estão cheios de vida. Com eles talvez se extingam os ultimos escrupulos. Como, porém, o negro e o mulato rapidamente caminham para o tumulo, não se aproveitarão eles do possivel liberalismo da gente nova que não chegou a conhecer a escravidão.

Acredito seja essa a razão do paulista não haver herdado do lusitano, seu antepassado, o decidido pendor sexual pela negra ou mulata, pendor que no Rio de Janeiro, antigo mercado de escravos da Angola, Guiné, Costa e Mina, faz com que pulule o mulato em todos os seus matizes dermocronicos. O negro, em São Paulo, passa sem deixar vestigios, sem largar residuos. Os poucos que foram absorvidos no turbilhão das mestiçagens logo na quarta ou quinta geração perderam os signos somatologicos dos mulatos. Claros, de olhos azues, de cabelos lisos, de traços finos, é quasi impossivel distinguí-los da gente exotica.

Esse o concurso do africano para a formação do brasileiro nesta parte do país. Nas baixas camadas ele se reflete nos mestiços, mulatos quarteirões e oitavões. Rapidamente eliminados pela maior mortalidade, pelas várias insuficiencias dos seus aparelhos fisiologicos, desaparecerão logo das nossas massas. A influência do africano, que tem sido minima, se reduzirá cada vez mais pelos fenomenos da heredologia, do mendelismo e das seleções naturais e sociais.

Sempre fui dos mais intransigentes adversarios da chamada doutrina da superioridade racial, alimentada por uma aristocracia etnica policromica e uma egolatria desmemoriada. Sempre, dentro dos meus modestissimos recursos, combati essa corrente prègoeira da nossa inferioridade, por sermos de mistura ibéro-afro-americana e não possuirmos senão laivos muito esmaecidos da celebrada dolicocefalia loira, aos quais querem sem nenhuma base atribuir todos os fastos notaveis do nosso passado. E' que dedico fervorosa admiração ao nosso homem: a esse mestiço mameluco que fez o recuo do meridiano de Tordezilhas, que promoveu o povoamento do nosso hinterland, depois de desbravá-lo, conquistá-lo e torná-lo acessivel; a esse mestiço que expulsou o flamengo e sofre secularmente ilhado e sem recursos no Nordeste asperrimo e abrazado; a esse mestiço mameluco que ocupou a Amazonia, o inferno verde de Alberto Rangel, o continente em marcha de Euclides da Cunha. Pensó que o mestiço brasileiro é o unico homem do mundo capaz de suportar as agruras de uma terra como a nossa. Ninguem mais é digno dêste imenso país.

Sem embargo de tudo isso, não sou adepto do democratismo racial de Roquette Pinto. Estou convencido de que o negro, mesmo educado, não se pode nivelar com o branco. O v. XXX dos *Arquivos do Museu Nacional* publica um magistral trabalho de Roquette Pinto sôbre os nossos tipos antropologicos, além de um inquerito a respeito das aptidões dos brancos (leucodermos), caboclos (xantodermos), mulatos (faiodermos), e dos negros (melanodermos). Por aí se vê que o negro é suplantado em quasi todas as provas. O que aliás tem sido exuberantemente patenteado nas lutas originadoras das seleções de ordem fisiologica e social, em que os negros são impiedosamente derrotados. Nem se alegue que a inferioridade inicial do cativeiro, de que sairam, não permitiu que atingissem as condições dos brancos e ganhassem a vantagem que haviam sido obrigados a conceder. Porque, deante dos proprios elementos brancos que como eles sairam do nada, se têm mostrado absolutamente infe-

riores. Ainda nas classes menos favorecidas dessa sotoplanura social, parecem portadores de um estigma fatal que os amarra, os impossibilita de melhorar sua situação.

Em 1872, eles constituiam no territorio paulista 62% da população; em 1923, com o seu mestiço mulato, passaram a ser apenas 16%.

Nos varios Estados assim se distribuem, segundo o coronel dr. Lobo da Silva (*Arquivos do Museu Nacional,* v. XXX):

	Brancos	*Mulatos e mestiços (?)*	*Negros*
Amazonas	31%	54%	4%
Pará	35%	56%	7%
Maranhão	40%	45%	15%
Piauí	24%	58%	17%
Ceará	38%	53%	7%
R. G. do Norte	37%	58%	3%
Paraíba	32%	65%	3%
Pernambuco	58%	35%	6%
Alagoas	34%	55%	8%
Sergipe	39%	36%	17%
Baía	33%	47%	19%
Esp. Santo	52%	34%	13%
Rio de Janeiro	47%	35%	17%
Dist. Federal	64%	26%	8%
S. Paulo	82%	12%	6%
Paraná	71%	25%	3%
Sta. Catarina	85%	11%	4%
R. G. do Sul	79%	10%	7%
Minas	52%	32%	15%
Goíaz	39%	48%	13%
Mato Grosso	45%	47%	7%
Média em todo o BRASIL	59%	30%	10%

Essas porcentagens foram obtidas pelo ilustre médico do Exercito, mediante o exame de cêrca de 30.000 soldados. As porcentagens referentes ao Estado de São Paulo não coincidem

bem com as que apurei, porque o dr. Lobo da Silva analisou elemento selecionadamente nacional, como são os soldados do Exercito, onde a gente exotica não pode figurar, ao passo que meus estudos foram procedidos tendo por base os dados referentes á natalidade e á mortalidade em toda a população do Estado, sem distinção de nacionalidade. Daí me terem levado a uma conclusão, se bem que aproximada da do dr. Lobo da Silva, mais optimista relativamente aos brancos. Dado um pequeno desconto em atenção ao que acabo de apontar, o seu trabalho, entretanto, confirma os meus calculos: os resultados de estudos feitos por vias tão diversas são representados por numeros sensivelmente iguais.

Ignoro qual seja a fecundidade do negro e do mulato. O *Anuario Demografico* do Estado, por motivo que desconheço, não consigna a natalidade dessa gente no Interior, como faz no que se refere á mortalidade. Assim, não me foi possivel calcular a porcentagem dos negros e mulatos nascidos no Estado.

Quanto á mortalidade, consegui estabelecer de modo muito indireto, tomando por base as cifras do *Anuario Demografico* de 1927, a porcentagem elevadissima de 42.0 por 1.000, o que é em verdade impressionante. Nos Estados Unidos, ainda que a mortalidade dos negros (16.3 por 1.000) seja maior do que a dos brancos (11.6 por 1.000), não atinge nem a metade da dos daqui. Por outro lado, a natalidade do negro norte-americano (25.3 por 1.000) é maior do que a do branco (22.2 por 1.000).

Há cem anos, quando ainda nas Gerais se raspavam das encostas os ultimos aluviões auriferos, Eschweg (*Reflexões Estatisticas de Minas Gerais*) achou maior natalidade para o negro do que para o branco, tal como acontece hoje nos Estados Unidos. No planalto paulista, a situação atual é bem diferente, passando o negro e o mulato a ter uma natalidade muito inferior á do branco e uma mortalidade incomparavelmente maior, como já vimos, sendo que no Estado, compreendendo a totalidade da população, ela é de 18.48 por 1.000.

Nos Estados Unidos o negro aumenta, embora em proporção menor do que o branco. A população negra norte-americana era:

em 1790 —	757.208	em 1860 —	4.441.830
em 1800 —	1.002.037	em 1870 —	4.880.009
em 1810 —	1.337.808	em 1880 —	6.580.793
em 1820 —	1.771.656	em 1890 —	7.488.676
em 1830 —	2.328.642	em 1900 —	8.833.494
em 1840 —	2.873.648	em 1910 —	9.827.463
em 1850 —	3.638.808	em 1920 —	10.463.131

Em São Paulo, a natalidade dos negros e mulatos é inferior á sua mortalidade. De acôrdo com o *Anuario Demografico* de 1927, são as seguintes as porcentagens de natalidade e mortalidade no Estado, com referencia á dermocromia:

	Natalidade	*Mortalidade*
Brancos	94.2%	84.8%
Pretos	2.6%	7.0%
Mulatos	3.2%	8.1%

Em sete cidades do Estado, segundo os dados do *Anuario* de 1924, vigoraram as seguintes porcentagens:

	NATALIDADE DE 100	
	Brancos	*Pretos e mulatos*
Capital	94.8%	5.0%
Santos	99.2%	0.7%
Campinas	92.0%	7.9%
Ribeirão Preto.	90.6%	9.3%
S. Carlos	85.6%	14.1%
Guaratinguetá	81.4%	18.5%
Botucatú.	90.8%	8.7%

	MORTALIDADE DE 100	
	Brancos	*Pretos e mulatos*
Capital	87.1%	12.6%
Santos	85.5%	14.2%
Campinas	75.2%	24.6%
Ribeirão Preto.	77.2%	20.9%
S. Carlos	75.3%	24.6%
Guaratinguetá	69.1%	30.7%
Botucatú.	83.5%	16.4%

Por esses quadros estatisticos, fica perfeita e exuberantemente provado que o preto e o mulato figuram em proporções altissimas na mortalidade geral do Estado e de suas cidades principais, mantendo proporções minimas na natalidade.

A situação do negro e do mulato pode ser, assim, representada por um dilema: ou a mortalidade deles é normal (estabelecendo-se as porcentagens de população de acôrdo com as proporções de mortalidade: 84.8% de brancos puros, 8.1% de mestiços mulatos e 7.0% de negros, o que já seriam um excelente indice de europeização) e nesse caso a sua extinção é fatal, desde que não existe compensação na natalidade, incomparavelmente inferior á dos brancos; ou a natalidade deles é que representa o seu indice normal, estando em perfeita paridade com a dos brancos, e ainda nessa hipotese o desaparecimento do negro e do mulato é fatal, porque as proporções de sua mortalidade indicam a existencia de um estado patologico impressionante.

Fugindo dêsse dilema, prefiro o meio termo, inclinando-me a acreditar que nem a natalidade nem a mortalidade do negro e do mulato são normais e identicas ás do branco. As estatisticas demonstram, não só que a mortalidade do negro e do mulato é superior á do branco e a natalidade inferior, como tambem que a natalidade, entre eles, é inferior á mortalidade. Em 1926, vigoraram os seguintes numeros absolutos:

	NEGROS E MULATOS	
	Natalidade	*Mortalidade*
Capital	1.441	1.838
Santos	48	351
Campinas	292	469
Ribeirão Preto	264	276
S. Carlos	209	144
Guaratinguetá	199	219
Botucatú	26	42
Total	2.479	3.339

Há, pois, um deficit de 860 individuos, que não pode ser atribuido a uma mera casualidade, porque em 1924 e 1925 as estatisticas registraram, nas mesmas cidades:

Natalidade	Mortalidade
4.894	6.336

Infelizmente, como já disse, o *Anuario* é muito falho no que respeita aos nascimentos, registrando-os sem atenção á dermocromia, a não ser nas cidades acima discriminadas, que são as capitais regionais do Estado. Mas, tendo em conta a população total em relação á dessas cidades, calculo que os melanicos apresentam atualmente um deficit anual de 4.000 a 5.000 individuos em todo o Estado, donde o prognostico de sua extinção absoluta daqui a 40 ou 50 anos, desmentindo as afirmações imbecis de Le Bon, Madison Grant e Siegfried.

Três são as causas dessa extinção cada vez mais acentuada:

a) — Absorção pela mestiçagem. As mestiçagens, que se forem apurando dentro de continuos cruzamentos com a estirpe branca, acabarão integrando-se nesta. Qualquer retrocesso atavico possivel não terá importancia. Deverá ser bem reduzido o número de mestiços salvos por esse modo.

b) — Inferioridade sociologica. O negro e o mulato se deixam vencer na luta pela vida, deante da concorrencia do branco, o que lhes acarreta males aos quais não sobrevivem.

c) — Inferioridade fisiologica e psicologica, tornando-os incapazes de resistir ao alcoolismo e outros vicios ou habitos ruinosos.

Dessas três causas, a segunda é, a meu ver, a mais importante: ela só seria suficiente para paralizar a evolução dos melanicos em São Paulo. E' a inferioridade sociologica que reduz os negros á miseria, com a falta de higiene e a deficiencia alimentar produzindo a pobreza organica e em consequencia a exagerada mortalidade. E' de fato raro deparar com um negro ou mulato nas profissões liberais das altas camadas sociais: eles preferem as sinecuras dos empregos publicos, ou remunerações mais magras, porém de maiores garantias. Na indústria, no comércio, ou na agricultura, só penetram pelos canais subalternos, exercendo sempre as posições inferiores. Nunca lutam com o animo proprio dos que tudo arriscam no labutar aventuroso da concorrencia pela vida. Preferem ser soldados mercenarios, carroceiros, condutores ou motorneiros de bondes, apegados a ordenados fixos e certos, sem as perspetivas da independencia que a fortuna lhes poderia dar se se fizessem alfaiates, sapateiros, marceneiros, pequenos proprietarios agricolas, sitiantes, chacareiros, etc. Não se aventuram fóra do estreitíssimo ambito de subalternos e de empregados, cumpridores de ordens. Modestos e principalmente conformados, estão convencidos da propria inferioridade. Não chegam mesmo a lutar, como os seus congeneres norte-americanos. Parecem já corroidos pelo alcool e pelos vícios, que se sucederam a uma libertação repentina, sem o prévio preparo de uma condição intermediaria.

(*Continua*)

ALFREDO ELLIS (JUNIOR)

C o r á

A Paulo Prado

I

Pai Chico estava tirando um trago de fumaça perto do girau, quando Manézinho entrou.

— Papai, abença... Eu andava mesmo á sua procura pra móde uma cousa que lhe preciso dizer.

O velho olhou de esguelha para o filho que não via desde tres dias e tirou uma baforada do pito, sem dizer uma palavra.

— O pai sabe que eu ando gostando da Corá. Vem desde o ano passado esse namôro. Foi na festa do Espirito Santo... Ela tambem, pelos modos, gosta de mim. E eu vim dizer ao pai que estou resolvido a pedir a Corá...

Pai Chico quedou-se uns minutos olhando o rapaz que, de pé, diante dele, torcia entre as mãos o chapéu de carandá, numa visivel atitude de constrangimento.

A tarde caía, fresca e suave, e no terreiro, em frente, um bando de galinhas, perús e angolas se espojava, perto de um moital de mangaritos.

— Manézinho, — disse afinal o velho — você é um homem para saber o que faz. Você já tem mais de trinta e há muito tempo que não me consulta sôbre seus negocios... Isso de casamento é cousa séria, é um passo que a gente depois que dá não pode recuar. Você sabe que eu estimo muito a Corá,

que o pai dela, que Deus haja, foi um dos meus melhores amigos... Conheci Corá, posso dizer, desde a hora de nascer. Foi sempre viva, esperta, ladina como quê... Quantas vezes carreguei a pequena no colo e fui com ela, já grandinha, ao mato, apanhar mangaba e marmelada! Mas Corá não lhe serve, meu filho. Para namoro, de passatempo, está muito bom. Para mulher, não. Uma cousa é brincar, distrair com os agrados, conversas e passeios... muito outra é tomar mulher para toda a vida. Corá é moça andeja, cabecinha de vento. Não dá córte de dona de casa, não sai dali uma mãe de filho...

— Oh! meu pai! exclamou Manézinho, escandalizado com a linguagem rude do velho. Ela é um pouco sapéca, lá isso é, mas si o pai visse como ela tem mudado aquele genio...

— Sim. Labias para enganar bobos. A mim é que não pega. Olhe, assim foi a mãe dela, a Batica, que hoje anda aí por esses mundos de Deus... Aquilo é de raça, é de familia e não há peor desgraça para um homem direito, sério, que quer trabalhar, do que topar com uma diaba dessas... Você sabe a história da Batica, não? Em vida do marido, ainda ela soube fingir, a ponto de ele nunca desconfiar... Depois, foi aquele corre-corre, a quem mais der. Não serve, meu filho... não serve. Desvanece disso, porque Corá vai no mesmo descaminho da outra. Veja você o que ela pintou com o Tonico, na Serra. Depois, com o Zéquinha, da sia Eusebia. Ainda há pouco com o filho do major Lalau. E até — Deus me perdôe — dizem que com o proprio Lalau, que é, você sabe, um maroto daqueles... Larga disso, Manézinho, que ela não lhe serve. Você repare bem uma cousa: aquela creatura tem parte com cobra. Ah! tem!

— Meu pai! isso tambem é demais! Vancê tem prevenção atôa com a moça! exclamou Manézinho, revoltado.

— E o nome dela está dizendo o que ela é — continuou, sem perturbar-se, Pai Chico. Cobra corá... Você já botou tento em como ela anda, toda se requebrando, toda num zigue-zague, num remeleixo de cobra a se arrastar no chão? E as

feições dela, Manézinho? Aquilo é vê cobra corá, tal e qual... Os olhinhos dela, a côr da pele, muito corada, a cabeça, muito preta, curta, quasi sem pescoço, o jeito de mexer... os dentes, — já viu bem os dentes de Corá? — os de cima muito saidos, com aquelas prêzas... hum... póde ser que me engane, mas ali ela tem, deve ter veneno guardado!

— Figa, meu pai! gritou, horrorizado, Manézinho.

— Aquele corpo muito roliço, todo dengue, todo a desmanchar em não-me-toques... aquele modo de falar meio assoviando... Jesus! aquilo tudo é de cobra, e de cobra corá, fique certo. Queira Deus que eu me engane — concluiu o velho — mas aquela mulher tem parentesco perto com cobra...

Manézinho pôs-se a pensar, metido em si, triste, desapontado. Não esperava tão aspera acolhida. No íntimo, doia-lhe a repulsa do pai, a quem muito queria, por aquela creatura que era hoje tudo para ele, que conseguira dominá-lo, no imperio de uma paixão irresistivel.

O velho, vendo o seu enleio, continuou:

— Que ela é bonita, lá isso é, mas que vale beleza que não dá sossêgo? Moça que já teve quatro, cinco namorados, quem pode assegurar que, casada, se contente com um homem? Não quero estragar sua vida, meu filho, por isso é que digo e redigo: não serve para você aquela mulher... Depois, lembre do que seu avô dizia sempre: "Não te cases com mulher de condição superior, que te humilhe, nem inferior, que te véxe". Você é curibóca, procura mulher da sua côr. Deixa Corá, que é branca, para branco, que possa satisfazer todos os luxos e caprichos dela...

Manézinho continuava a refletir, macambuzio, casmurro. Não lhe era possivel dissimular a impressão que lhe viera das palavras sensatas do velho. E, com pavor, reconhecia exatas as suas ponderações, sobretudo no que se referia á semelhança da moça com as serpentes, do genero coral. E até o nome vinha auxiliar aquela associação mental: Corá, corruptela caseira de Escolastica. O sertanejo, em permanente contato com

a natureza, tem extraordinario poder de analogia e estabelece verdadeira simbolica entre as pessoas e as cousas e sêres que o rodeiam... Manézinho sentia a fundo a realidade daquela comparação. Mais alto, porém, que tudo, gritou, no seu espirito conturbado, a voz dominadora do amor que o cegava:

— Será tudo o que vancê diz, meu pai, mas eu é que já não vivo sem aquela mulher! Sinto ter de o contrariar; apesar do respeito que lhe devo, declaro que, domingo, peço Corá e antes do Natal ela será minha mulher...

E sem mais dizer, sem siquer tomar a benção do velho, disparou, estrada afora, rumo da casa da namorada.

Esfriava. Um vento pesado começava a correr, com o cair da noite. Pai Chico levantou-se, para entrar no rancho, mas ainda ergueu os punhos, em sinal de ameaça, na direção por onde partira o filho tresloucado:

— Bacorá! Amaldiçoada! Você me há de pagar!

Longe, no silêncio da noitinha, ouviu-se, fino, estridulo, um assovio prolongado, quasi como um silvo de serpe a esgueirar-se entre as moitas...

II

Casaram-se pela Conceição e foram morar num casebre ao lado do de Pai Chico, já no lançante do corrego. Corá foi, nos primeiros tempos, uma pomba sem fel. Manézinho vivia encantado com ela e fazia-lhe todos os gostos. Conseguiu trazer o pai para a sua casa, sob pretexto de dar companhia a Corá, quando ele fosse obrigado a sair. A vida entrou-lhes de correr mansa e tranquila, como uma água quieta de ribeirão, no meio da varzea. Comiam juntos, na varandinha aberta, que dava para o jardim, de que Corá cuidava caprichosamente. Acabado o jantar, ficavam conversando no terreiro até a hora em que os dois casadinhos iam para o quarto de cima, ficando Pai Chico a ronronar, cachimbando, no degrau. Jogavam, ás vezes, o truco. Raro, saíam. As chuvas, nesse ano muito for-

tes, compeliam docemente a uma vida caseira, placida, de familiar recolhimento. Tres meses depois do casamento, pela enchente de S. José, Manézinho teve necessidade de ir ao sítio por uns negocios de gado. Era a primeira separação e Corá chorou muito, abraçada ao marido, pedindo-lhe que não fosse. Passou fechada no quarto todo o dia, sem descer, recusando até o alimento. No outro dia apareceu, já na hora do almôço, com as feições abatidas, um tudo nada de languidez, de abandono de si mesma. Trazia um roupão vermelho, de largas listras pretas, que lhe viera no enxoval, mas que, pela primeira vez, usava. Arrastando as chinelinhas de couro, numa apatia de quem se desinteressava por tudo, veiu, quieta e tristonha, sentar-se no batente da porta, ao lado do velho, que cachimbava, macambuzio. Esperou que saisse um vizinho, que viera falar a Pai Chico de um milho que queria comprar mesmo em espiga, e propôs ao sogro pôr a mesa no terreiro para almoçarem juntos. Pai Chico, acostumado desde o comêço a comer de cócoras, no canto que dava para a cozinha — nunca fôra convidado para a mesa, a que, de resto, se não ajeitaria — recusou. Quis opôr-se, em vão, tal o insistente pedido a que não havia fugir.

— Esta diaba tem jeito de pedir as cousas, que a gente não sabe negar... disse, comsigo mesmo, o preto velho.

E, de si para si, pai Chico se confessava vencido. Nesses tres meses de convivencia, Corá modificára por inteiro a opinião que antes o sogro fazia a seu respeito, pois, além de lhe não dar um motivo de queixa, desautorizara, com o seu proceder, as antigas e fundadas suspeitas de leviandade.

— Quem sabe, bem pode ser mentira, despeito, aquilo que diziam dela, coitadinha! Isso de namoros, tempo de moça, quem é que não tem? Si mesmo a minha Joana, que Deus tenha, não fui eu o primeiro de quem ela gostou... E, séria como aquela, está por nascer.

Assim monologava o velho, emquanto a nora ia e vinha, num afã, preparando a mesa para o almôço. Estalou uns ovos,

apanhou no terreiro umas folhas de cebola verde, pimenta para o carurú, que sabia ser um dos pratos preferidos de pai Chico. Durante o comer, não cessou a sua loquacidade. Sentada em frente do velho, ria-se, expansiva e tagarela, a cada esquerdice que ele, no seu desajeitamento, praticava. Quando acabaram, convidou-o a passear até o corrego. Ele pretextou uma dôr de cabeça, enxaqueca velha, para não ir.

— Ora, o dia está fresco, meu pai... Isso até faz mal. vancê ficar aí o dia inteiro, na mesma posição, chupando esse pito sarrento...

Sairam. Ele sorria, vencido pelos agrados da moça. O mormação muito quente esbrazeava o ar. Ela, para evitá-lo, arrepanhara o roupão, erguendo-o á altura da cabecinha, protegendo-a, como uma coberta. No seu desleixo caseiro, não trazia sáia branca e deixava ver, sob a camisa de mulher, curta até os joelhos, as pernas roliças, penugentas e o relêvo provocante das ancas. Ria, falava, sem cessar, como quando junto de Manézinho.

— Está fresco, está!... — disse pai Chico, para dizer alguma cousa.

Corá, suando em bicas, riu-se da observação ironica do velho, com que buscava contradizer a afirmação dela á saida e replicou:

— E' verdade... Não pensei que estivesse quente assim! O sol não está de fora, mas o mormaço é peor do que o proprio sol...

De volta do ribeirão, donde Corá trouxe uns pés de samambaia que lhe havia encomendado a Tuda, do Zé Nanico, pai Chico, que propositadamente se atrasara, a vinha observando. O andar coleante, a cabecinha irriquieta, a volver-se a cada momento para todos os lados, o falar estridente, num tom de silvo, mostrando os incisivos salientes, lhe haviam reavivado a semelhança da nora com as corais, semelhança que naquela hora, mais se acentuava pelo traje que ela trazia, uma verdadeira pele de cobra, vermelhaça com rajas pretas. E, de no-

vo, começava, no espirito conturbado do negro, a luta entre os sentimentos antagonicos, um que o levava a temer e evitar a intimidade daquela mulher perigosa e outro que, sem o querer, o envolvia, lento, lento, nas enfeitiçadoras e enliçantes carícias da nora. Insensivelmente, ela o foi pondo á vontade, com aqueles modos muito dela, desembaraçados e alegres. Deixando a sua habitual casmurrice, pai Chico contou histórias do seu tempo, anedotas do sertão, episodios da sua vida de moço. Sentaram-se no terreiro, á sombra de uma velha chagueira, e emquanto Corá fazia o seu crivo, o velho tagarelava, tirando enormes baforadas do cachimbo de barro. De vez em vez, a moça entreparava no serviço, e, risonha, descançava nele os olhos miudinhos, vivos, humidos sempre, como si andasse constantemente a chorar, de tristeza ou de alegria. E pai Chico sentia que aquele olhar, repousado, parado quasi, coando-se, num espasmo, por baixo das pestanas veladas, exercia um fascinio poderoso sôbre ele. Bolia-lhe com todo o sêr, corpo e alma, parecia atraí-lo para ela, para perto dela... E, sem querer, fitava-a, de esguelha, atentando-lhe nas feições, que achava mais bonitas do que antes, nos labios grossos que ela, volta e meia, num como cacoete, humedecia, passando-lhes a linguinha fina e rubra... Foi-se toda a tarde naquela descuidada palestra e o sol já se punha, e a sombra entrava de crescer, envolvendo o terreiro silencioso, onde a criação já se empoleirava, quando ela, num gritinho de susto, exclamou:

— Jesus! pai, não é que já é noite, e nós aqui nesta mamparreação?

Pai Chico, quasi sem acôrdo do tempo, só então viu que se esquecera de tudo, a prosear com a moça. Nem havia pensado em recolher as vacas no curral, nem em ralar o seu guaraná ou picar o fumo para a noite... Corá correra á cozinha para vêr o jantar, já frio, pois o fogo se apagara e até o borralho se fizera pura cinza. Jantaram já noite fechada, á luz da lamparina, frouxa e morrente. E quando Corá, depois de haver ajuntado a louça, na gamela, para lavar no dia seguinte,

subiu para o seu quarto, pai Chico foi-lhe preciso ter fôrça sôbre si para não a acompanhar, tal a atração irresistivel que sentia exercer no seu sentimento aquela creatura. Ela, já em liberdade, ainda voltou até o meio da escada, para pedir-lhe os fosforos que havia esquecido. Tropego, quasi cambaleando, pai Chico conseguiu chegar perto da nora, que, a sorrir, com mal fingida malícia, lhe disse:

— Boa noite, pai... Foi tão bom o nosso dia. Que pena não possa ser assim a noite...

E, cerrando a porta, ainda sussurrou, em tom para ser ouvida por ele:

— Quando virá meu Manézinho? Que falta faz á gente um marido!

III

Pai Chico passou em claro a noite. Fazia um calor terrivel e o velho virou e revirou na rede até amanhecer. O luar veiu já de madrugada encontrá-lo com os olhos da vespera, pisados e secos. No brejo, atrás de casa, uma rã cantou toda a noite, em côro com o lirismo vagabundo dos grilos. Pai Chico sentia dentro de si, a um só tempo, todas as delícias do céu e todos os horrores do inferno. Fechava os olhos, para não ver, e via; tapava os ouvidos, para não escutar, e escutava. Viu Corá, tentadora e meiga, a sorrir-lhe; ouvia-a, na sua parolice garrula, em que havia tanta ingenuidade como malícia, entremescladas... Sentia que era feliz por causa dela e que ela o poderia fazer muito desgraçado. E, entretanto, onde encontrar em si fôrças para fugir-lhe, para evitar a fascinação indominavel que dela toda se desprendia? Cuidava ouvir, lá em cima, o ronron da rede, o barulho das suas chinelas, no soalho, e, no silêncio enorme, até o seu respirar harmonico e sereno, que uma ou outra vez, um suspiro longo entrecortava. Porque deixara ela a porta apenas encostada, quando era costume

fechá-la com o trinco, estando Manézinho? Um impulso irresistivel o arrastava até junto dela... nem ele sabia porquê ou para quê... mas a idea de que ela ali estava, a alguns passos apenas, o torturava horrivelmente, como si fosse a conciencia do perigo ou o medo da sua propria covardia... Muito tarde, ouviu uma serenata, longe, já depois da lúa sair, ao doce amiudar dos galos. Apenas lhe chegavam os bordões do violão e a lenta, langue toada do verso, que ele reconheceu como sendo uma canção de que Corá muito gostava:

A mulher é como a cobra,
vem quando menos se quer...
Quem não tem corpo-fechado
ai! cuidado!
Não se chegue com mulher...

Pai Chico estremeceu, ao recordar a letra expressiva e simples da cantiga. Era bem aquilo! Corá ali estava para despertá-lo á realidade doce e pungente, Corá, a boi-corá perigosa, que, a despeito de toda a sua prevenção, já começava a instilar-lhe suavemente o seu veneno perfido... Ele, velho, mais de seus setenta, quasi um trapo de homem, ainda não tinha o corpo-fechado para esses amavios de mulher... E, por outro lado, impressionava-o a idea de que Corá desejasse conquistá-lo, a ele, quasi uma múmia, sombra de gente, *tapera humana,* já morta em vida... Tão perigosa era, assim, aquela creatura ou exercia ela, sem o sentir, o seu poder malefico, como as serpentes que matam sem conciencia, talvez, do que fazem? E revia-a, o seu olhar, diante do qual se sentia como um passarinho atraido pelo filtro letal que projetam as cobras... o seu rir, só dela, com aquele passar e repassar da lingua humida sôbre os labios, da lingua que, para ser viperina, só lhe faltava a bifidez... Pai Chico, horrorizado do rumo a que iam se enveredando as suas ideas, ergueu-se, num pulo, da rede cea-

rense e, atando a cinteira de couro sôbre a calça de mescla, saiu para o terreiro, exclamando:

— Tomára que Manézinho não demore e que acerte logo êste negócio de gado!

Dentro dele, porém, um "outro" ciciou, no seu cerebro exgotado pela insonia, entre uma zoada infernal que lhe enchia os ouvidos de um longo escachôo de corredeiras:

— Manézinho... Manézinho pode vir... você é que nunca mais terá sossêgo. A corá já picou seu coração...

IV

Quis pai Chico reagir contra o veneno, que, subtil, se lhe instilara nas veias, mas foi debalde. Corá o dominava inteiramente e, o que é peor, parecia divertir-se á sua custa, gozar do seu completo esmagamento. Era um inimigo que ela conseguira inutilizar... Brincava com ele, dizia-lhe liberdades, ria-se muito ao ver-lhe a atrapalhação e a esquivança com que procurava fugir ao seu influxo empolgante e vencedor.

Já não tinha cerimonias com ele. E fazia tudo aquilo sem ar de maldade, como si fosse a mais ingenua menina. Para vestir-se ou despir-se perto dele, ela costumava dizer, rindo-se, convulsivamente:

— Pai Chico, olhe de outro lado... Tambem, pai não está mais por vêr certas cousas... A vista já encurtou... e, depois, já deve ter visto tanto...

E nesse tom, a colubrina creatura, exasperava de momento a momento os nervos amolentados do pobre velho. A libido, adormecida há muito, acordava nele, como o rugido de uma fera dos seus desertos africanos, ao látego vibrante daquela cruel domadora. E Corá ria, ria, ria. E o seu riso satanico tinha o estrídulo som dos silvos das serpes, suas irmãs... Já pai Chico lhe não era mister andar se escondendo pelos sarãs e ferindo-se nos cansansãs da margem, para vê-la, á hora ma-

tinal do banho no ribeirão. Via-a o dia todo, numa dádiva languida e aliciante do seu corpo admiravel de morena clara, a ofertar-se-lhe, sob a camiseta, leve e decotada, que lhe punha á mostra, sob os cabeções de crivo ou *crochet,* os amplos seios, opulentos e firmes na sua magnifica e erecta apojadura de sangue; via-lhe, atarracados pela ombreira, os braços roliços e grossos, pubescentes como folha de malva-maçã e, sob a cova macia que faziam, ela lhe entremostrava, a cada passo, com o pretexto de endireitar o cabelo, a maranha negrissima das axilas... De toda ela se desprendia um fluido perverso de sedução, de sensualidade moça e sadia. Pai Chico sentia-se vencido, mas custava-lhe confessá-lo. Não se animava a repreender a nora por aquilo que fazia, não só porque lhe parecia natural e sem estudo, da parte dela, como ainda porque seria, talvez, um motivo de ela agastar-se e esfriar no trato com ele... E, no seu egoismo, aquilo lhe doia. Assim corria a semana, ao fim da qual deveria regressar Manézinho. Pai Chico, na incoerencia da paixão, agravada pela senilidade, ansiava pela volta do filho e desejava, ao mesmo tempo, que um imprevisto a retardasse. O imprevisto veiu. Manézinho mandou dizer a Corá que, tendo de esperar o boiadeiro que não havia chegado, era-lhe forçoso passar mais uma semana no "sitio". Ela contou a notícia a pai Chico, sorrindo, como si não lhe fizesse móssa.

— Manézinho esquece que tem mulher... Deixa a gente sozinha tanto tempo e isso não é bom, não acha, pai?

O velho viu naquele fato trivial na vida dos sertanejos — o adiamento de um negócio, de uma viagem — o dedo misterioso do destino que o entregava áquela mulher. Fatalista, como todo o caipira, em quem a religião se transforma numa passividade diante da sorte, pai Chico deixava-se levar no arrastão da corrente. Corá tê-lo-ia a um aceno, á hora que quisesse. Ele não acenderia o rastilho, mas, aceso, não seria ele quem recuasse. Ia para ela como para a morte: *porque era preciso.* De repente, porém, a lembrança do filho se superpunha

áquelas ideas, se entremetia no seu espirito, como um avejão escuro, a voar sinistramente, apartando-o de Corá. E um horror de si mesmo, de haver consentido naquelas cousas, lhe vinha, como a nitida conciencia do remorso na alma do criminoso. Não, aquilo não poderia ser. Era monstruoso. Aquela menina, cuja idade era cinco vezes inferior á dele, além de tudo era sua nora, estava no lugar de sua filha. Manézinho lha confiara, dizendo, ao sair:

— Papai, tome tento na Corá... Ela vai sentir tanto a minha falta, *tadinha!*

A'quela confiança, seria ele tão miseravel de retribuir roubando-lhe a mulher! E logo ele, ele que abrira as vistas do filho, julgando conhecê-la, para depois vilmente o trair, seduzido pelos mimalhos daquela serpente! Nunca! Nunca... mas, então, porque não fugia dali, sob qualquer desculpa?... Ficar, era cada hora se chafurdar mais naquele pantano, em que se ia afogando deliciosamente... Oh! aquilo era, talvez, um castigo, por haver caluniado, desprezado a moça, antes de ser sua nora. Uma tarde, já na segunda semana da ausencia do filho, pai Chico esteve a pique de naufragar com todos os seus escrupulos. Corá, entrando na cozinha, levou uma escorregadela de mau jeito e machucou-se. Veio coxeando até junto do sogro a quem pediu que lhe fosse buscar, em cima, o vidro de cachaça canforada. E apoiando a perna sôbre o tamborete de couro, a gemer, sofraldou a roupa até o ponto contundido, bem acima do joelho direito. Pai Chico teve um choque formidavel á vista daquela perna que se lhe exibia, impudica, na inconciencia da dôr. Todo o sangue lhe afluiu ao rosto, e, a dois passos dela, tremia, como uma criança que vê um perigo iminente.

Corá, a quem a dôr magoava muito, não dera pelo estado do velho e pediu-lhe, suplice:

— Faz uma fricção aí, pai. Olhe... arnica ainda é melhor. Ali, no armarinho tem um vidro.

Pai Chico, entretanto, se revelara de vez. Inutil qualquer simulação: os olhos esbugalhados, o seio a arfar, todo ele um hircino acordar de animalidade, começou a andar de costas, como querendo fugir á envolvente tentação que o prendia:

— Não... não... Corá — dizia, desarticuladamente — não... isso não... e — como tomado de loucura momentanea — Manézinho vem aí e pode ver.

A moça, num relance, apanhou tudo. Senhora da situação, viu que tinha nas mãos o seu velho adversario. Não era ainda o momento, pensou. E, estralejando uma risada gostosa, demoniaca:

— Irra, pai! Isto é paixa, sim senhor! E da boa! Livra que seu filho venha a saber desse rabicho!

V

Desde esse dia pai Chico percebeu que estava nas mãos de Corá. Esta, logo que se convencera da completa rendição do velho, passara a fazer dele um joguete infantil, tentando-o por todas as maneiras, para depois, ao vê-lo enfuriado, desfechar-lhe de chofre uma gargalhada de zombaria, que era, como uma ducha gelada na paixão decrepita, mas ainda férvida, do negro. Via pai Chico que tal situação não poderia prolongar-se. Com efeito, nas guerras do amor, é impossivel manter por muito a beligerancia: ou há, fatal e rapida, a rendição ou o proprio tempo traz o desfêcho, pelo recuo ou pela frieza. Já ia quasi no fim da segunda semana e aproximava-se o sabado, para o qual anunciara Manézinho o seu regresso. Uma tarde, pai Chico que voltava da lenha, deu com a nora deitada na rede, que, devido ao calor, armara na varanda aberta, ao lado do terreiro. Estava-se em fins de Março, as chuvas iam acabando, mas fazia um calor inaudito. O ar abafava; uma torreira parecia comburir o mundo. Corá, trazendo sôbre o corpo apenas o roupão vermelho, que parecia preferir nesses dias torri-

dos, embalava-se, indolente, com uma perna fora da rede, fazendo de rêmo daquela leve embarcação. Pai Chico quedara-se de pé, á porta da cozinha, onde atirara o feixe de lenha que havia trazido do mato.

— Vamos ter chuva esta noite, meu velho — disse ela, provocando a conversa. Êste calor abafado é sinal de água...

E, num suspiro:

— Pobre do Manézinho!

— Porquê? fez pai Chico, sobressaltado.

— Porque vai tomar chuva pelo caminho... Pai já esqueceu que ele está chega não chega?

— Ora — respondeu o velho, num muchoco — ele está acostumado. E' homem viajado e vaqueano.

Corá sentara-se na rede, e com um sorriso de maldade, perguntou:

— Pai, aposto que o senhor não tem muita pressa que ele volte?

Compreendendo aonde ela queria chegar, preferiu o velho mostrar-se ingenuo e ignorante.

— Eu? porque não? Acho até que ele está demorando muito...

— Sério, pai? — insistiu Corá, quasi desfechando uma das suas risadas, diante da constrangida situação em que via o sogro.

E, de repente, fazendo-se séria, e parando o balanço da rede:

— Diga, pai Chico, mas diga com franqueza, o senhor gosta mesmo de mim?

O negro sentiu faltar-lhe o solo. Tremulo, gaguejante, replicou com outra pergunta:

— Mas porquê não hei de gostar?

Corá sorriu de leve, gozando o embaraço cada vez maior do velho e, após uns segundos de hesitação, sussurrou, quasi num silvo, entre os dentes fechados:

— Pois, olhe, eu tambem gosto muito, muito do meu velho...

Pai Chico sentiu que era chegada a hora decisiva. Corá levantara-se e, quasi junto dele, pondo-lhe a mão no ombro, flexuosa e coleante perguntou:

— E quando duas pessoas se gostam... e nada atrapalha... o que é que se faz, meu velho?

Não pôde o negro articular uma resposta. Dera um passo para trás, como fugindo ao bote serpentino. A custo pôde dizer, emquanto ela, em frente estendia a boca, num mudo entregar-se de si mesma:

— Menina... menina...

Ela, porém, o enlaçara, o envolvera, num enroscar de ofidio e pai Chico sentiu, numa tonteira, rodar a casa, faltar-lhe onde pisar, como si fosse desmaiando. Nesse instante um cavalo troteou no terreiro e a voz de Manézinho se fez ouvir, aos gritos:

— Gente de casa! olá! Parece que está tudo dormindo já a esta hora!

VI

Sózinho, na varanda, emquanto esperava clarear, pai Chico ruminava o acontecido na vespera. Fôra uma felicidade a chegada do filho, que, tendo liquidado os negocios mais cedo, antecipara de dois dias a volta. Corá recebera-o numa alegria intensa, que não condizia com o seu proceder nos ultimos dias, em que parecia evitar até a lembrança do marido. Pai Chico os viu subir para o quarto, num arrulhar de pombos, que se prolongou pela noite a dentro. E, torturado, passou o velho, numa agonia, a imaginar o que poderia ter sido si Manézinho demorasse mais uns minutos. Mesclava-se-lhe na idéa um remorso do que fizera a um pesar do que não chegara a fazer... Sentia-se, entretanto, quasi liberto de quaisquer preocupações,

ante a idea de que ela fôra quem o procurara, todos aqueles dias passados. Nos labios, pungia-lhe ainda a dôr aguda da ferida que ela lhe fizera, imprimindo-lhe fundo a marca dos seus caninos agudos. Era bem uma mordida de cobra — pensava. Nunca, na sua vida, uma mulher o beijara assim... O veneno! certo, ela lhe inoculara o veneno de que devia estar cheia... E sentia-se perdido. Nunca mais teria sossêgo. Via que a luta ia continuar, peor ainda, na sombra, com a presença do filho e rival, por quem já sentia mal disfarçada odiosidade. Que horrivel situação era a sua! Já via, no dia seguinte, a miseravel a tentá-lo de novo, na presença de Manézinho, e talvez até revelando, nas meias frases e indiretas em que era useira e veseira, a fraqueza dele diante da paixão endemoniada que o possuia. Ia ser um inferno. E ele tinha a certeza de que sucumbiria, por fim, pois o veneno já lhe corria nas veias, o virus daquele beijo fatal de ofidio humano... Não sabia explicar porque ela o perseguira, o desejara. Nada havia nele do que geralmente atrai as mulheres: mocidade, beleza, vivacidade ou fôrça. Nada. Um mulambo de homem, pouco menos que um defunto. Seria, certamente, o prazer de vingar-se dele, de o esmagar, de o humilhar... Ela bem sabia que ele se opusera ao casamento e quereria, quiçá, mostrar-lhe, numa represalia satanica, o seu poderio, o seu feitiço irresistivel.

Com a cabeça a tumultuar dêsses desencontrados pensamentos, pai Chico descera até o corrego, onde, antes de tomar o seu banho do costume, ficou largo tempo, banzo e casmurro, a meditar na sua vida. Subiu quasi uma hora depois. Já clareava o dia, mas um silêncio profundo reinava naquele recanto de vale adormecido. Ao ganhar o trilho que ia sair nos fundos da casa, pai Chico cuidou ouvir uma bulha no mato, o agitar de umas moitas, e, logo após, atravessou o caminho uma coral, de bom tamanho, linda, toda vermelha e anelada, a deslisar sôbre areia de ouro. O velho apanhou um pau, grosso e roliço, que encontrou na estrada, e, cercando a cobra em sua passagem, matou-a, com um golpe certeiro na cabeça. Este-

ve longo tempo a examiná-la. Belo animal! que pele admiravel — pensava. E, por inconciente associação de ideas, lembrou-lhe a "outra", a corá que o perseguia, que lhe roubára a paz e a felicidade. Tambem ela deveria morrer... Era a unica saida áquele horror em que se via. Uma idea cruel, fria, o empolgou desde essa hora. Era, sem dúvida, Deus que lhe pusera no caminho aquela cobra, para mostrar-lhe como deveria proceder.

Já não tinha mais uma hesitação. Subiu, pé ante pé, entrou a casa silenciosa, galgou a escadinha tosca que dava para o dormitorio do casal. Na embriaguez da noite de amor e de saudade, não lhe ocorrera siquer fechar a porta, que o negro, num leve empurrão, decerrou. Louco, possuido da idea que o obcecava, achegou-se á cama do casal, onde, exhaustos da noitada, os dois resonavam, num profundo torpor. Corá trazia aquele roupão fatidico, que mais lhe acentuava a semelhança com as "outras", suas companheiras... Inerte, numa prostração, ela, meio descomposta, ofertava ás vistas do velho o seu corpo, no impudor inconciente do sono. Um dos braços decaia-lhe sôbre os seios e outro ainda envolvida, num amplexo de carícia, o pescoço de Manézinho. Pai Chico aproximou-se dela. Tremiam-lhe as pernas. Um rictus diabolico lhe aflorava aos labios. E, alçando o cacete, o mesmo com que matara a corá da estrada, desfechou uma pancada sêca sôbre a linda cabeça de Corá, que ali mesmo continuou dormindo, dormindo, num oceano de sangue que lhe inundava o travesseiro, o lençol, o leito todo... E, num riso de fera, num esgar de louco, pai Chico, atirando-se ao filho, que acordara, tonto, tonto, sem compreender ainda o que se passava, lhe disse, baixinho:

— Não se assuste, meu filho. Não foi nada... Matei uma corá que estava querendo estragar a nossa vida.

JOSE' DE MESQUITA

Cronica

Perspetivas

O despertar de um sonho

Ha dois anos já que entrámos francamente num periodo de "vacas magras". Tudo ia pelo melhor no melhor dos mundos possiveis, para as nossas eternas disponibilidades panglossianas, quando subitamente, a não sei que impercetiveis ondulações, precipitou-se a borrasca. O que então se passou apresenta quasi todos os caracteristicos do sonho, de tal modo é perturbadora, fantastica, ireal, para o bom-senso, a impressão de um equilibrio diferente do seu.

Nada de novo sucedera. Nenhuma catastrofe, nenhum grande desmoronamento que arrastasse na queda o resto do mundo. Nenhuma alteração essencial na vida e nas relações dos homens. Entretanto, como em qualquer cenario cinematográfico uma a uma ruiram muitas das grandes construções humanas. Nunca o progresso fôra tão intenso e assombroso. Nunca o trabalho universal produzira tanto e tão bem. Entretanto, mais do que nunca sentiu-se a ameaça da miseria geral. E, pois que desde os tempos biblicos a vaca tem sido a medida da prosperidade, passámos todos, sem razão aparente, a comer a carne velha e dura da "vaca danada" dos francêses. Ao que parece desmantelaram a ordem economica alguns meros presentimentos de Wall-street e principalmente o telegrama que os divulgou. Um bom brasileiro diria simplesmente: palpite. Foi um palpite que desencadeou o panico e nos precipitou na penuria.

Sem dúvida como palpite esse era bom. E aqueles presentimentos fundados. Um e outros foram a gota que provo-

cou o transbordamento iminente. Contudo, como explicar que essa já fosse a situação anterior? Estamos na idade da tecnica e os tecnicos são unanimes em afirmar que esta crise se distingue de todas as outras por provir de um excesso. Falando de vacas magras, é evidente que eu estava em êrro. Tal imagem se podia aplicar no saudoso tempo dos Faraós, quando as crises eram provocadas por alguma praga destruidora. Desta vez, ao contrário, as nossas privações resultam da insuportavel obesidade de umas tantas rezes. E é aqui que o bomsenso começa a sentir-se despaisado e a inquietar-se em consequencia. E' certo que a moral caseira sempre ensinou que quem tudo quer tudo perde. No caso, porém, não se perdeu coisa alguma: trata-se de uma acumulação de riquezas pura e simples. Como o mundo produziu riquezas em quantidade que supera de muito as necessidades do consumo, de um momento para o outro se viu pauperrimo. Assim, o que é verdade para um, não seria para todos; o que faz a fortuna dos individuos, teria sido danoso á coletividade.

Mas é preciso insistir no que já ficou dito: nem uma alteração precedeu ao paradoxal empobrecimento. A produção e o gasto das utilidades seguia normalmente. Foi depois do colapso de Nova-York que as condições de vida e de trabalho se modificaram: como um tremor de terra que se produzisse para honrar a firma do sismógrafo que o anunciou, ou ainda, imagem mais familiar, o carro adiante dos bois. A menos que se tenha verificado uma aplicação do proverbio "o que os olhos não vêm o coração não sente", tomado num sentido talvez um pouco sutil. De qualquer maneira os algarismos que exprimem os dados que aos simples curiosos de economia se afigurariam essenciais, não variaram sensivelmente. O bomsenso concluiria, pois, que, si não houve alteração profunda dêsses dados, ou a antiga opulencia era um boato ou é falsa a pobreza atual. E não lhe sendo possivel negar a esta última, decidiria que a crise não passa de um chamado á realidade, o despertar de um sonho, idéa que não é tão tola assim.

Com efeito, a vida dos homens em sociedade e as relações das diversas sociedades humanas entre si repousam tão completamente sôbre um certo número de convenções e especialmente sôbre a fé que num dado momento essas convenções nos merecem, que se pode perfeitamente e sem excessiva ousadia sustentar que somos ricos ou pobres, engordamos ou deixamos definharem as nossas vacas, para usar a linguagem proustiana, conforme as intermitencias do coração. Nesse terreno tudo

não passa de reflexo da nossa vontade e da nossa imaginação. Nêle, ao menos, o homem continuará a ser a medida de todas as coisas e a ordená-las segundo a sua disposição interior. Eu penso; logo, isso existe.

Esta concepção facilitará, suponho, a adaptação dos espiritos não especialmente cultivados aos surpreendentes fenomenos que se vêm sucedendo ultimamente. Si, possuindo demais, não fruimos bastante, é que, por vontade ou por desidia nossa, há qualquer coisa de podre no mundo contemporâneo.

PEDRO DANTAS

Etnografia

Superstições do povo paulista (*)

III - O HOMEM - Juventude, amores, casamento.

I) EXPERIENCIAS DE AMOR

39. Neste nosso já longo e demorado excurso pela superstição paulista vimos acompanhando — eu e os leitores que acaso haja angariado — a vida de uma creatura imaginária, desde o seu feliz nascimento — feliz porque foram observados minuciosamente os ditâmes da medicina popular para o caso — até os albôres de sua juventude, vendo como se livrou a creança dos mais extraordinarios perigos, das mais variadas doenças e dos mais encarniçados e sobrenaturais inimigos.

Agora, a nossa creatura já é um rapaz requestado pelas meninas, uma vez que tendo passado incólume pelos supra-referidos perigos goza de perfeita saúde e imaginamos seja dotado de alguma beleza. Nessas condições é justo que o rapaz tenha muitos amores, e é natural, tambem, que em certas namoradas não deposite plena confiança. Como verificar se o seu amor é correspondido? As duas maneiras mais comuns de se tirar isso a limpo são as seguintes:

a) Colha-se uma flor chamada "amor dos homens", cuja corola é formada por tenuissimos "pompons", e sopre-se sôbre ela. Se permanecerem alguns fios do arminho fica-se sabendo que a amizade não é correspondida; si não ficar nenhum é porque o é.

Essa experiencia não é tão brasileira como muita gente supõe. Na França sopra-se sôbre o amargão para saber quantos anos faltam para casar (1). Embora os objetivos sejam diferentes, a experiencia é a mesma.

b) Mais conhecido que o anterior, mas ainda menos brasileiro que ele, é o costume de arrancar as petalas de determinadas flôres, o malmequer, por exemplo, dizendo a cada petala arrancada: "sim, não; sim não"... A última dá a resposta.

Na Italia as jovens enamoradas fazem o mesmo. E' o que afirmam G. Franceschi (2); Pitré, para a Sicilia (3), e G. Zamazzo, para Roma (4). Os franceses tambem usam esse meio prático de conhecer os sentimentos de outrem (5).

(*) Vêr ns. 3 e 4.

(1) Sébillot, **El Paganismo Contemporaneo**, p 115.

(2) **Superstizione**, p. 58.

(3) **Curiositá di usi popolari**, p. 118.

(4) **Usi, costumi e prigiudizi del popolo di Roma**, p. 130.

(5) Sébillot, o. c., n. 115.

m) ARRUFOS DE NAMORADOS

40. De posse da certeza de que é amado ou de que não o é, o nosso rapaz toma a decisão competente. No segundo caso rompe com a namorada. Muitas vezes esta era apenas leviana; gostava do moço, mas tinha outros amores. O malmequer, porém, não falha: **dá logo na cabeça**, para usar uma expressão que todo o mundo emprega quando conversa, mas poucos têm coragem de escrever. A rapariga, vendo-se abandonada pelo namorado sente-se arrependida e chora de saudades. E' então que aparece o sací, numa atribuição que ninguem suporia fosse êle capaz de se arrogar. E' que o diabinho, embora não pareça, tem bom coração e deixa, por momentos, as suas estrepolías para encarregar-se de obter a reconciliação de amantes. Quando o namorado ouve o sací assobiar fica sabendo que a menina está triste, chorando amargamente (6). Não é dificil, nesse caso, que o arrufo desapareça e o amor renasça.

n) COMO CONHECER O FUTURO MARIDO

41. Quando as moças têm muitos apaixonados e não se resolvem por nenhum deles, esperam a vespera de S. João e, exatamente á meia-noite, vão olhar na água de um rio, lago ou açude, onde, acreditam, estará refletido o rosto daquele com quem se casarão. — No Norte do Brasil (7) a experiencia é feita com um copo d'agua.

As raparigas da Andaluzia fazem o mesmo e as dos Pirineus coisa mais ou menos semelhante (8).

42. Há outra maneira de vir a conhecer o futuro marido. E' menos facil que a anterior, mas de resultados muito seguros. Consiste essa experiencia no seguinte: no dia de S. João deve a jovem guardar um bocado de todo alimento que tomar nas diversas refeições, arranjando, assim, um pratinho que é posto sôbre uma mesa. Indo deitar-se, sonhará a moça com o homem com quem um dia se deverá unir pelo matrimonio. E verá distintamente o rosto do rapaz, de maneira a reconhecê-lo, mais tarde, no seu prometido.

43. Uma vez divisado o rosto do futuro marido, se é o de alguem das relações da moçoila, o nome "ipso facto" será conhecido. Em caso contrário há uma maneira facil de saber o apelido do mesmo: no dia de S. João, ao dar esmola ao primeiro pobre que apareça, deve a curiosa joven indagar do nome do mendigo. Como se chamar o pobre, assim se chamará o esposo da moça.

No Norte o óbulo deve ser de um vintem que esteve mergulhado nas cinzas da fogueira da vespera (9). — "Na Alemanha a jovem devia estender deante da porta um fio fiado pela primeira vez por ela e perguntar ao primeiro homem que passasse o seu nome: esse seria o de seu marido" (10).

o) SANTOS CASAMENTEIROS

44. No caso da moça começar a ficar **passada**, receiosa de não arranjar marido agarra-se ela com Santo Antonio ou S. Gonçalo, que são os dois grandes santos casamenteiros, venerados em todo o Brasil (11). Santo António é o mais afamado dos dois. "E' curioso notar — diz Amadeu Amaral — que esta fama, sendo para nós de procedencia portuguêsa, parece ter adquirido aqui maior extensão e vita-

---

(6) **Inquer. sôbre o Sací**, depoimento do sr. M. Lopes, p. 103.

(7) G. Barroso, **O sertão e o mundo**, p. 90.

(8) Sébillot, o. c., p. 126.

(9) G. Barroso, o. c., ps. 90-91.

(10) Sébillot, o. c., p. 122.

(11) "Sto. António e particularmente S. Gonçalo são advogados de casamento". — Per. da Costa, **Folclore Pernambucano**, p. 120.

lidade que em Portugal mesmo. Lá o santo casamenteiro por excelencia é S. João, como se verifica da poesia popular e como pessoalmente o atestam escritores portuguêses de hoje, entre os quais Jaime Cortesão, no seu **Cancioneiro** e Luis Chaves, no seu **Amôr Português**. Nós não só conservamos como aumentamos os créditos do santo nêste particular. As moças brasileiras, de sul a norte, na cidade como no campo, fazem grande consumo de "santo-antoninhos" de pau, de barro, de cêra, de chumbo, em estatuetas, em medalhas, em gravuras.

"Conta Pereira da Costa que em Pernambuco, para obrigar o santo a realisar o que lhe pedem, tiram-lhe as devotas o Menino Jesus, só o restituindo depois do milagre; viram-no de cabeça para baixo, arrancam-lhe o resplendor e pregam-lhe uma moeda no lugar da tonsura; penduram-no de uma corda dentro de uma cisterna, etc. São práticas, essas, que com pouca diferença se repetem pelo país inteiro. A tais práticas, — embora ligadas a rogativas de outra natureza, — referiu-se tambem o padre Vieira, com benignidade não estranhavel em pregador tão fertil em audacias, num outro sermão de Santo Antônio proferido no Maranhão em 1657.

"As ameaças e castigos aos santos e, em geral, ás entidades sobrenaturais, pertencem a uma corrente de observâncias que se perde na noite dos tempos e vai prender-se á psique dos primitivos. Em Minerrois (Hérault, França) até 1850, quando se fazia um casamento, as raparigas desfilavam deante da imagem de S. Sicre dando-lhe na cabeça com uma machadinha e dizendo-lhe numa fórmula rimada que a feririam com ela, se não lhes dava noivo dentro de um ano" (**Sto. Antônio**, artigo publicado no "Estado de S. Paulo" em Julho de 1925).

O mesmo escritor refere, a seguir, baseado em Sébillot (**El Paganismo Contemporaneo**), que S. Braz é ameaçado no Ain; S. Vilbrock em Sorbey, outros santos em várias localidades do oeste da França; Sto. Antônio em Portugal, na Espanha e na Italia; na Sicilia castigam um santo se não faz com que termine a sêca; na Licata Sto. Angelo é ameaçado e em Rossolini punem a S. José.

Cornelio Pires, em suas **Conversas ao pé do fogo**, p. 161-162, diz que para casar "é só garrá Sto. Antônho e depindurá êle pro pescoço u infiá drento do cuadô... Tá ali, tá siguro!"

E o escritor cearense Leonardo Motta: — "Moça que quizer achar casamento enterre Sto. Antônio de cabeça para baixo". (12)

p) A DATA DO CASAMENTO

45. Santo Antônio ou S. Gonçalo raramente deixam de atender aos rogos das aflitas suplicantes, e quando estas arranjam noivo ou namorado procuram saber, no seu círculo de amigas, quem casará primeiro. E fazem isso de um modo curioso: duas jovens (os rapazes e as creanças tambem fazem, por vezes, essa experiencia) seguram cada uma numa das hastes do osso dos galinaceos chamado comumente "pegador" e puxam. Aquela que ficar com o pedaço maior é quem casará primeiro. — Com o pistilo do cravo realisa-se experiencia semelhante.

46. Há uma coisa que determina ainda mais a data do casamento, mas essa não depende da vontade das moças: é sonhar com sací em noite de sexta-feira para sabado. Quer isso dizer que a rapariga se casará dentro de um ano. (13)

g) CAUSAS DE CELIBATO E DE CASAMENTOS COM VIUVOS

47. Quando nada deu resultado e a mulher ficou solteirona, é porque co-

---

(12) **Violeiros do Norte**, p. 217.

(13) **Inquer. sôbre o Sací**, depoimento do sr. M. Lopes, p. 103.

meu bico de pão algum dia. E' quanto basta para não arranjar marido.

48. Quem come o último doce, bolo ou biscoito de um prato está fadado a casar com viuvo ou viuva.

O mesmo dizem de quem tem terçol e daquele a quem varreram o pé com uma vassoura.

Na Italia recomenda-se que não se varram os pés das solteiras e das viuvas para que elas não deixem de encontrar marido. (14)

r) O CASAMENTO

49. Marcado o dia do casamento, não devem os noivos comer mais qualquer coisa na propria panela em que o petisco foi feito, afim de que não chova no dia do enlace.

No Ceará (15) e em Pernambuco (16) essa abusão tambem é conhecida.

50. Casados afinal, possui a mulher, em seu traje de noivado, um talismã proporcionador de casamento em breve praso aos solteiros que o levarem consigo: as flôres de laranjeira da grinalda. E' por isso que após a cerimonia nupcial, são essas flôres largamente distribuidas entre os candidatos ao matrimonio.

Pereira da Costa registou o mesmo costume em Pernambuco. (17) — Na França a crendice tambem existe. (18)

51. Não sei se há entre nós o hábito de lançar punhados de arrôs ou de outros cereais sôbre os noivos, terminado o casamento. Suspeito que sim, mas ainda não deparei com referencia nenhuma a ele em autores paulistas, nem o vi praticado em nenhum casamento.

s) AMORES ILICITOS

52. Já que falamos de amôr neste capítulo, para terminá-lo dediquemos algumas linhas a "esse outro amôr que nos perverte e engana". Eis o que diz, a respeito, Leoncio de Oliveira: "Mulher que avilta o leito, transformando-o em latibulo, no qual recebe o padrinho de seu filho, não só ela, tambem o amante, se trasmudam em fachos de fogo; correm por cima da casa em que moraram, quando vivos, caminham um para o outro e, no encontro, chocam-se e chispam fagulhas rútilas, perseguindo os notívagos transeúntes para lhes roubar a vida." (19)

53. Entre as superstições e lendas sobre amores ilicitos nenhuma se destaca mais que a da **mula-sem-cabeça.** "Concubinas de clérigos — diz o folclorista acima citado — transformam-se em "mulas sem cabeça". Quem tiver a desdita de encontrá-las, ouvindo-lhes o silvo tétrico e estridente, deve ocultar as unhas que para elas têm extraordinario brilho, que as atrái." (20)

Em certas regiões do país o nome dado ás amantes de padres é outro: **burra de padre.** Gustavo Barroso declara ser esse apelido mais generalizado no interior do Ceará que o de **mula-sem-cabeça.** (21) O ilustre autor de **Terra de Sol** lembra, a seguir, que há uma tendencia universal para dar nomes de animais ás mulheres da vida e sugere tambem que "talvez até venha esse apelido (o de **mula-sem-cabeça)** de serem as mulas de quatro pés montarias especialmente preferidas pelos clerigos e as primeiras que lhes foi dado obter" (22), o que é muito plausivel.

---

(14) G. Zanazzo, o. c., p. 137.
(15) Leonardo Motta, o. c., p. 227.
(16) Per. da Costa, o. c., p. 120.
(17) Per. da Costa, o. c., p. 120.
(18) Sébillot, Le Folk-Lore, p. 243.
(19) Vida Roceira, p. 19.
(20) Id., p. 20.
(21) O sertão e o mundo, p. 181 e s.
(22) O sertão e o mundo, p. 181 e segs.

A lenda da **mula-sem-cabeça** não é apenas brasileira. J. B. Ambrosetti recolheu-a na zona de Missões: "Naquela região existe tambem a lenda da "mula anima", que é de origem espanhola, mas batizada em guaraní com o nome de **Tatá hujá**; tambem se fala na "mulher de cura abandonada por êste", que se apresenta igualmente em fórma de mula, que anda de noite deitando fogo pelos olhos, tascando o freio e produzindo grandes rumores, com o que espanta os outros animais." (23)

(Continua)

AMADEU AMARAL JUNIOR

---

(23) J. B. Ambrosetti, **Supersticiones y Leyendas**, p. 54.

Notas

CASSIANO RICARDO: Deixa estar jacaré... (Emp. Graf. da Revista dos Tribunais, S. Paulo, 1931).

O que mata a poesia é a indiscreção, é o luxo da imagem, é a parada escandalosa dos sentimentos. Ela não suporta a demasia e o transbordamento. Um verso excessivamente simples ou excessivamente pomposo... toxicos terriveis para a emoção poetica.

O sr. Cassiano Ricardo parece que escreveu êste livro num momento ou em momentos em que a sua alma estava mais impermeabilizada para a poesia. Não há nele sinal de um extase elevado, não há nele indicio de penetração lirica do universo. O que se nota quasi que exclusivamente é o trabalho da inteligencia, saúva triste e afanosa, a stockar imagens e mais imagens...

Tenho para mim que o excesso de comparação constitúi o primeiro sintoma de atonia poetica. Quando um homem diz que a "cidade e o firmamento são dois polvos de luz"; que "a via latea parece uma correição de formigas de prata"; que a "casaria parece uma coleção de caixinhas de fosforos" (poderia bem ser de isqueiros); que o "sol é um bugre vermelho atocaiado atrás dos morros"; que a "lua ficou núa para tomar banho na lagoa"; e que "no quintal desta casa existe uma senhora laranjeira casada com o dr. vento", — é que esse homem não sentiu nem a cidade, nem o céu, nem a lua, nem a laranjeira, nem o vento, nem coisa nenhuma. Não sentiu. Comentou. Catalogou, com ilustrações, a materia-prima poetica. Mas não "produziu" poesia.

O poeta é por excelencia um "individualizador". Ele, ao contrário do cientista que "generaliza", vive particularizando. Descobre, por isso, no mundo, mais "individualidades" do que realmente existem para o comum dos mortais. E, assim, quanto mais abusa da imagem, menos particulariza, porque mais ligações estabelece com as coisas. O mundo se unifica, se monotoniza, reduz-se ao "um" parmenediano, em lugar de se tornar multiplo e encantado.

A metafora em Cassiano Ricardo nem siquer é surpreendente. Demais, não se compreende que uma sensibilidade tão apurada como é a dele, não sinta repugnancia em chamar a alegria de "dona" e em adotar todos os tics que vão evindenciando a neurose da poesia moderna, como o abuso da palavra "gostoso" ("que coisa gostosa o poeta ficar bonzinho e parar no caminho") e, sobretudo, a obsessão da infancia, que se caracteriza pelo emprêgo "voulu" de frases ingenuas e expressões maternais, pelo derretimento terno e "olá pipiu" dos sentimentos, pela redução ao estado infantil de coisas, sêres e emoções adultas ("o sol brincava de menino esconde-esconde", "Deus foi menino e tudo quanto fez foi por brin-

quedo", "vovô trovão de repente...", "tão menino é o fulgor da alvorada", "tudo parece um brinquedo...", etc., etc.). Aliás, assim procedendo, o autor se enfileira na imensa coorte dos literatos que sofrem dêsse "complexo-infantil", que Wyndham Lewis tão bem estudou.

Outro sintoma patologico da poesia moderna no Brasil — e de que é exemplo expressivo o **Deixa estar jacaré...** — têmo-lo no tom acentuadamente familiar das composições, nesse ar de inconveniente intimidade com os elementos do mundo exterior. O poeta despe o universo do seu sentido misterioso, sagrado e, consequentemente, poetico, e passa sem a menor cerimonia a "tutoyer" o sol, o regato, o trovão, a neblina... Não existe — por comico que pareça aqui o termo — "respeito" por coisa alguma. Haverá nisso influência do desenho animado? Com efeito, o desenho animado não possúi a minima consideração pelo que se poderá chamar o "limite existencial dos sêres e objetos". Tudo se reforma, se transforma, se interpenetra, ao sabor da imaginação do artista. Todos os elementos perdem a dignidade de existir, justamente por conterem em si um excessivo poder de autotransmutação. Mas, não insistamos nessa confrontação sedutora e perigosa.

Há no livro do sr. Cassiano Ricardo um poema, que parece estar deslocado: é "Ninguem mais". Nele, nenhuma afetação, nenhum tic, embora não contenha qualquer elemento lirico extraordinario. Mas é um só, no meio de mais de quarenta composições. Teria secado, porventura, a lagoa do sr. Cassiano Ricardo? Não o cremos. Este livro foi, com certeza, para o poeta um divertimento sem consequencia, um exercicio ou, melhor, um intervalo entre as suas obras anteriores e as de maior importancia que hão de vir.

A. C. C. DE B.

ARTHUR RAMOS: **Estudos de Psicanálise** (Livr. Cientifica Edit., Baia, 1931)

Palavra que me foi um prazer, e dos maiores, travar conhecimento com o dr. Arthur Ramos, docente livre da Faculdade da Baía. Não o conhecia, nem de nome. Aliás, foi-me uma verdadeira tragedia a obtenção da Bagaceira e até hoje não pude conseguir um ensaio de Jorge de Lima sôbre Proust, saído há muito tempo em Maceió.

Pois o sr. Arthur Ramos nos dá, com êste livro, uma magnifica contribuição ao estudo, no Brasil, do professor de Viena. Não que traga coisas ineditas que se acrescentem ao edificio da Psicanálise; nem uma exposição simples e popular das teorias de Freud. Não traz, nem pretende. Ao contrário. Sua leitura não está ao alcance de qualquer pessoa. Muito sintetico, procurando focalizar não só a teoria, como as teorias dissidentes, é o Autor obrigado a resumí-las o mais possivel, subentendendo, portanto, um certo conhecimento da parte do leitor.

Linguagem clara e sem pretenções. Cinco capitulos. O primeiro, "Genese e postulados do freudismo", é, como o nome está mostrando, o resumo de toda a evolução psicanalitica até as concepções mais modernas e interessantes, que o conhecedor comum da teoria ignora: desde o princípio do Nirvana, da "idea de que a vida organica é solicitada por uma tendencia á inercia", á morte, pois "o fim de toda a vida é a morte e, inversamente, o inanimado era anterior ao animado" (Freud, **Jenseits des Lustprinzips**), até a noção ampla e real do complexo de Edipo, que "domina toda a psicanálise", sendo o "complexo central da personalidade". "Siegfried contra o dragão".

Os três seguintes — "A psicologia individual", "A psicosintese", "Uma orientação bio-dinamica e evolucionista da psicanálise" — são dedicados

ao estudo dos cismaticos da teoria fundamental de Freud e que, diga-se de passagem, são sempre inevitaveis, desde que haja mestres e discipulos: Adler, Iung, Jeliffe.

No último, "A sordicie nos alienados e o complexo anal-erotico", é que o Autor traz um pouco mais de contribuição pessoal, sendo tambem o que maior resistencia levantou, conforme confessa o proprio Autor, quando publicado. O que não é dificil de se calcular, pois se trata da aplicação, frente a 300 igrejas, de uma das mais ousadas afirmações da teoria e com exemplos magnificos, como êste, de Augusto dos Anjos:

A podridão me serve de Evangelho...
Amo o esterco, o residuo ruim dos
| Quiosques.
E o animal inferior que urra nos
| bosques
é, com certeza, o meu irmão mais
| velho.

E outros, ainda, do mesmo poeta ("Gemidos de Arte", "Tristezas de um quarto-minguante").

Confesso, entretanto, que o que mais me agradou em todo o livro foi o primeiro capítulo em que o Autor procurou situar, e o fez esplendidamente, todo o movimento psicanalitico dentro do movimento intelectual do mundo. Para isso, sim, é preciso ter-se uma visão segura e plena noção do que se passa na evolução do conhecimento humano. Não se póde mais encarar um movimento de ordem intelectual isoladamente, sem relacioná-lo aos outros, embora em planos diferentes, e sem considerá-los, todos, como expressão do mesmo tempo. Freud não vem separado de Einstein. E a Psicanálise vem junto com a relatividade, com a teoria dos "quanta", com "La rebelión de las masas"... Embora a incerteza do momento nos faça, como diz Guilherme Bragg, empregar a teoria classica ás segundas, quartas e sextas e as modernas ás terças, quintas e sabados. O que não se póde é ter, como nos tempos de Vigny,

l'espoir d'arriver tard dans un
sauvage lieu.

E o Autor está perfeitamente familiarizado com Bergson, Ortega y Gasset, Spengler, Keyserling. Perfeitamente capacitado da posição da Psicanálise dentro das grandes correntes do pensamento contemporaneo.

Estou falando do Autor. De todos os brasileiros, não. Vamos, antes, por partes. Estou agora convencido de que a melhor maneira de conhecer Freud será conhecê-lo, antes que a sua teoria. Esta corre o perigo das generalizações e das fórmulas faceis. E daí as críticas que ouço comumente e que, antes, me constituiam surpresa. Primarias, primitivas, simples e sentimentais. "Conheci uma moça que foi consultar um psicanalista..." Mas que culpa tem a Medicina da ignorancia de um médico? "A sexualidade na infancia? Mas o senhor, por acaso, tem filhos?"

E abandonemos a idea, tambem, de que Freud é incompativel com um determinado credo religioso. Não creio que a rotação da terra tenha criado dificuldades á Igreja.

Não há nada disso. Quando comecei a ler o livro do sr. Arthur Ramos, acabava de ler um artigo de Stefan Zweig sôbre Freud. Ninguem mais cientista que o professor vienense. Ninguem mais leal, mais sincero, mais metodico, mais inimigo das generalizações, das concepções metafisicas, das fórmulas simples, para uso de operarios anarquistas, que o genio (genio mesmo, que passou ao lado da descoberta das propriedades da cocaina, sem se interessar por ela, porque seu destino era outro) que creou a Psicanálise. Veja-se a vida de Freud por Fr. Wittels, seu discipulo insuspeito, que o abandonou. Tão boa como uma biografia de Maurois ou de Ludwig.

Paremos, um pouco, com a divulgação da teoria e a sua apressadissima aplicação no Brasil á Pedagogia, á Sociologia, á Moral. Vamos, primeiro, divulgar Freud, deixando de falar facilmente em decadencia da Psicanálise na Europa, o que esconde e disfarça muitas vezes a nossa ignorancia.

Comecemos pelo **abc**. Pelo comêço. Teremos assim, pelo menos, duas vantagens: 1.ª) — abondonamos um pouco as fórmulas que fatalmente, como até agora, nos vão prender no emaranhado das ficções, e 2.ª) — fixamos um bocado o que somos e o que sabemos, o que nos dará mais segurança e realidade prática na vida, mais condescendencia para com os outros, evitando a facilima maneira de viver do brasileiro, pois que "nós somos mesmo do amor...", como na marcha carioca.

Em parentesis: até agora não compreendi o sr. Tristão de Athayde. Não compreendi ou não quis compreender, pois divergir do sr. Tristão, que é, sem dúvida, uma das maiores afirmações do Brasil e uma das minhas grandes admirações, sempre me foi dificil: "Freud é um Nietzsche sem genio". O "super-homem" e o "homem inferior" não representariam, antes, uma diferença apenas de polo, diferença sem outra razão de ser senão nos termos, e que seria facilmente afastada com o uso de outros, que não "super" e "infer"?

Mas eu volto ao sr. Arthur Ramos, que não se receiou de reeditar no Brasil a atitude de Freud, fazendo superiormente o clown no picadeiro da Europa. E' uma comparação de Wittels. Outra citação. Quê fazer? Quero evitar a situação daquele secretário de Estado que, como me contou o dr. Almeida Prado, chegando a uma cidade do Interior, onde devia receber grandes manifestações, foi abordado na estação pelo prefeito, antes do Hino Nacional e do vivório: "Cadê os documentos?"

Eu não tenho nenhum, pois não faço psicanálise na clínica. Mas vou fazendo, por enquanto, em Pirandello, em Tostoi, em Shaw, em Wilde, em Italo Svevo... Que sei mais? Talvez seja, dentro da pirotecnica brasileira, uma maneira decente, honesta e científica de crítica literaria, como muito bem lembra o sr. Sergio Milliet.

E acabemos com estas digressões, não sem lembrar umas palavras que o dr. Arthur Ramos põe na porta de seu livro e que são de Havelock Elis: "When any great person has stood alone against the world, is has always been the world that lost". Mas para não acabar com uma citação em inglês, que vai lembrar a "chave de ouro" dos velhos tempos, quero pôr agora um P. S. modestissimo: só não concordo, dr. Arthur Ramos, e aqui estou com o dr. Carneiro Ayrosa na crítica que fez no "Boletim de Ariel", com o emprêgo do termo "libidinoso". Positivamente não confere,

J. DE A. C.

MATTOS PIMENTA: **Um grito de alerta no tumulto da revolução** (Tip. S. Benedito, Rio, 1931).

O sr. Mattos Pimenta preocupa-se bastante comsigo mesmo. Seus atos são controlados pelo desejo de andar sempre em linha reta. E para certificar-se da retidão da linha seguida e a seguir, ás vezes olha para trás. Foi o que ele fez neste livro.

Contemplando a sua atuação passada, procura mostrar que sempre agiu bem e exprimiu o seu pensamento pela maneira certa. Esclarece que, no tumulto de ideas e sentimentos, que se formou no mundo político brasileiro ao processar-se a sucessão do sr. Washington Luiz, todos erraram, menos ele. Diretor de jornal e chefe de partido, indicou e combateu, em tempo, com toda a franqueza, os erros do presidente e de seus correligio-

narios, demonstrando, por outro lado, o perigo e os males que adviriam da reação revolucionária promovida pela Aliança Liberal. E hoje, quando todos lamentam e sofrem as desgraças decorrentes da revolução, ele é a voz que se levanta, não para corrigir ou ensinar o que se deve fazer, mas apenas para comentar: "Eu não disse? Eu bem que sabia disso tudo..."

Esse sistema de dar explicações ao público não apresentaria grande interesse se, no caso, o sr. Mattos Pimenta não fosse um escritor de reais qualidades e não revelasse, em meio de sua dissertação, detalhes e circunstancias de grande importancia para o estudo do meio politico do país. Acostumado ao jornalismo, e ao jornalismo sadio, ele tem a vantagem de escrever clara e honestamente. Suas palavras refletem um temperamento apaixonado, mas sem a cegueira das paixões, e um carater limpido, raro no meio em que vive.

Foi de fato, e faz questão de patentear que o foi, a voz de quem clama no deserto. Mas o leitor acompanha com prazer as peripecias e até as tragedias de seu espirito sincero, que inutilmente se esfalfava para iluminar os que procuravam conservar e os que pretendiam assaltar posições e cargos publicos. E dentre os fatos que divulga, tais como as suas entrevistas com o presidente deposto, o psicologo e o historiador encontrarão uteis elementos para o exame do cáos brasileiro.

T. DE A.

OCTAVIO DE FARIA: **Maquiavel e o Brasil** (Schmidt-Editor, Rio, 1931).

Livro de estrea, e o que infelizmente se nota, desde logo, é que o título presume uma unidade, que não existe na obra: a primeira e a segunda parte mal se alinhavam uma na outra, e evidenciam o fracasso do esfôrço do Autor em querer mostrar a linha reta de seu raciocinio, ligando Maquiavel ao Brasil. Mas comecemos pelo começo.

O primeiro ensaio "Maquiavel e a Experiencia do Renascimento" é muito bom, e seria otimo se o Autor tivesse controlado desde o inicio a sua tendencia romantica na maneira de expôr os acontecimentos. Entretanto, não há melhor guia para quem quiser formar uma idea erudita, segura, clara, sôbre o pensador florentino e o seu tempo.

"Intermezzo Mussoliniano" foi o traço de união, foi a ponte por onde o Autor procurou encaminhar o seu pensamento desde Maquiavel e o Renascimento até ao pobre Brasil de hoje. O sr. Octavio de Faria vê em Mussolini o "sonho de Maquiavel" e encontra no politico italiano essa "virtù" que caracteriza os homens excepcionais. Não devemos nos esquecer que Maquiavel, mesmo acordado, errou lamentavelmente na sua apreciação sôbre Cesar Borgia, mas, **if dreams prove true**, e pondo de lado o sr. Nitti, talvez Mussolini seja mesmo um grande homem. Aliás, "virtù" é uma especie de "it" heroico, portanto de apreciação dificil e arriscada...

Mas um intermezzo é um intermezzo, e passemos ao drama intitulado "O Caso do Brasil". Aqui o Autor luta corpo a corpo com as ideas, e tem-se a impressão que ele não sai vencedor. O leitor incauto pensa que vamos ter, afinal, a "desordem brasileira" vista pelo olhos de Maquiavel: pois engana-se redondamente. Nesta segunda parte invoca-se Maquiavel, mas ela é toda sentida e escrita pelo "coração" generoso, romantico, do sr. Octavio de Faria. Páginas que valem como uma confissão, como o espanto de um moço que "se ufanava de seu país" e que sinceramente nos relata o seu desapontamento e desconsôlo. Entretanto, depois do **Retrato do Brasil** do sr. Paulo Prado, que corajosa e angustiosamente mostrou toda a tragedia do intelectual

brasileiro em face da realidade de seu país, repisar nesse assunto é quasi mau gôsto.

Porque é que o Autor procurando analisar, sob o signo de Maquiavel, o "caso brasileiro", arrepia caminho e descamba para o sentimentalismo? Simplesmente porque o sr. Octavio de Faria soube, apenas, compreender Maquiavel mas não soube se apropriar de seus metodos de indagação historica e de investigação politica, faltando-lhe sobretudo uma clara e precisa visão dos acontecimentos. O "maquiavelismo" do Autor é uma repetição do "positivismo" dos fundadores da republica: simples ideologia sentimental. A prova disso é facil. Em lugar de procurar um "sentido" economico, social, religioso ou político em nossos acontecimentos historicos, o Autor atribui-os todos ao acaso; em lugar de desassociar, para um estudo objetivo, cada um dos componentes do problema brasileiro, o Autor prefere uma sintese impressionista, aonde sua imaginação possa pôr, á vontade, pinceladas lugubres. E' claro que, deante de um conjunto catastrofico como êste, a conclusão do Autor se impõe: "nem o fascismo nem o comunismo" para esse Brasil "inconstante" (p. 198); "não nos iludamos, só a revolução interior, essa revolução de "creação", capaz de desviar o homem do caminho errado que segue, só ela poderá salvá-lo" (p. 199). Puro "messianismo" num discipulo de Maquiavel!

O sr. Octavio de Faria vê o presente com a mesma falsa visão com que perscrutou o passado. Referindo-se, por exemplo, ao movimento modernista iniciado em São Paulo em 1922, com a Semana de Arte Moderna, afirma que "esse movimento falhou tristemente como qualquer cousa de falso" (p. 172). Falsa e incompleta é a observação do Autor. A semana de Arte Moderna nasceu da revolta de uma geração contra o artificialismo que a cercava: e nesse sentido, pelo menos em São Paulo, venceu em toda a linha; agora, o lado verdadeiramente interessante dessa questão, e que escapou ao sr. Octavio de Faria, foi a "revolução interior" provocada por esse movimento nessa mesma geração. Partindo de um individualismo anarquico, os "modernistas" de São Paulo, libertos da inquietação destruidora, estão hoje, quasi todos, empregando, sob uma disciplina livremente aceita, a sua inteligencia e ação no desbravamento dessa desencantada realidade brasileira: Antonio de Alcântara Machado, depois de **Pathé-Baby** e **Braz, Bexiga e Barra Funda**, escreve **Anchieta na Capitania de São Vicente**, levantando o premio "Capistrano de Abreu" de 1928; Mario de Andrade, depois da **Paulicea Desvairada**, coleciona e publica estudos sôbre o folclore nacional; Guilherme de Almeida inscreve-se, ainda agora, nas confêrencias da "Comemoração do Quarto Centenario de São Vicente" com teses sôbre "O Paulista" e "São Paulo e o espirito moderno"; Paulo Prado publica **Paulistica** e **Retrato do Brasil**; Yan de Almeida Prado põe-se em contato com os livreiros da Europa e forma uma "brasiliana" que é uma universidade de cultura; Couto de Barros e Tacito de Almeida organizam a Liga de Defesa Paulista, centro de estudos e de afirmações de uma geração que não falhou.

Portanto, o sr. Octavio de Faria viu mal, e Maquiavel "via como ninguem"... Viu mal o "modernismo" e excessivamente mal o chamado "Manifesto da Legião Revolucionária" (ps. 183 e 187). Aliás, no n. 2 desta revista o sr. Astrojildo Pereira já desmontou peça por peça esse divertido aranzel. Mas a obra do sr. Octavio de Faria é um livro de estrea e necessariamente tinha que se resentir de seu desêjo de dizer tudo de uma só vez.

C. P. A.

G. ALPI: Carlos Magalhães de Azeredo, poeta e umanista americano (Soc. Tip. Castaldi, Roma, 1931).

O que há de mais interessante neste **Profilo Biografico** (assim o chama o autor) pertence ao proprio biografado que franqueou ao dr. G. Alpi a sua correspondencia particular. Dela transcreve o Autor longos trechos em que Magalhães de Azeredo se retrata e retrata o ambiente literario do Brasil que conheceu menino e moço.

O autor das **Procelarias**, afastando-se de sua terra aos 22 anos, pensando, escrevendo e até em regra imprimindo seus livros no estrangeiro, pôs entre si e os leitores brasileiros uma distancia que impede qualquer intimidade. Está longe de ser um desconhecido ou esquecido, evidentemente. Mas ainda para os que o admiram é sempre um ausente, sob a suspeição de desnacionalizado, de alheio ás graças e desgraças de seu país. A simpatia que acompanha o exilado político, na suposição de que ele lá fora não tem outro pensamento que não seja o da terra que foi obrigado a deixar, falta ao literato, exilado ainda que por profissão, que se presume sob a influência de outro meio, logo vencido pela sedução de ideas e hábitos estranhos, formando ou transformando sua mentalidade não digo de modo anti mas extra-nacional. Aos olhos dos patricios, prejudica-se na certa. Mesmo quando não acontece aquilo da árvore que transplantada para solo estranho não dá frutos ou dá menos saborosos. Além disso, no caso de Magalhães de Azeredo, o alheiamento desconfiado é aumentado pela feição acentuadamente aristocratica de seu espirito. O que delimita bastante o campo dos leitores sobretudo hoje em dia.

O dr. G. Alpi não quis fazer uma análise completa da obra do embaixador brasileiro junto ao Vaticano. Limitou-se a traçar ligeiramente a vida bem mansa do poeta humanista e a dar por alto uma idea de suas tendencias e realizações literarias. E' mais um elogio do que um estudo. Já benemerito das letras brasileiras por ser o tradutor italiano de Machado de Assis, tem direito aos nossos agradecimentos pelo entusiasmo com que procurou exaltar neste livrinho os incontestaveis meritos do artista de **Odes e Elegias.**

O. G.

AUGUSTO MEYER: **Literatura e Poesia** (Tip. Thurmann, Porto Alegre, 1931).

Com **Literatura e Poesia**, Augusto Meyer confirma aquela visão da vida e aquele estilo, por assim dizer, mais concretos que inaugurou com os **Poemas de Bilú.** Ao lirico profundamente ingenuo e extasiado de **Giraluz e Coração Verde** parece que se trocou (definitivamente?...) um lirico novo desabusado e mais amargo. E curiosamente mais loquaz, desque não tomem esta palavra como depreciativo. Mas é verdade: si como atitude sentimental, ao lirico ingenuo e juvenil se substituiu um individuo desencantado; como estilo, á surdina múrmura de **Coração Verde** e do proprio **Giraluz** continuou uma falação alta, vigorosa, multiplicada. E' curioso de constatar como os dois ultimos livros de Augusto Meyer fazem barulho, são sonoros, em relação aos anteriores.

Literatura e Poesia reune uma serie de poemas em prosa, escritos com necessidade. Evocações, lembranças, sonhos, delirios, se aproximando muito da especie superrealista. Porém o lado que, como contraste ao extase delicado anterior, chamei de "concreto" na atitude atual do poeta, separa fundamentalmente os poemas em prosa, mesmo mais delirantes, de **Literatura e Poesia** da estetica superrealista. Os sonhos e cismas do Superrealismo, pela propria gratuidade com que são feitos, isentos de qualquer con-

trôle intelectual, são mais humanos, mais universais, mais livres. E mais poesia pura. Augusto Meyer perseverа um individualista insolvavel. Seus monologos, evocações e cismas, por isso, acusam sempre a reação crítica do ser raciocinante, assumem a maioria das vezes um caracter romantico de simbologia. Pelo que se aparentam pois, muito mais a João Paulo que ao Superrealismo. Basta comparar as páginas de Murilo Mendes e Sergio Buarque de Holanda, publicadas no número anterior da **Revista Nova**, com o **Irrevelado** ou o magnifico **Discurso do Zaori** deste livro prá gente notar o que tem de mais universal e gratúito naqueles, em oposição ao individualismo reacionario de Augusto Meyer. Aliás á desbragada dansa de ombro com que o poeta gaúcho "fôra-se embora pra Pasárgada" nos **Poemas de Bilú**, era natural que sucedesse um pessimismo amarguento. E é isso mesmo **Literatura e Poesia**, principiando pelo nome.

Literatura e Poesia, a meu ver, é um dos milhores livros de poemas em prosa que já se publicou no Brasil. Quasi todas as suas páginas são escritas com um poder de sugestão e uma riqueza de sensibilidade extraordinarias. Estilo direto, coloridissimo, desprendido de qualquer preconceito, quasi sempre em ritmo rijo de fogoso bagual. Assim principia o **Discurso do Zaori**: "Como foi? Não sei. De repente as coisas se liliputizaram, minguaram como a Lua clorotica, murcharam na minha mão tal e qual porquinho de borracha que exala o último folego: nhé...". O tambem admiravel **Minuano** que aparece em 2.ª versão milhorada carecia citar inteirinho: "Este vento faz pensar no campo, meus amigos. Vem de longe, do pampa e do céu. Olá, compadre minuano, levanta a poeira da rua em corrupios, assobia e murmura encanado na aba do chapéu... (...) E eu respondo: irmão livre dos caminhos que não param, compadre andarengo e comedor de horizontes, entra! Que bem me faz o teu galope de tres dias quando se atufa, zunindo na noite gelada... A última janela se apagou e as mãos roxas do poeta estão duras de frio. Então êle pensa: voz do vento nas árvores graves, casuarinas, cinamomos, pinhais... largo lamento, gemido imenso, vento... minha infancia tem a voz do vento virgem, êle ventava sobre o rancho onde morei... Todas as vozes numa voz, todas as dores numa dor, todas as raivas na raiva do meu vento! Que bem me faz! Mais alto, compadre! Derruba a casa! me leva junto! quero o longe! Eu sou o irmão das solidões sem sentido — upa upa! sobre o pampa e sobre o mar..."

Mas carecia citar inteiro. São numerosas as páginas que vão assim, esfuziantes de ritmo, originais na verve, cheias de recantos sensiveis que não se póde pormenorizar. Augusto Meyer inaugurou a sua prosa com mestria notavel. Prosa que é insoluvel poesia, eu sei: mas que fugindo ao compromisso desculpador, de qualquer verso, prova mesmo que o grande poeta é dos poucos que tem sempre alguma coisa pra nos dizer.

M. DE A.

V. CY. (VIVALDO COARACY): **O caso de São Paulo** (pub. da **Liga de Defesa Paulista**, tip. Irmãos Ferraz, São Paulo, 1931).

No baile de mascaras da politica brasileira, a revolução foi uma ordem de desmascaramento. A um certo momento, todos os convivas se descobriram. E viram-se fisionomias tragicas e comicas, serenas e atormentadas, umas assustadas, outras monstruosas, todas diferentes. Sob mascaras de renda, andavam escondidas até a barbicha de Trotsky e a carranca teatral de Mussolini.

Como era natural, surgiram logo os fotografos. Alguns, estourando o magnesio antes do tempo, como o sr. Mat-

tos Pimenta, só mostraram como era o baile antes. Outros, como o sr. Paulo Duarte, sagazes e ligeiros, apanharam flagrantes preciosos. O sr. Virgilio Mello Franco, que tambem bailava, só alcançou os mais proximos de sua objetiva. E muitos, aproveitando-se da confusão, bateram "chapas" sem importancia.

O sr. Vivaldo Coaracy, que é um analista admiravel, não se contentou com instantaneos. Quis uma "pose". Com paciencia e pertinacia, esperou que se formasse um grupo dos principais, em ponto certo que permitisse fotografar todo o salão. E depois de focalizar com segurança, abriu a objetiva.

O caso de São Paulo é fruto de conciencioso exame da realidade brasileira e do papel que, nessa colcha de retalhos, vinha e vem desempenhando São Paulo. Não há nele juizos apressados, nem explosões apaixonadas e momentaneas de quem não está habituado e habilitado a estudar o nosso meio social e politico. Há, ao contrário, a precisão de raciocinios, a firmeza de linguagem, a finura de observações, a superioridade de conceitos de quem conhece bem a terra, sua história, suas populações e seus problemas.

Engenheiro, com a paciencia natural dos matematicos, viajou longamente por varios Estados do país. E espirito culto, mas dessa cultura que não se improvisa e tem base profunda, observou os aspetos mais caracteristicos do "mosaico brasileiro". Daí a impressão de unidade, de madureza, que o leitor colhe ao ler o seu livro.

No ensaio inicial, que abrange as primeiras 60 páginas, o sr. V. Cy. justifica o surto e o desenvolvimento do espirito regionalista, como resultante fatal da divergencia dos processos biologicos de formação das populações brasileiras. Esclarece que as condições peculiares e os problemas diferentes dessas regiões heterogeneas tinham que determinar, como determinaram, a diversidade da evolução das populações. E assim "o fenomeno brasileiro não é um fato social homogeneo, mas resulta, para sua maior complexidade, da composição duma multiplicidade de fatores divergentes: o fenomeno amazonico, o fenomeno nordestino, o fenomeno riograndense, o fenomeno paulista".

Continuando a desenrolar o novelo de ideas, mostra a seguir que a diferença desses ritmos evolutivos estabeleceu, forçosamente, uma hierarquia entre os Estados, hierarquia que sempre há de subsistir, apesar das tentativas artificiais para a imposição da "igualdade politica das diferentes porções do territorio". Essas imposições teoricas são contraproducentes. Se contribuem para alguma coisa é para transformar o espirito regionalista em espirito de rivalidade.

Com apoio nessas premissas, examina o fenomeno paulista e evidencia que "a história de São Paulo é diversa da do resto do país, com esta mantendo apenas pontos de contato esporadicos e distantes" e que "as diretrizes pelas quais enveredaram as populações com o nucleo nos campos de Piratininga, são profundamente distintas das seguidas pelas outras gentes que ancoraram no litoral das capitanías primitivas". Mas não só aí reside a diferença. Diferentes são tambem o ritmo de evolução economica de São Paulo, mais acelerado que o de outras regiões do país, e a sua cultura mental, objetiva, formada ao contato da realidade ambiente. "Os homens cultos do Norte, justamente porque a sua cultura seja artificial, de cópia, alheia ás realidades de seu meio, tornam-se desambientados. Não encontram, na terra a que pertencem, campo de atividade, utilização para a sua capacidade, aplicação para os conhecimentos e artificios com que recheiaram o cerebro. Fazem então a dolorosa descoberta de que não pertencem mais ao meio. E emigram. Daí a multidão de nortistas, bachareis, medicos, professores, jornalistas, que

se acotovelam, em concurrencia mutua, ávidos, nas cidades do sul, na ansia de obter um emprego publico, uma colocação qualquer."

Proseguindo na ordem de conceitos e sempre conduzido pelo mesmo fio das deduções logicas, demonstra como esse ritmo acelerado de evolução levou São Paulo a "um gráu de civilização superior ao da maioria, da grande maioria dos Estados brasileiros". E de fato assim é. "Emquanto outras unidades do país permanecem nos estados prévios da civilização, em gráus evolutivos inferiores, alguns dêstes representados por atividades que Alberto Torres, numa expressão pitoresca e feliz, qualificou de **assalto á natureza**, outras entregues aos longos lazeres semi-nomades do pastoreio, outras ainda já fixadas no sedentarismo da cultura sistematica da terra; São Paulo envereda decisivamente pela fase industrial da civilização". E como consequencias iniludiveis dessa diferenciação, refere-se ás diversidades economicas, financeiras, sociais e políticas. São Paulo, diverso dos demais Estados da federação, ficou colocado em plano a parte, isolado, dominante.

Passa então a estudar o fenomeno "perrepista" e a mostrar o que entende pelo "caso de São Paulo", nascido da incompreensão dos problemas e do pensamento paulista por parte dos revolucionarios vitoriosos dos outros Estados. "São Paulo foi pela politica revolucionária tratado como terra vencida e conquistada. O suposto reduto temeroso do "perrepismo" foi ocupado e iniciou-se o desmantelamento sistematico das suas fôrças e da sua estrutura. As peças vitais do seu aparelhamento administrativo foram ocupadas por sentinelas vigilantes que, ignorantes e inexperientes, tentaram dirigir e modificar o funcionamento dum mecanismo delicado e complexo. Iniciou-se a obra criminosa de desorganização da vida paulista. E São Paulo sentiu-se só. Isolado dentro da comunhão brasileira. E' êste o Caso de São Paulo."

Esse ensaio, realmente magistral, é completado por uma série de artigos, alguns conhecidos através de "O Estado de São Paulo" e outros cuja publicação fôra inderditada pela "censura". Em todos é o mesmo o espirito logico, identica é a vontade de elucidar a situação de São Paulo no meio heterogeneo e confuso do Brasil.

E' claro que, entre as suas multiplas afirmativas, algumas ha que não podemos aceitar integralmente. Assim, ao apreciar as causas que, apesar das divergencias radicais de formação e de condições, têm mantido unidos e coesos todos os Estados do Brasil, entende o autor que a principal, acima de todas, "é o instinto de conservação, o sentimento inconciente de que só a união poderá conservar a robustez e a capacidade de resistencia do todo e de qualquer de suas partes". E' uma observação que não nos parece exata. O "instinto de conservação" geralmente não age como elemento associativo, mas, ao contrário, como fator dissociativo. "Separar para viver é rigorosamente logico" — afirmou alguem. O sentimento inconciente, a que alude o sr. V. Cy. é mais o produto da ilusão dos que acreditam na grandeza geografica de um pais, no "imenso colosso gigante", ou dos que temem improvaveis guerras externas.

Outro ponto de vista que sugere dúvidas é o enunciado na conclusão final. Dada a situação superior de S. Paulo na federação brasileira, pretende o sr. V. Cy. que ele exerça uma hegemonia sobre os demais Estados, assumindo "o posto de orientador, de guia e condutor", papel que é uma necessidade historica e, ao mesmo tempo, um direito, "dado pela sua civilização e comprovado pelo seu passado".

A hegemonia de São Paulo! Mas será isso exequivel? Admitirão os demais

Estados o predominio por que se bate o sr. V. Cy? Eles que nunca viram os paulistas com bons olhos nem com bons dentes!

São perguntas inquietantes. E' verdade que o autor fala em São Paulo "reconquistar" essa hegemonia, perdida com a revolução. Mas São Paulo teria exercido realmente essa hegemonia? Não seria ela apenas aparente?

Houve, sem dúvida, momentos em que São Paulo desempenhou papel saliente, algumas vezes preponderante. Mas tão só sob o ponto de vista político. E isso mesmo a custa de que sacrificios e dissabores! Nos quatrienios Prudente, Campos Salles e Rodrigues Alves, quanta grita e quanto improperio contra os paulistas! E nos ultimos anos então? Quem poderá negar que muitos processos inqualificaveis do "perrepismo" tinham por causa a necessidade de São Paulo obter, ou até mesmo, de adquirir, fosse como fosse, o apoio de outros Estados? E os sacrificios de ordem financeira, contribuindo São Paulo com mais de 50 % das rendas da União? E os sacrificios de ordem economica, suportando São Paulo, que, pelos consideraveis saldos de sua exportação sôbre a importação, poderia ter circulação metalica, os reflexos tremendos da moeda má do Brasil, aviltada cada vez mais pelos deficits crescentes da balança comercial dos demais Estados reunidos?

Valerão a pena tantos sacrificios, em troca de uma simples hegemonia politica?

T. DE A.

ADHEMAR VIDAL: **O incrivel João Pessoa** (Editorial Universo, Rio, 1931).

A política inepta que preparou o grande desastre de Outubro de 1930 cometeu na Paraiba o seu maior crime. Não pode haver exemplo mais triste de quanto é capaz a inhabilidade a serviço do partidarismo. No terreno uberrimo das miserias politicas o faciosismo sem inteligencia não encontra coisa que o detenha. Até o momento em que cai vencido pela sua propria cegueira.

Inutil recordar aqui a série de erros de que resultou o chamado caso da Paraiba. A falta de visão política, absoluta, que por assim dizer provocou ou até desejou a oposição do Estado nordestino ao poder central. E depois de decidida a luta das urnas a truculência que escolheu para vítima expiatoria o adversario mais fraco. Para castigá-lo humilhando, esmagando.

Todas essas preliminares do descalabro, já conhecidas em suas linhas gerais, são expostas por Adhemar Vidal com abundancia de pormenores. Mas o melhor do seu livro é a história da Paraíba acuada, o que se póde chamar acuada. E' a resistência do fraco ao cêrco cerrado do forte, o desespêro do oprimido que leva ao heroismo. Sósinho, sem o auxílio (ou ao menos o que esperava) de seus aliados, a Paraíba de João Pessoa não cede. Contra o inimigo interno, contra o inimigo externo, contra os golpes sucessivos de um destino adverso, ela luta e nessa luta se engrandece. E o que há aí de mais curioso (ou mais revoltante) é que aparentemente representando o papel de rebelde ela é que de fato se bate pela ordem. Hostilizada pelo govêrno central, acata todas as determinações dêle. Livrando-se de mil e um laços manhosamente preparados, não dá pretexto para a intervenção federal. Luta dentro da ordem contra um inimigo que, sendo por sua manutenção o maior responsavel, a cada passo não só a infringe como provoca por todos os meios uma infração por parte da Paraíba para aí decretar a intervenção. Isto é: para restabelecer á sua vontade, a ordem que desorganizou ou ajudou a desorganizar ou ainda permitiu que se desorganizasse, o que no seu caso vem a dar na mesma. Autoridades administrativas, judiciarias

e militares transformadas em agentes provocadores para satisfação de vinganças politicas.

Comovida e comoventemente, Adhemar Vidal conta essa historia triste apoiado em enorme documentação. Seu livro me parece admiravel. Livro objetivo que não comenta mas narra e prova. Entremeia os acontecimentos da Paraíba com as atitudes de João Pessoa de forma a dar ao leitor a impressão exata de uma identificação absoluta entre o homem e a terra que governava. A biografia do presidente naqueles longos meses de luta se confundiu com a história da Paraiba. Foi a história da Paraiba.

Temperamento romantico de impulsivo, deixando-se empolgar e empolgando facilmente, ideologista ativo, discursador e realizador, rebelde e ordeiro, acreditando nas soluções legais mas aceitando a luta em qualquer terreno, João Pessoa começa a ser incrivel quando, candidato á presidencia da Paraíba, não apresenta a plataforma de seu govêrno. E incrivel continua quando, havendo recebido o Tesouro com 432$300 e o Estado devedor de alguns milhares de contos, oito dias depois paga algumas contas da divida flutuante e dá ao funcionalismo um mês de vencimentos atrasados. E por aí vai, cobrando com energia, pagando com pontualidade, recolhendo saldos aos bancos, reformando os serviços publicos, construindo estradas, abrindo ruas, levantando edificios, administrando em suma como nunca se administrara a Paraíba. Vem depois a luta politica e o incrivel não cede. E' ferido e fere. Contra o inimigo armado ele procura armar-se. Negam-lhe armas, êle se arma sósinho. Cercam-o, êle vira contrabandista. Revelando um espirito de improvisão extraordinario, não há derrota que o desanime. Porque êle logo inventa um meio de repara-la. Até que morre assassinado no Recife. E nem assim a Paraíba cede. O capítulo final do livro ("Heroi e Santo") reportagem magistral das cenas que se desenrolaram na Paraíba tomada de delirio, durante os dias em que o corpo de João Pessoa ali esteve, dá a explicação dessa firmeza na luta ainda depois de morto quem a comandava: o incrivel fanatizou toda uma população, fez-se um com ela, animou-a e dela recebeu animação, deu-lhe a conciencia de seu destino e a fôrça para cumpri-lo. Teve em vida as virtudes de heroi e fatalmente passou, morto, a possuir as de santo. E santo milagroso. A morte que desculpa e muitas vezes corrige (como é sabido) a vida dos comuns, dá lugar nos nichos caseiros para os excepcionais. Ficam sendo padroeiros, entronizados pelo mesmo sentimento que exprime o afeto terreno por imagens e simbolos religiosos, transforma com a maior facilidade mulher amada em divina, criança morta em anjinho, capaz de todos os sacrilegios. Ao incrivel João Pessoa não podia faltar essa gloria postuma dos predestinados. A lenda que logo se formou correu o Brasil inteiro, contentando a sêde mistica dos simples. Assim em Mirasol, Estado de São Paulo, divulgada a notícia da vitória revolucionária de Outubro (ganha em grande parte pelo morto), a multidão se ajoelhou ao romperem dos metais da filarmonica as notas vingadoras do **Hino a João Pessoa**, pelo qual o bravo filho substituiu por muito tempo, no canto do Brasil violeiro, a bela morena do sertão.

A. DE A. M.

JORGE AMADO: **O País do Carnaval** (Schmidt editor, Rio, 1931).

Antes que eu principiasse a lêr esse livro do sr. Jorge Amado — livro que, por sinal, não é a sua obra de estréa — mais de uma pessôa me havia falado mal dêle. Não ha cousa piór que lêr com opinião preconcebida, seja a favor, seja contra ela. Encetei a leitura do **O país do carnaval**, esforçando-me por fazê-lo com a mais abso-

luta imparcialidade. Dá-se o caso, porém, que o romance do sr. Amado não agrada a principio, e quando a gente está trabalhada contra uma obra, os menores defeitos dela avolumam-se, acastelam-se, tomam proporções incriveis. O mesmo se pode dizer das qualidades de um livro quando nos falaram muito bem dele. Ora, o romance em aprêço, tem sem dúvida, alguns defeitos, como sejam: tema nada novo (a inquietude intelectual), pouca variedade nos assuntos dos dialogos e tese (haverá, mesmo, uma tese nele?) muito discutivel. Revela mais no autor certa mania de ser original, o que se depreende tambem dos titulos dos livros prometidos por ele para breve: **Rui Barbosa número 2** e **O homem da mulher e a mulher do homem.** Essa preocupação de originalidade juntamente com o seu aliado natural — o terror da pieguice, leva o romancista a ser muitas vezes obscuro, iniciando dialogos abrutamente — uma de suas predileções — e alinhando paragrafos cujo sentido dificilmente se apreende á primeira leitura. Esses defeitos, porém, estão diluidos no conjunto da obra, que é, apesar de tudo, um belo e interessantissimo romance. Aqueles que me falaram mal do livro do sr. Amado talvez julguem que é por espirito de contradição que eu digo bem dêle. Nesse caso eu me teria identificado com o personagem principal do romance — Paulo Rigger — que tinha a contradição como norma de vida. Aliás, a figura de Paulo Rigger e as de outros personagens do **O país do carnaval**, estão apanhadas ao vivo. Os caractéres do personagem aludido, do velho jornalista Pedro Ticiano, cético, pilherico e desancador de literatos de meia tigéla, assim como do discipulo rebelde dêste último, Jerónimo Soares, que fóge do ceticismo e procura a felicidade no amor, estão muito bem definidos, deram-me mesmo a impressão de velhos conhecidos. Ha no romance passagens admiraveis (sem nenhum exagêro de adjetivação) como aquela da despedida de dois amigos — Rigger e Braz — ou como a que descreve a dúvida angustiosa de Jerónimo entre seu mestre e sua amante. A propria dialogação, de que apontei o defeito de insistir demais sôbre determinado assunto, é viva, animada, brilhante e revela no sr. Jorge Amado uma vocação talvez por ele mesmo insuspeitada: a de autor teatral. Não quero me arvorar em conselheiro, mas parece-me ser o teatro um genero em que o escritor em questão se sentiria melhor que no romance. As suas descrições, embora, ás vezes, excelentes, não têm, nem de longe, o sabor dos dialogos que, para satisfação dos leitores, enchem o livro. O sainete humoristico, que acrescenta novo valor aos dialogos, é outra qualidade nada despresivel num comediógrafo e o sr. Amado a possúi em alto grau.

A. A. J.

OSCAR DE PRATT: **Gil Vicente** (Livr. Classica Edit., Lisboa, 1931).

O Autor faz uma revisão completa do que se tem tentado em Portugal "para a solução do problema vicentino". Com enorme erudição e muito critério passa em revista os estudos de Carolina Michaëlis, Braancamp Freire, Queirós Veloso, Brito Rebelo e Mendes dos Remedios, entre outros. Examinando inteligentemente as soluções alheias, nunca deixa, quando as refuta, de dar a sua. E em regra convence.

Procurando aclarar um pouco a biografia ainda (e talvez para sempre) misteriosa de Gil Vicente através de seus biografos, bem como fazer a crítica dos Autos através de seus criticos, os trinta capitulos do livro valem por uma notavel exegese vicentina, absolutamente indispensavel para quem queira compreender a obra do estupendo quinhentista. E não só a obra mas até certo ponto a época, pois o Autor situa Gil Vicente no seu

tempo e no ambiente de que foi o pintor mais saboroso. Na interpretação dos pontos mais obscuros e controversos dos autos e farças, recorre sempre aos argumentos que a história e a crónica fornecem. Assim, ainda para aqueles que, não se interessando pela crítica detalhada da obra de Gil Vicente (decifração gramatical, investigação cronologica e assim por deante), desejam adquirir uma noção geral das origens do teatro português, do meio em que se desenvolveu e do grande valor artistico que (graças a Gil Vicente) logo teve, o livro de Oscar de Pratt é bastante util. Os primeiros capitulos resumem com dados preciosos a história do teatro em Portugal, dos arremedilhos medievais aos autos e farças vicentinos. E o último é um quadro excelente do Portugal da "epopeia maritima". Dele o leitor brasileiro não poderá deixar de anotar ao menos a referencia ao "vastissimo campo penitenciario" que para a Metropole era o Brasil colonial. A expressão é felicissima e deve ser guardada.

A. DE A. M.

CARTA A' DIREÇÃO

A proposito da nota de O. G., publicada no n. 2, sôbre as **Palestras Filologicas** de Henrique Geenen, enviou-nos êste a seguinte

"Curta retificação.

Otimista impenitente, admirador entusiasta da Helade, a mãe da civilização e da cultura humana, convencido de que a filologia é a mais segura das ciencias, não podia esperar simpatia intelectual da parte do crítico da **Revista Nova**, pessimista, **laudator temporis acti**, que parece ter ogeriza á Grecia e julga que a filologia é um amontoado de sandices.

Mas a crítica ultrapassou os raios da severidade para descambar nas da injustiça.

Atribúi-me erros que só existem na imaginação do cr.

Não escrevi que **cínico**, canino, vem de **Cinosarges**, cão branco, disse apenas que a proximidade do templo assim chamado, situado perto do ginasio onde ensinava Antistenes foi o motivo principal de terem sido os seus discipulos chamados **cinicos**, apelido corroborado pelos seus costumes antisociais.

Não disse que **comitem** vem de **conde**. Inverti apenas a derivação bem propositadamente. O cr. não contestou nenhuma das numerosas etimologias apontadas. Procurando cabelos na casca do ovo, assinalou erros tipograficos nas transcrições. Não reproduzi a apocope de **coloro** num verso de Dante. Horror! Transformei Mercurio numa mulher pondo no feminino o pronome relativo **quae** por **qui**. Este "quiproquo" e outros da mesma importancia me valem acerbas incriminações. A insistencia do cr. em apontar com azedume tais ninharias prova que não achou erros de monta a não ser a denominação de golfos dada por engano a Caribdis e Scila, no afã de abreviar uma narração incidente. Só neste ponto, só neste dou a mão á palmatoria!

A demora com que faço êstes ligeiros reparos, estas retificações prova que são feitas **sine ira**, apenas para honra da firma. Grato pela inserção."

Havendo comunicado a **Curta retificação** ao sr. Orestes Guimarães, dele recebemos as linhas abaixo:

"Quero ser caridoso e peço á direção da **Revista Nova** que não transcreva os "ligeiros reparos" do professor Geenen com os erros ortograficos e outros descuidos do original. Para "honra da firma" dele. Aliás, caridade completa seria não publicá-los. Porque essa **Curta Retificação** prova, não só e mais uma vez que o professor Geenen não sabe escrever, como

ainda que não sabe ler ou lê de má fé. Coisas que não recomendam ninguem.

Assim, nada disse que autorizasse o professor Geenen a concluir que ao meu ver "a filologia é um amontoado de sandices". Do que eu disse se poderá deduzir unicamente que o livro do professor Geenen, esse sim, é o amontoado em questão. O que é bem diferente.

Assim, comentando o modo confuso por que o professor Geenen dá a etimologia de **cinico** ("O nome **cinico** proveiu precisamente dêste templo", Cinosarges, conclúi ele), me limitei a criticar o confusionismo do professor: "Quer dizer que para o professor Geenen cinico vem de Cinosarges. Não será melhor dizer tão simplesmente que cinico (kunikós) vem de cão (tema kun que tambem contribuiu para a formação de Cinosarges)? Pois está claro."

Assim, não disse que para o professor Geenen "**comitem** vem de **conde**". O que disse e torno a dizer é que invertendo "a derivação bem propositadamente" o professor Geenen contraria todas as leis da etimologia. Torno a dizer e torno a perguntar: "A que criterio cientifico obedece isso"?

Quanto aos "erros tipograficos" (admitindo que sejam), eles têm enorme importancia porque se trata de um livro de feição didatica.

E quanto á "denominação de golfos dada por engano a Caribdis e Scila no afã de abreviar uma narração incidente", aconselho mais calma ao professor Geenen afim de evitar semelhante "quiproquo" (como ele chama) e outros peores que seus livros contêm. Dêsses disparates (como eu chamo) Alexandre Corrêa mostra o tamanho num artigo recente ("Mau livro e livro mau", **A Ordem**, n. de dezembro de 1931)."

ERRATA

No **Momento**, do n. anterior, deve ler-se: "o fenomeno ganha as proporções assustadoras de uma epidemia: a **parlantina**, como se diz na Italia", e não como saiu escrito.

RECEBEMOS:

— Osorio de Oliveira: "Geografia Literaria" (Coimbra, Impr. da Universidade, 1931).

— Gina Carvalho: "Histórias da Casa Grande" (Emp. Graf. da Revista dos Tribunais, S. Paulo, 1932).

— Sergio Milliet: "Terminus sêco e outros cocktails" (Est. Graf. Irmãos Ferraz, São Paulo, 1932).

— D. Martins de Oliveira: "No País das Carnaúbas" (Rio, 193)2.

— Henrique Geenen: "Dois filosofos sul-americanos" (Tip. do Globo, São Paulo, 1931).

— Gastón Figueira: "Rio de Janeiro, Ciudad de Hechiceria" (Cabaut & Cia., B. Aires, 1931) e "Las Baladas" (Cabaut & Cia., B. Aires, 1930).

— "Portucale" (Porto, Portugal), n. de setembro-outubro.

— "Megáfono" (Buenos Aires), n. de dezembro.

— "Descobrimento" (Lisboa), ns. 1, 2 e 3 de 1931.

— "Monterrey" (Correo Literario de Alfonso Reyes, Rio), n. de dezembro.

— "Vortice" (Porto Rico), n. de novembro-dezembro.

— "Nosotros" (B. Aires), ns. de novembro e dezembro.

— GEGHP (Gabinete de Estudinhos de Geografia e História da Paraiba), ano I, n. 2.

— "Brasil-Polonia" (órgão da Soc. Polono-Brasileira, Rio), ns. de outubro e novembro.

— "Campo" (Guadalajara, Mexico), n. de março-abril de 1931.

— "Claridad" (B. Aires). ns. de 10 e 24 de outubro e 14 e 28 de novembro.

— "La Vie Intellectuelle" (Juvisy, França), ns. de novembro e dezembro.

COLABORADORES DÊSTE NÚMERO:

Sergio Milliet — poeta, crítico e jornalista, nascido em São Paulo, autor de "Poemas analogos" e "Terminus sêco e outros cocktails".

Alberto Rangel — historiador e novelista pernambucano, autor de "Pedro I e a Marquesa de Santos" e "Inferno Verde".

Ribeiro Couto — poeta e romancista, nascido em São Paulo, auxiliar do Consulado do Brasil em Paris, autor de "Baianinha e outras mulheres", "Um homem na multidão" e "Cabocla".

Ermelino A. de Leão — do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, autor de "Vultos do passado paulista".

Martins de Almeida — crítico e ensaista mineiro, advogado em Valença (Estado do Rio de Janeiro).

Alfredo Ellis (Junior) — Historiador e ensaista, natural de São Paulo, catedratico da Faculdade Paulista de Letras e Filósofia, autor de "Raça de Gigantes".

José de Mesquita — poeta e novelista, desembargador em Cuiabá, presidente do Centro Matogrossense de Letras.

Brasiliana

2 - Repelindo um paralelo

De uma entrevista do general Góes Monteiro, comandante da II Região Militar:

"NAPOLEÃO NO BRASIL"

"Não sei porquê, ultimamente, depois que entrou na sua fase aguda a questão da Constituição, alguns jornalistas sempre procuram envolver o nome do grande guerreiro quando se referem ao obscuro soldado da revolução, que eu sou.

Ora, uma tal insistencia, não tem razão de ser. Em primeiro lugar, não sei a que Napoleão se referem. Os mais notaveis da Historia foram os Imperadores franceses: Napoleão I, o Grande; Napoleão II, que não reinou; e Napoleão III, o Pequeno.

O primeiro foi tenente, general: derrubou uma Constituição; foi Consul e Imperador. Procurou organisar um sistema politico universal, sob a hegemonia da França e a sua obra grandiosa, por todos os titulos, sossobrou, sobretudo devido á sua grande ambição. Além de grande homem de Estado, foi o maior guerreiro dos tempos modernos.

O terceiro não foi tenente nem general, derrubou outra Constituição e tambem se proclamou imperador, para imitar o tio. Foi uma aurea mediocridade, que afundou no campo da batalha de Sedan.

O segundo não teve atividade política: a sua vida foi exterminada por obra dos inimigos de seu pai.

Não vejo, pois, em que possa haver qualquer paralelo, analogia ou ponto de contato, com esses ou outros Napoleões. Até mesmo uma cousa me distingue do primeiro: ele era um grande adversario da imprensa e eu sou dela um grande admirador, a ponto de nunca deixar sem resposta as perguntas que todos os jornalistas do Brasil me têm feito, pois eles são de fato os verdadeiros donos do país e não as entidades que eles dizem que são. E, como esta, são numerosas e fundamentais as diferenças fisico-psicologicas entre mim e o grande corso. Ha, é verdade, imitadores "manqués", ou não, dêste grande homem com farda e sem farda: modernamente Ludendorf, Mussolini, Mustafa, Trotzky, etc.".

(Da **Folha da Manhã**, de São Paulo, n. de 4-1-932).

3 - O poliglota

"Rio, 23 (A. B.) — A "Batalha" diz que, ontem, ao visitar o ministro José Americo, o ministro Cardoso encontrou sobre a mesa do salão de espera daquele titular uma gramatica dinamarquêsa, de propriedade do poeta Raul Machado, que tambem é um poliglota como o atual ministro da Justiça. Este, vendo o livro, leu em voz alta:

— "Wied Danisch Konversation Grammatik", e perguntou, curioso:

— Quem é que fala dinamarquês aqui? Ha muito tempo que não pratico um pouco..."

(Da **Folha da Noite**, de São Paulo, n. de 23-12-931).

4 - Jôgo do bicho

"O chefe de policia do Ceará declarou livre o jôgo do bicho. Justificou essa resolução, declarando que o Ceará é pobre e uma grande porção de gente vive do jôgo do bicho. Perseguí-lo, portanto, será perseguir essa gente miseravel, arrancando-lhe o unico meio que tem para poder arranjar o pão para a familia."

(Do **Diario Popular**, de São Paulo, n. de 9-1-932).

5 - Acôrdo ministerial

"RIO — O ministro Oswaldo Aranha trouxe de Teresopolis para presentear a seu amigo General Leite de Castro, um terno de frangos "Leghorn", considerados um verdadeiro primor da raça galinacea.

Hoje, o ministro Leite de Castro agradeceu o presente do colega.

— Não têm fundamento as noticias da saida do general Leite de Castro do ministerio da Guerra.

Ele está de pleno acôrdo com o govêrno."

(Do **Diario Popular**, de S. Paulo, n. de 13-11-931).

Resenha

A proposito da "Nota" de Mario de Andrade aos "Estudos" (4.ª série) de Tristão de Athayde

O numero 3 da **Revista Nova** foi um numero ruim. No centenario do nascimento de Alvares de Azevedo era licito esperar-se cousa melhor. **A crítica á obra do grande romantico ainda está por ser produzida. Devia ser feita. E ninguem fez senão trazer uns cacêtes dados biograficos completamente dispensaveis ao estudo do poeta.**

O que traz de melhor a Revista são umas Notas de Mario de Andrade (M. de A.) aliás que deviam ser publicadas no numero 2 e que o não foram por excesso de materia — o que não é novidade em qualquer canto do Brasil onde se fundar um jornal, ou uma revista.

Elas se escreveram á margem da quarta serie de Estudos de Tristão de Athayde.

Mario de Andrade que escreve em delicioso dialeto português se fez justiça á pessoa de Tristão não fez justiça ás idéas de Tristão. E por isso faz pena que não se possa concordar sempre com ele. Sobretudo faltam nele as idéas gerais absolutas, que censura no critico catolico. E porque não as tem não póde lançar depois de muitas observações certas e de tão grande interesse, um golpe de vista circular, como diria o autor da Indisciplina dos costumes.

O grande erro de Mario de Andrade foi não imaginar sequer uma vez que a doutrina que reformou Tristão de Athayde fosse uma doutrina verdadeira. E não é por outra cousa que o vemos apelidar, aliás num sentido muito nobre e com muita bôa intenção, ao sociologo de **Estudos de pragmatista.**

Eu, se pudesse, convidaria M. de A. a fazer de novo aquele artigo, partindo da verdade catolica.

Com muita desolação constatamos ainda nele que lamenta o quanto de confusionismo existe nesta terra; o nada que é a nossa disciplina intelectual — e por isso tambem moral —; o cáos em que tudo aqui se debate; ainda nele se nota a enorme falta que á cultura brasileira está fazendo uma doutrina metafisica que seja tão vigorosa que a oriente num só sentido no meio dessa desordem, dessa desordem... Só assim ele poderia compreender certas atitudes de Tristão de Athayde ás quais se aplicariam as palavras de Henri Massis (Jugements) — "não se trata de condenar a arte, mas de submetê-la á verdade que é

a unica coisa que tem direitos sobre os dela."

O problema da relação entre a arte e a moral, que sob o ponto de vista menos critico que filosofico, Mario de Andrade mostrou desconhecer — é essencialmente um problema humano. Porque se ela tem por fins **a obra mesma e sua beleza,** na feliz expressão dos escolasticos e assim independe de toda limitação subjetiva, o artista que a produz tem de obedecer ás orientações da prudencia, para que não venha a se afastar do fim, que lhe é ontologicamente, infinitamente superior e necessitante. Mas isto não quer dizer que se deva separar o homem do artista como compreendeu Mario de Andrade. Um é o mesmo outro enriquecido de **habitos** que são como **titulos de nobreza metafisica** (Maritain). Creio que com isto está dito tudo e uma **arte cristã** torna-se perfeitamente compreensivel, e até esperada, com muito mais probabilidade que uma arte bolchevista ou uma arte fascista.

E é só pela desordem do mundo que uma poesia de um catolico póde não ser uma arte catolica. Ninguem que perceber isto póde julgar Tristão de Athayde, ou Jackson de Figueirêdo, dois pensadores sectarios, no sentido comum e pejorativo do termo. E' que vivendo eles integralmente a idéa cristã esta dominou-os e toda a sua vida se repassou dela.

Aqui, como em qualquer outra parte, é espantoso que se não admire a extraordinaria logica da Igreja. Condenando tudo o que se fizer intencionalmente contra (no plano do **fazer** não interessa esse elemento intencional que prepondera no plano do **agir**) esse fim. Ou estiver feito de tal forma que não possa existir sem ser pernicioso a todos. E, ao mesmo tempo, tolerando aquelas coisas que perigosas para muitos não ofendem, entretanto, irremissivelmente a todos. Daí é que **nascem** a suposta prevenção da Igreja á **liberdade de ler** e o, para muitos, seu incompreensivel zelo, exigindo dos fieis que tiverem verdadeira necessidade de uma maior liberalidade nas leituras, licença especial do ordinario, na qual muitas vezes ainda vem explicita a restrição "exceptis operibus haeresim vel schisma ex professo propugnantibus, vel etiam ipsa religionis fundamenta evertere intentibus, necuon operibus ex professo de obscenis tractantibus."

A Igreja que acredita no livre arbitrio mas reconhece as condições em que ele tem lugar, ensina que, em beneficio da **cidade,** e como oficio da politica, deve o Estado proscrever bibliotecas que são para a maioria perniciosas, ao mesmo tempo que aconselha individualmente ao homem que se livre das ocasiões de pecado.

Coisas assim tão simples, Mario de Andrade não compreendeu. E porque não as compreendeu se apresentou igual aos outros desta terra adoravel de misturas de alma e de sangue...

Eu mesmo posso testemunhar que tenho visto aqui muito pouca gente com idéas claras e soluções achadas... Aqui um jornal faz todo o mundo perder a cabeça quando se sabe que o jornal é feito para perder a cabeça somente áqueles que não a têm. Tudo se faz embaucado e, por fôrça de não sei quê, não tem fôrça para vencer as palavras...

Num país onde ninguem quer estudar, onde nem disciplina se consegue ter porque não existem freios morais e habitos de obedecer; onde o que existe é improvisado, nasceu ás carreiras e ás carreiras se edificam instituições e se fazem estadistas; onde se diz que o estudo serio, meditado, metodico é inutil, onde se vive de surpresa e se assiste cotidianamente ás encenações porque na pratica tudo é diferente; mais surpreendentes; onde o máu estudante póde, sem se saber como, virar mais tarde jurisconsulto ou sociologo, medico de fama, ou engenheiro de renome; onde se resolvem com a maior facilidade todos os casos ocorrentes e com a mesma facilidade se **disresolvem**... num país deste eu

não me admiro de encontrar um povo inconciente á beira do abismo. Eu não me admiro de ver tudo misturado. De ver resolvidas umas coisas com o senso catolico mais ortodoxo, e outras de acordo com os principios bolchevistas mais vermelhos...

Ninguem aqui suporta ouvir dizer que não sabe o que quer. Certamente sabe-se o que se quer, o que se não sabe é o que se deve querer...

E' por isso que avulta o papel de um Tristão de Athayde. Como disciplinador dessa cousa que se diz ser a nossa cultura no meio de uma incultura alarmante de quasi letrados, que escrevem diariamente tolices, incapazes de um esforço mais prolongado em busca de uma doutrina, que seja uma doutrina de vida. Porque o mal tem sido, invariavelmente, esse de se procurar viver solto, flutuante, sem uma razão profunda que explique tudo.

E Tristão de Athayde deve continuar como critico, ele que é o melhor que ainda tivemos, ou o unico que ousamos apresentar diferente dos outros todos á Sainte-Beuve.

A critica deve ser positiva para se ajustar o critico do agir com o critico do fazer. E, mais precisamente, não permitir que a literatura venha por si, falsa, romantica, mentirosa, ou canalha, e não como alguma cousa que sóbe de uma convicção profunda e intima, que transborda de uma vida abundante e humanamente tranquila. Deste modo ela não será somente contra, ela argumentará tambem a favor. Para quem possue a verdade é tão lastimavel seguir o erro de um dogmatismo como o erro do ceticismo.

Em todo o artigo de Mario de Andrade, que não se póde chamar de precioso e que portanto não tinha necessidade de chave de ouro, eu receei encontrar o que terminei achando precisamente no fim. E nisso que julgo a mais dolorosa das idéas obsediantes de quem se vê levado, pela realidade triste, ás conclusões amargas e pessimistas, tenho tentado não acreditar. Que aquela confissão que para mim só é condenavel porque é resignada, covarde e inexplicavelmente, saindo assim da boca de quem não se póde acusar de suspeito ás idéas de Tristão de Athayde sirva tambem de advertencia... Sirva para alguma cousa o dizer-se que ha alguem de muita força e de muito merito, de muito carater e de muita inteligencia no empenho imenso, embora inutil, quem sabe? de apagar um incendio, de aparar com uma mão um raio, sacrificando heroicamente tudo pela salvação de uma coisa, que talvez não venha nunca, que nunca talvez se realize...

1-10-931.

J. V. COELHO

(D'A **Imprensa**, de João Pessoa, n. de 4-11-931).

REVISTA NOVA

publicará nos proximos numeros:

ALBERTO RANGEL: "Cruêra" (*cont.*) — ALFREDO ELLIS (JUNIOR): "Populações paulistas" (*cont.*) — AMADEU AMARAL JUNIOR: "Superstições do povo paulista" (*cont.*) — ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO: "Três milagres de Anchieta" — AUGUSTO MEYER: Poemas — CARLOS PINTO ALVES: "Goethe e a desordem contemporanea" — E. ROQUETTE PINTO: Fragmento do "Fausto", 2.ª parte (*trad. do original*) — EUGENIO DE CASTRO: Estudo, com documentação inedita, sôbre o Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro — ERMELINO A. DE LEÃO: "A luta dos Pires e Camargos" — LEOCADIO PEREIRA: "Romanceiro de Lampeão" — LUIZ DA CAMARA CASCUDO: "Poetica sertaneja" (*ensaio sôbre a poesia popular nordestina*) — MACHADO DE ASSIS: "Desencantos" (*comedia em 2 atos*) — MARIO DE ANDRADE: "Menina de ôlho no fundo" (*conto*) e "Girasol da Madrugada" (*poemas*) — RIBEIRO COUTO: Estudo sôbre a moderna poesia portuguesa — RODRIGO M. F. DE ANDRADE: "O entêrro de seu Ernesto" (*narração*) — RODRIGUES DE CARVALHO: "Lingua Nacional" (*cont.*)

PORTUCALE

REVISTA ILUSTRADA DE CULTURA LITERARIA, CIENTÍFICA E ARTISTICA

DIREÇÃO DE AUGUSTO MARTINS, CLAUDIO BASTO E PEDRO VITORINO

Red. e adm.:
Rua dos Martires da Liberdade n. 178
PORTO — PORTUGAL

REVISTA NOVA

em suas NOTAS não se ocupará dos livros enviados pessoalmente aos seus diretores, e pede que a mencionem no caso de reprodução ou referencia a trabalhos nela publicados.

Auxiliem a

REVISTA NOVA

a cumprir o
seu programa
de cultura,
remetendo-lhe

Rs. 28$000,

importancia
de uma assi-
natura anual

E. G. "Revista dos Tribunaes"
Rua Xavier de Toledo, 72
São Paulo — 1932

46792